

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANALICE OHASHI DA TRINDADE

**“VALE A PENA ACREDITAR NA CIDADE”: O MOVIMENTO ATIVISTA EM  
CURITIBA E SUAS PRÁTICAS**

CURITIBA

2016

ANALICE OHASHI DA TRINDADE

**“VALE A PENA ACREDITAR NA CIDADE”: O MOVIMENTO ATIVISTA EM  
CURITIBA E SUAS PRÁTICAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

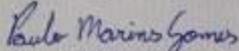
Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sandra Jacqueline Stoll

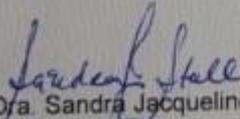
CURITIBA

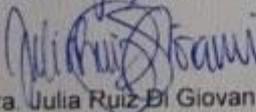
2016

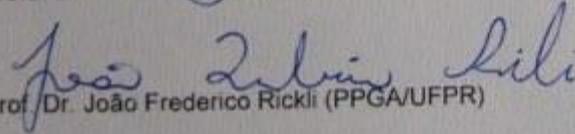
**134ª ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE  
DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE  
EM ANTRPOLOGIA SOCIAL.**

Ao primeiro dia do mês de setembro de dois mil e dezesseis, às quatorze horas, na Sala 3 da Casa Lilás, Edifício D. Pedro I, do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná (SCH/UFPR), foram instalados os trabalhos de arguição da mestranda **Analice Ohashi da Trindade** para a Defesa Pública de sua Dissertação intitulada: "**VALE A PENA ACREDITAR NA CIDADE: O MOVIMENTO ATIVISTA EM CURITIBA E SUAS PRÁTICAS**". A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Paraná (PPGA/UFPR), foi constituída pelos seguintes Professores Doutores Sandra Jacqueline Stoll (orientadora), presidente da sessão, Julia Ruiz Di Giovanni (PPGAS-USP) e João Frederico Rickli (PPGA/UFPR). Dando início à sessão, a presidente passou a palavra à aluna, para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidente da sessão passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidente retomou a palavra para suas considerações finais e, depois, solicitou aos presentes e à mestranda que deixassem a sala. A Banca Examinadora, então, reuniu-se sigilosamente para discussão de suas avaliações, e decidiu pela APROVAÇÃO da aluna. A mestranda foi convidada a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidente da sessão fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora, outorgando-lhe o Grau de **Mestre em Antropologia Social**. Nada mais havendo a sessão foi encerrada, da qual eu, Paulo Marins Gomes, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora. Curitiba, 1 de setembro de 2016.

  
Paulo Marins Gomes

  
Profa. Dra. Sandra Jacqueline Stoll (Orientadora)

  
Profa. Dra. Julia Ruiz Di Giovanni (PPGAS-USP)

  
Prof. Dr. João Frederico Rickli (PPGAUFPR)

Dedico este trabalho a todas as pessoas que acreditam que a transformação das cidades pode resultar na transformação do homem e que a transformação do homem pode levar à construção de cidades melhores.

## **AGRADECIMENTOS**

Esta dissertação é fruto da colaboração de muitas pessoas. Assim, gostaria de expressar minha imensa gratidão a todas que estiveram presentes ao longo desse processo de construção, crescimento e amadurecimento.

Agradeço inicialmente aos meus colegas e interlocutores, em especial a Goura Nataraj e Yasmin Reck, pelas conversas e inúmeras vivências que me permitiram em campo, sem os quais essa pesquisa nunca teria sido realizada.

Agradeço especialmente à minha orientadora, Professora Dr<sup>a</sup> Sandra Stoll que encarou ao meu lado este desafio e não mediu esforços para a realização desta pesquisa. Gostaria de destacar o quanto devo a ela e o quanto este trabalho é fruto da sua sensibilidade, paciência e dedicação. Agradeço pelos inúmeros momentos de orientação, leituras, conversas e pelo compartilhar de um novo olhar sobre a Antropologia.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPR que contribuíram para a minha formação acadêmica, de maneira especial a João Rickli, Eva Scheliga, Liliana Porto, Laura Pérez Gil, Paulo Guérios e Edilene Coffaci com os quais tive a oportunidade de cursar disciplinas. Aos professores Cimeia Bevilaqua e Miguel Alfredo Carid Naveira, agradeço pela participação na minha banca de qualificação e pelas valiosas contribuições, de grande importância para a versão final da dissertação.

Agradeço também à CAPES pela bolsa obtida ao longo de 2014 e 2015, do Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Paraná. E ao Paulo Marins, funcionário do Departamento de Antropologia, pelo auxílio com os trâmites da Universidade.

Às colegas Julia Basso, Fernanda Azeredo, Magda Mascarello, Dandara Damas, Geslline Braga, Patrícia Martins, Helena Kussik e Laís Cândida Ferreira pelas trocas e pela amizade sedimentada a partir da Antropologia.

Por fim, agradeço à minha família, por todo o companheirismo e apoio nesses últimos anos e por, desde cedo, me ensinar valores como amor e justiça e a importância do conhecimento. Dedico a eles este trabalho.

“Queríamos fazer um conjunto, bem.  
Queríamos ir juntos à cidade, muito bem.  
Só que, à medida que a gente ia caminhando,  
quando começamos a falar dessa cidade, fui percebendo  
que os meus amigos tinham umas ideias bem esquisitas  
sobre o que é uma cidade.”

*A cidade ideal.* Chico Buarque

## RESUMO

Nos últimos anos, a ação de grupos ativistas urbanos vem se intensificando nas grandes cidades. Eles se organizam em coletivos e ocupam praças, ruas e outros espaços públicos da cidade e, neste processo, suas ações vêm ganhando visibilidade. Por meio da pesquisa etnográfica realizada entre os anos de 2014 e 2015 junto aos movimentos da Praça de Bolso do Ciclista e Vaga Viva, este estudo busca analisar algumas dessas experiências e, a partir de seus discursos e práticas, apreender a forma de organização e articulação de grupos ativistas na cidade de Curitiba. A principal questão desse trabalho refere-se à inserção e atuação desses grupos. Para tal procurou-se apreender os processos através dos quais eles se relacionam com a cidade e quais as tensões e transformações surgidas a partir dessas ações.

**Palavras-chave:** Ativismo. Espaço público. Cidade. Ocupação.

## ABSTRACT

In recent years the action of urban activist groups has been intensified in large cities. They are organized in collective and occupy squares, streets and other public spaces in the city and, in this process, their actions have been gaining visibility. Through the ethnographic research conducted between 2014 and 2015 with *Praça de Bolso do Ciclista* and *Vaga Viva*, in Curitiba, this study seeks to analyze some of these experiences and, through their discourses and practices, learn the activist's form of organization and articulation. The main issue of this work refers to the presence and action of these groups. To achieve this objective we tried to grasp the processes through they relate to the city and which tensions and transformations arise from this activism.

**Keywords:** Activism. Public place. City. Occupation.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Fachadas estabelecimentos Rua São Francisco .....	34
FIGURA 2 – Fachadas estabelecimentos Rua São Francisco .....	35
FIGURA 3 – Mapa da Praça de Bolso do Ciclista .....	36
FIGURA 4 – Terreno da Praça de Bolso do Ciclista fechado por tapumes.....	37
FIGURA 5 – Mural Mona Caron .....	39
FIGURA 6 – Cartaz de divulgação mutirões.....	40
FIGURA 7 – Reunião de apresentação projeto .....	40
FIGURA 8 – Tapume Praça de Bolso do Ciclista.....	41
FIGURA 9 – Cartaz de divulgação mutirões.....	43
FIGURA 10 – Mutirão de construção I Rua São Francisco .....	45
FIGURA 11 – Oficina de arte urbana .....	48
FIGURA 12 – Inauguração Praça de Bolso do Ciclista .....	54
FIGURA 13 – Inauguração Praça de Bolso do Ciclista .....	54
FIGURA 14 – Festival ArteBiciMob.....	58
FIGURA 15 – Festival Musicletada.....	60
FIGURA 16 – Festival Musicletada.....	61
FIGURA 17 – Abordagem policial.....	78
FIGURA 18 – Cartaz “Esquenta Mutirão” .....	85
FIGURA 19 – Mutirão do Mosaico (MUMO) .....	87
FIGURA 20 – Pinturas na parede da Praça.....	88
FIGURA 21 – Novo mural I Praça de Bolso do Ciclista .....	90
FIGURA 22 – Vaga Viva I Avenida Cândido de Abreu .....	92
FIGURA 23 – Infográfico <i>Parklet</i> .....	95
FIGURA 24 – Vaga Viva I Praça Osório .....	96
FIGURA 25 – Vaga Viva I Av. Cândido de Abreu .....	97
FIGURA 26 – Material de divulgação I 1º Encontro #VagaVivaCuritiba.....	103
FIGURA 27 – Material de divulgação I Semana do 322 .....	105
FIGURA 28 – Vaga Viva Artística .....	109
FIGURA 29 – Vaga Viva UTFPR.....	113
FIGURA 30 – Vaga Viva Bike Dia.....	114
FIGURA 31 – Jardinagem Libertária .....	115
FIGURA 32 – Ciclo de debates Bike Dia .....	118

FIGURA 33 – Divulgação Vaga Viva 351 .....	122
FIGURA 34 – Vaga Viva Semana de Economia Colaborativa .....	123
FIGURA 35 – Reunião de organização 1º Festival de Vagas Vivas .....	127
FIGURA 36 – 1º Festival de Vagas Vivas .....	129
FIGURA 37 – Divulgação 2º Festival Vaga Viva .....	130
FIGURA 38 – Vaga Viva Avenida Cândido de Abreu .....	132
FIGURA 39 – Vaga Viva Rua Riachuelo .....	135
FIGURA 40 – Vaga Viva Avenida Cândido de Abreu .....	136
FIGURA 41 – Domingo na Urbe .....	143
FIGURA 42 – Bicletada .....	144
FIGURA 43 – Ciclofaixa pirata .....	146
FIGURA 44 – Instalação multimídia Museu de Arte Contemporânea .....	147
FIGURA 45 – Grade sobre Grade .....	148
FIGURA 46 – Bolas Vermelhas .....	148
FIGURA 47 – Jardinagem Libertária .....	150
FIGURA 48 – Praça Pirata .....	151
FIGURA 49 – <i>Fuck Andor</i> .....	153
FIGURA 50 – Perfil Goura .....	163
FIGURA 51 – Material campanha eleitoral .....	165
FIGURA 52 – Material campanha eleitoral .....	166

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
O CAMPO EM SEU CONTEXTO .....	14
O CAMPO E ALGUMAS POSSIBILIDADES DE ABORDAGEM.....	17
DOS MOVIMENTOS QUE ME CONDUZIRAM AO CAMPO.....	20
CAMINHOS METODOLÓGICOS .....	28
<b>1. PRAÇA DE BOLSO DO CICLISTA .....</b>	<b>33</b>
1.1 A MOBILIZAÇÃO.....	36
1.2 OS MUTIRÕES .....	42
1.3 A INAUGURAÇÃO .....	53
1.4 OCUPANDO A PRAÇA.....	56
1.5 OS CONFLITOS.....	67
1.5.1 A PRAÇA SEGUNDO OS PRACEIROS.....	69
1.5.2 A PRAÇA SEGUNDO OS COMERCIANTES.....	72
1.5.3 A PRAÇA SEGUNDO A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA.....	77
1.5.4 A PRAÇA NA VISÃO DE OUTROS USUÁRIOS .....	79
1.6 CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA DE USO.....	82
<b>2. VAGA VIVA .....</b>	<b>91</b>
2.1 VAGA VIVA EM CURITIBA.....	96
2.1.1 VAGA VIVA COMO PLATAFORMA ELEITORAL.....	101
2.1.2 1º. ENCONTRO #VAGAVIVA CURITIBA .....	103
2.2 SEMANA DO 322.....	106
2.2.1 VAGA VIVA ARTÍSTICA .....	106
2.2.2 VAGA VIVA UTFPR.....	111
2.2.3 VAGA VIVA BIKE DIA.....	113
2.2.4 REPERCUSSÃO.....	121
2.3 FESTIVAL DAS VAGAS VIVAS.....	126
2.4 VAGAS VIVAS PERMANENTES OU <i>PARKLETS</i> .....	131
<b>3. O MOVIMENTO DO MOVIMENTO .....</b>	<b>138</b>
3.1 O MOVIMENTO ARTIVISTA .....	138
3.2 O MOVIMENTO INSTITUCIONAL .....	157
3.3 O MOVIMENTO POLÍTICO.....	162
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>172</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>175</b>

## APRESENTAÇÃO

[...] vale a pena acreditar na cidade, principalmente como espaço público, não como nossos espaços privados, mas a cidade e os espaços de convivência das cidades. Foi bem oportuno começar aqui essa caminhada, porque esse é um ponto muito emblemático da atual condição, do avanço dos interesses nesse sentido, de reocupar, reutilizar esses espaços públicos de maneira sadia. (DIMAS, 2015a)<sup>1</sup>.

Emblemática, a afirmação acima, do artista visual Claudio Celestino Dimas, constitui um dos fragmentos da pesquisa etnográfica<sup>2</sup> base desta dissertação, pois permite entrever algumas das questões que serão abordadas neste trabalho, notadamente a discussão sobre modelos de cidade. Nos últimos anos o debate sobre os usos do espaço público tem alçado relevância política, envolvendo determinados grupos da sociedade civil, em especial grupos ativistas urbanos e o Poder Público, por meio de seus gestores. Não apenas o planejamento do espaço público urbano está em discussão, mas também os modos de sua produção e as diversas formas de apropriação que se possam fazer dele.

Este trabalho deteve-se sobre algumas ações realizadas por ativistas na cidade de Curitiba com o intuito de apreender como se tem constituído movimentos e ações políticas no contexto urbano. Eixo central deste trabalho, a pergunta acerca da relação entre as ações e os movimentos em torno dos usos do espaço urbano se insere no conjunto da antropologia urbana em que o método etnográfico para a apreensão de contextos contemporâneos é um forte legado desta área de conhecimento para os estudos nas e das metrópoles.

Dentre as ações promovidas por estes, elegi duas que podem contribuir para a compreensão tanto de sua concepção de espaço urbano quanto de suas formas de agir. São elas: a construção da Praça de Bolso do Ciclista e as chamadas Vagas Vivas<sup>3</sup>.

Inaugurada em 2014, a Praça de Bolso do Ciclista foi construída por iniciativa de ciclistas e ativistas de Curitiba, sob coordenação da Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu – a Ciclolguaçu. Essa praça foi construída num terreno cedido pela Prefeitura

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida por DIMAS, Claudio Celestino. [3 maio 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015a.

<sup>2</sup> Todas as entrevistas a mim concedidas encontram-se disponíveis para consulta somente mediante solicitação de acesso a meu acervo pessoal, pelo e-mail: <analicetrindade@gmail.com>.

<sup>3</sup> Para a construção deste texto, utilizarei a expressão *Vaga Viva* tendo em vista que é a expressão mais utilizada pelos meus interlocutores.

Municipal e contou com parceria entre ativistas, órgãos do Poder Público e a iniciativa privada. A construção durou cerca de seis meses e foi realizada pelos próprios ativistas por meio de mutirões semanais. O processo de construção da Praça ganhou bastante visibilidade na mídia, assim como seu uso após a inauguração. As Vagas Vivas, por sua vez, consistem em intervenções urbanas de caráter performático, por meio das quais “mini praças” são instaladas no lugar de vagas destinadas ao estacionamento rotativo de carros. As Vagas Vivas são, portanto, uma intervenção no espaço urbano cuja ocupação se destina a diversas atividades, em geral ligadas ao lazer. O objetivo da Vaga Viva, segundo seus promotores, é provocar reflexão sobre a utilização do espaço público como espaço de convivência social e a ampliação dos espaços de lazer na cidade. Desde 2014, ações de Vagas Vivas vêm sendo propostas de forma mais intensiva em Curitiba, culminando com na instalação de duas Vagas Vivas permanentes na cidade em 2015.

Essas duas experiências de intervenção urbana – a Praça de Bolso do Ciclista e as Vagas Vivas – são, ao mesmo tempo, partida e chegada desta pesquisa. Ambas foram construídas e/ou promovidas por agentes que chamo aqui de ativistas. Estes compõem, constroem e são construídos por um movimento que, diferente dos movimentos sociais clássicos das décadas de 1970 e 1980, é marcado por certa fluidez programática e até mesmo ideológica. Eles questionam certos usos do espaço urbano e propõem formas mais participativas de cidadania por meio da realização de experiências concretas no espaço público urbano.

Mas como apresentar o rosto de um movimento de identidade fluida e móvel, ainda que suas ações sejam bastante concretas e em muitos casos efetivas? Até mesmo a tarefa de dar um nome a esse movimento parece não fazer sentido para os próprios agentes. O desafio consistiu, portanto, em acompanhar os processos de organização e atuação de grupos ativistas que promovem a ocupação de espaços públicos na cidade de Curitiba como forma de discutir o uso e a convivência nesses espaços, e os conflitos surgidos em torno de sua ação. Entre as suas demandas, além da construção de políticas públicas relativas à mobilidade urbana, criação de novos espaços públicos e preservação de áreas verdes, está o direito de interferir diretamente nos processos de planejamento da cidade. Frente à verificação de existência de diversas ações dessa natureza, as particularidades do seu modo de atuação e a organização de uma pauta de reivindicações própria, existe uma trajetória sobre a qual acredito ser possível sugerir algumas pistas, ou no mínimo oferecer

informações a partir da experiência etnográfica realizada nos últimos dois anos na cidade de Curitiba.

A partir do objetivo geral, que é apreender os processos pelos quais grupos ativistas têm ocupado espaços públicos como forma de discutir o uso e a convivência nesses espaços, analisei as relações que se estabelecem entre esses agentes e os gestores públicos, questão chave para compreender não apenas os usos que se fazem do espaço urbano, mas também as concepções de ativistas, gestores e demais agentes sociais sobre a cidade.

Essa relação entre ativistas e gestores públicos sofreu mudanças ao longo de um breve período de tempo. Desde os primeiros esboços de ações em 2005 até a efetivação da Praça de Bolso e das Vagas Vivas permanentes em 2015, as relações entre os órgãos públicos e os ativistas foram da criminalização à institucionalização. Se no início ativistas organizavam ocupações e intervenções, inclusive sob o risco de sofrer penalizações jurídicas, atualmente, com a integração de alguns membros desse movimento em órgãos e secretarias do governo municipal, pode-se dizer que houve avanços e conquistas, ainda que a proximidade com o Poder Público não seja ponto pacífico dentro do próprio movimento.

Outro objetivo foi apreender o “movimento do movimento”, ou seja, quais são as dinâmicas que caracterizam as ações desses grupos? Como as ações são produzidas por seus agentes e acabam por produzi-los ao mesmo tempo? Ainda que as ações desses movimentos contemporâneos, do ponto de vista dos objetivos, se assemelhem a alguns movimentos sociais mais tradicionais, como os atuantes nos anos 1970 e 1980, do ponto de vista da forma de agir e seus agentes os movimentos como os aqui etnografados se distanciam dessas experiências vividas em décadas anteriores. Essas especificidades puderam ser demarcadas a partir da trajetória de alguns de seus membros, desvelando-se a partir de algumas entrevistas traços que apontam para um novo agir e um novo rosto do ativismo social.

O primeiro desafio enfrentado na pesquisa sobre esses grupos e suas práticas é a própria definição destes uma vez que, por se tratar de fenômeno recente, ainda não há produção teórica substancial sobre o tema. De forma que perguntas básicas como: o que são grupos ativistas urbanos? Quem são as pessoas que os compõem? Como agem e como se organizam? Quais são suas características? Quais são seus objetivos? Como pensam cidade, qualidade de vida, práticas urbanas? Foram perguntas que direcionaram as incursões em campo e perpassam toda a dissertação.

## O CAMPO EM SEU CONTEXTO

No Brasil, a atuação de grupos ativistas urbanos têm se destacado como objeto de investigação, especialmente porque as ações organizadas por estes envolvem, entre outras coisas, a proposta de novos modelos de sociabilidade urbana e a vivência desses espaços.

Um dos casos que inspirou a realização desta etnografia e auxiliou na compreensão desse contexto de pesquisa foi o Ocupe Estelita, em Pernambuco. O Ocupe Estelita é um movimento social e cultural formado por moradores da cidade de Recife em 2012 (em sua maioria de classe média, muitos deles profissionais liberais, de áreas como direito, arquitetura, sociologia, artes, jornalismo, design, antropologia, entre outros) contra a venda do Cais José Estelita, considerado um marco histórico da cidade e que fora leiloado irregularmente para um consórcio imobiliário (BUENO, 2014).

O grupo passou a ocupar o local realizando atividades artísticas e culturais como forma de protesto, bem como para reivindicar o direito da população de participar e opinar sobre o destino e uso daquele espaço. Apesar de obter algumas vitórias judiciais no sentido de reverter o leilão de venda do cais José Estelita, o movimento continua buscando a “democratização do espaço urbano em Recife”.

O Ocupe Estelita, assim como outros movimentos<sup>4</sup> que surgiram no país a partir de 2010, coloca em evidência a questão da apropriação social do espaço público. As práticas desses grupos foram surgindo de forma mais ou menos simultânea e independente em diversas cidades e regiões do país, como atesta o registro da imprensa:

Ruas e praças estão sendo ocupadas por artistas, movimentos sociais e coletivos culturais. A ideia é levar diferentes manifestações culturais, dar vida a lugares públicos e resgatar o verdadeiro sentido de pertencimento desses espaços.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Entre eles o movimento Ponta do Coral, de Florianópolis, que luta contra a construção de um empreendimento hoteleiro e pleiteia a criação de um parque no local, o Parque Cultural das 3 Pontas; e o Praia da Estação, movimento de ocupação de espaços públicos que surgiu em 2010, na cidade de Belo Horizonte, como uma reação a um decreto da Prefeitura Municipal que proibia a realização de eventos de qualquer natureza na Praça da Estação, um dos pontos turísticos mais antigos da capital mineira.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://antigo.brasildefato.com.br/node/32561>>. Acesso em: 5 ago. 2015.

Apesar da cidade de Curitiba apresentar problemas semelhantes aos de outras grandes metrópoles brasileiras (como violência, tráfego, poluição, etc.), o tema aqui parece ganhar contornos específicos uma vez que estes confrontam a imagem de marketing desta cidade conhecida como “moderna”, “planejada” e “ecológica”. A ação de grupos ativistas urbanos aqui retratados contesta essas representações.

De acordo com o IBGE, a cidade de Curitiba possui população estimada de 1.879.335<sup>6</sup> pessoas. Reconhecida como uma referência em planejamento urbano, e “como possuidora de uma infraestrutura bem estabelecida, um sistema de transporte urbano eficiente e um ambiente urbano limpo e organizado para os padrões nacionais” (CARVALHO, 2010, p. 83), a cidade reforça essa imagem por meio de campanhas institucionais e a adoção de slogans como: “Capital ecológica”, “Cidade sorriso”, “Capital social” e “Capital de primeiro mundo”.

O processo de planejamento urbano de Curitiba mais recente tem início a partir da década de 1970, com a criação do Plano Diretor de Curitiba e a institucionalização do IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba). Nas palavras do historiador André de Souza Carvalho (2010):

A Curitiba modelo, ecológica, europeia [...] divulgada intensamente na mídia e assim reconhecida por boa parcela de seus habitantes, surgiu, sobretudo, a partir da década de 1970. Apesar do planejamento urbano estar presente na cidade desde a segunda metade do século XIX e de haver um certo reconhecimento do Plano desenvolvido por Alfred Agache na década de 1940, consensualmente, costuma-se atrelar a planificação urbana da capital paranaense às políticas urbanas desenvolvidas a partir das últimas quatro décadas, especialmente após o início da atuação do IPPUC - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e a posse do ex-prefeito e urbanista Jaime Lerner. (CARVALHO, 2010, p. 85).

O período de pioneirismo a que se referem muitos arquitetos e ativistas corresponde em grande medida aos mandatos do arquiteto e urbanista Jaime Lerner que, por três vezes, foi eleito prefeito da cidade de Curitiba. Nesse período, Curitiba tornou-se nacionalmente reconhecida por suas obras de urbanismo e a presença de novos “produtos urbanos” como a abertura de vias exclusivas para os ônibus urbanos (chamados “expressos”), a criação de ruas exclusivas para pedestres como a Rua XV de Novembro, a Rua 24 horas, as estações-tubo, além de parques, áreas de

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=410690>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

preservação ambiental e programas ambientais como o “lixo que não é lixo” (CARVALHO, 2013, p. 11).

Para o historiador, o discurso propagado por Lerner, enquanto gestor público, e pelo IPPUC, enquanto órgão de planejamento urbano, possibilitou o “renome” de Curitiba e a construção do paradigma da “cidade modelo”, eficiente planejada, referência em planejamento urbano – imagem amplamente divulgada e apropriada pela mídia.

Contudo, a “modernidade” da cidade propagada por décadas e representada pela construção de obras viárias viu-se ameaçada pelo crescimento demográfico não planejado nas últimas décadas, pelo aumento do volume de carros e do trânsito na cidade, fatores que se tornaram o foco das críticas dos ativistas, conforme relato do professor municipal a seguir:

[...] o que existe é o que foi feito há 20 anos atrás. Essa imagem que eles vendem é a imagem de 20 anos atrás, por esse processo ela não se modernizou, não teve aquele processo de estar melhorando, então eles vendem essa imagem de 20 anos atrás: cidade modelo, cidade ecológica...a cidade é contraditória. (PEDRO, 2015b)<sup>7</sup>.

Contraopondo-se a certos modelos de planejamento urbano os grupos ativistas retratados nessa pesquisa se propõem a pensar novos modelos de cidade, principalmente, de sociabilidade no espaço público. Qualidade de vida aqui não é mais representada pela presença de grandes obras de urbanismo na cidade, mas sim por melhores usos desses espaços, priorizando pedestres e ciclistas.

O uso e a ocupação de espaços públicos urbanos, a busca por “novas formas de se relacionar com a cidade” e novas políticas urbanas são alguns dos objetivos desses ativistas que se propõem a “recriar” a cidade, fazendo de suas práticas uma espécie de “laboratório de cidadania” como sugere a reportagem sobre os coletivos locais: “essas organizações que agem positivamente, sem ferir as instituições, apresentam novas alternativas para cidade, são uma expressão de cidadania e uma forma de interferir no conjunto social”<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> Entrevista concedida por PEDRO, Cristiano. [23 abr. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015b.

<sup>8</sup> Disponível em: <[gazetadopovo.com.br/haus/arquitetura/coletivos-insurgencia-urbana](http://gazetadopovo.com.br/haus/arquitetura/coletivos-insurgencia-urbana)>. Acesso em: 13 maio 2015.

## O CAMPO E ALGUMAS POSSIBILIDADES DE ABORDAGEM

Entre os desafios deste trabalho está a própria conceituação e categorização tanto dos agentes quanto das ações empreendidas. A literatura sobre os movimentos sociais contemporâneos tenta acompanhar o dinamismo dos mesmos de modo que as definições não podem ser consideradas consolidadas, o que em grande parte reflete a fluidez dos próprios movimentos. O termo “ativismo urbano”, por exemplo, é recente, ainda de instável conceituação, mas que vem sendo apropriado pela mídia e pelos grupos que discutem temas relativos à cidade, como ativistas, arquitetos e planejadores urbanos.

O arquiteto e professor da USP Guilherme Wisnik, define o universo do ativismo urbano como a prática social que incide prioritariamente sobre espaços centrais das cidades e que está relacionada à grupos ligados à arte e ao urbanismo, de extração predominantemente universitária e de classe média. Eles buscam ampliar a agenda de discussão na direção da reivindicação de espaços públicos, diferentemente da maioria dos movimentos sociais surgidos no Brasil nas décadas anteriores (ligados em geral à pauta da habitação social e voltados para a construção de uma política de Estado), (WISNIK, 2015).

A socióloga Maria da Glória Gohn (2011), para quem os movimentos sociais são “ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas” (GOHN, 2011, p. 3), pode contribuir para delimitar ainda que minimamente os contornos do movimento aqui pesquisado.

Em geral esses movimentos – chamados por ela de novíssimos movimentos sociais – são organizados por meio de mobilizações e coletivos, utilizam as redes sociais como principal instrumento de mobilização e para o debate de temas de interesse comum, implementando formas de intervenção urbana – em geral performáticas – com o objetivo de sensibilizar a população e o Poder Público para os vários problemas das cidades, como a mobilidade urbana e a questão da sociabilidade em espaços públicos. Diferente dos movimentos sociais clássicos, com plataformas programáticas com fortes orientações ideológicas, estes em questão reúnem-se para pautas pontuais, voltando a se reunir muitas vezes com novos agentes em novas ações. Tanto o formato de ações coletivas quanto as estratégias de ação, como descritas por Gohn (2011), se aproximam do movimento aqui etnografados, razão pela

qual utilizo a expressão “coletivos”, indicando a forma de organização desses movimentos sociais.

O sociólogo Martuccelli (2013) afirma que os coletivos têm potencial de formar indivíduos singulares, reflexão que se aproxima de uma das questões analisadas: como as ações dos movimentos em questão formam também seus atores. Nesse sentido, mais que a ideia de coletivo, a noção de *ações coletivas* pode dar mais fôlego a análise. Sobretudo se considerarmos, por exemplo, a fluidez dos movimentos aqui etnografados: reúnem-se para pautas pontuais, nem todos participam de todas as ações, cada ação pode ser desenvolvida por agentes com mais tempo de participação e/ou com novos agentes integrados apenas para aquela atividade. Por isso, utilizarei ao longo do trabalho a expressão “ações coletivas”, por entender que esta daria conta de representar tanto a efetividade das ações observadas quanto a fluidez dos movimentos que as dinamizam.

O fato de que esses coletivos são marcados pela fluidez organizativa, podendo agregar-se e desagregar-se tão logo se encerre a ação empreendida, não esvazia o caráter eminentemente político dessas ações. A noção de política dada por Karina Kuschinir (2007) estabelece que esta é fruto da ação coletiva, ou seja, “de uma rede de pessoas que interagem e se influenciam reciprocamente por meio de relações complexas e dinâmicas”, admitindo inclusive a existência de vários “mundos da política” (KUSCHNIR, 2007, p. 9).

Nesse sentido, a imagem de praças ocupadas por multidões, em sua maioria jovem, vem se repetindo nos últimos anos em diversas partes do mundo. Essas ações de forma geral não possuem a coordenação de partidos políticos, sindicatos ou outras organizações políticas “tradicionais”, mas sugerem a emergência de novas formas de reivindicação e mobilização.

Segundo a antropóloga Julia Giovanni “a visibilidade de protestos e grandes manifestações populares, em diferentes partes do mundo, reativou a partir de 2011 (no caso do Brasil, 2013) questões importantes sobre modos de ação, expressão e organização social e política” (GIOVANNI, 2015, p. 2).

A esses protestos e manifestações se atribuem novos discursos e práticas sociais, dentre as quais se destaca a forma de ocupação de espaços públicos.

Segundo Willian Mitchell<sup>9</sup>, dentro desse contexto as imagens mais importantes não são as figuras dos manifestantes em si, mas o espaço em que estão inseridos. A partir de então, o protagonista destas manifestações passa a ser a própria ocupação.

Nesse sentido, adotei a noção de “lugar-evento”, apresentada pela antropóloga Antonádia Borges (2003) em sua pesquisa sobre os moradores do Recanto das Emas, na periferia de Brasília, que auxiliou na construção desta etnografia, especialmente em relação aos modos de fazer política praticados pelos grupos pesquisados uma vez que, segundo ela, não é possível apreender a política sem compreender como são constituídos os lugares e os eventos.

Borges utiliza a noção “lugar-evento” como recorte que evidencia o modo de vida local, na tentativa de adequar-se simultaneamente à realidade etnográfica e também à perspectiva teórica, ou seja, trazendo à pesquisa o sentido dado na teoria nativa e também na teoria antropológica. Por *evento* ela entende o “conjunto de ações definidas em termos etnográficos como especiais ou peculiares” (2003, p. 10), enquanto que por *lugar-evento* se refere a lugares que se manifestam como ações, que estabelecem relações e movimentos sem os quais não seria possível agir ou se expressar naquele contexto. A noção, portanto, compreende tanto os lugares quanto os eventos que são fundamentais à vida nativa, constitutivos dos processos sociais.

A compreensão de eventos seria uma forma apropriada para entender os fenômenos sociais. Do mesmo modo que Borges (2003), guardadas as devidas diferenças dos contextos de pesquisa, o modo de vida e a lógica das pessoas que encontrei e conheci nesses espaços estavam diretamente relacionados às formas do espaço que essas pessoas buscavam construir.

A Praça de Bolso do Ciclista e a Vaga Viva constituem lugares os quais se expressam como ações, ou seja, mais do que lugares, figuram na presente etnografia como lugares-eventos. O modo de vida e a lógica das pessoas as quais conheci nessas ações estão diretamente relacionados às formas singulares de ocupação desses espaços e sua singularidade está no fato de que não se tratam de espaços com convivência social pré-existente, como é o caso de um bairro, mas espaços que são construídos para abrigarem um determinado tipo de sociabilidade. Os coletivos analisados “dão vida social” a determinados espaços urbanos – considerados

---

<sup>9</sup> Professor de história da arte na Universidade de Chicago defende, entre outras coisas, que as imagens devem ser tomadas como coisas vivas. Sua obra mais célebre é *What do Pictures Want? the Lives and Loves of Images*. Chicago, IL: Univ. of Chicago, 2005.

“degradados”, “fechados”, “abandonados” – por meio de suas intervenções e ações políticas praticadas naqueles espaços.

Esses lugares não estão dissociados dos eventos que acontecem (ou aconteceram durante os mutirões e intervenções) ali diariamente. Eles oferecem meios para que os conflitos de diferentes ordens e instâncias possam ser expressos pelos moradores da cidade e elementos para a compreensão das concepções, motivações e estratégias de ação dos grupos pesquisados. Nas palavras de Borges, “um lugar que era ao mesmo tempo uma razão de agir, ou como procurei sintetizar, uma lugar-evento, cuja tapeçaria social é perpassada por uma espécie de ‘trança’ formada pelo *espaço*, pelo *tempo* e pela *política*” (BORGES, 2003, p. 16). Nesse sentido, busquei focar a atenção nas ações realizadas nesses lugares e as particularidades das práticas ali realizadas e experienciadas, observando as atividades na Praça de Bolso do Ciclista, nas Vagas Vivas e outros espaços de mobilização coletiva, bem como as concepções dos ativistas acerca da cidade e as interações estabelecidas com o entorno, com outros usuários do espaço público, com a cidade e com o Poder Público.

## DOS MOVIMENTOS QUE ME CONDUZIRAM AO CAMPO

Desde os clássicos se reconhece que a vida pessoal do pesquisador não consegue ser dissociada da sua pesquisa. Por isso, falar da minha pesquisa sobre ações ativistas produzidas por grupos que atuam na cidade de Curitiba é falar também um pouco sobre mim, minhas concepções sobre a cidade e sobre como vivi este período. Portanto, gostaria de ressaltar como cheguei até meu objeto de pesquisa, como me relacionei com os atores que vivenciavam e atuavam na cidade e, uma vez em campo, quais caminhos percorri.

Em 2009, tendo retornado à Curitiba após um período vivendo no exterior, adotei a bicicleta como meio de transporte na cidade. Dessa forma, passei a conviver com outros ciclistas até tomar conhecimento da existência da Bicletada (também chamada de marcha das bicicletas) por meio de divulgação nas redes sociais. A Bicletada é um evento que ocorre em muitas cidades do mundo em que ciclistas se reúnem e saem às ruas para pedalar em grupo e reivindicar o espaço das bicicletas

nas ruas, entre outros objetivos<sup>10</sup>. Passei a participar dessa prática com certa frequência e foram nessas ocasiões que conheci alguns dos meus colegas de ativismo e futuros interlocutores de pesquisa.

Alguns desses ativistas eram integrantes do Coletivo Interlux Arte Livre, um coletivo artístico que reunia artistas locais e realizava intervenções de ocupação do espaço público. Assim, nos anos seguintes, acompanhei algumas dessas ações, como a realização das “praças piratas” constituídas por meio da ocupação temporária de pequenos terrenos baldios e da “jardinagem libertária”, que consistia no plantio de mudas em determinadas áreas da cidade<sup>11</sup>.

Em 2011, após a paralisação das atividades do Coletivo Interlux, os ativistas locais criaram a Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu – a Ciclolguaçu. A associação tinha entre seus fundadores alguns ex-integrantes do Coletivo Interlux, em especial suas lideranças: Goura Nataraj<sup>12</sup> e Fernando Rosenbaum. O objetivo dessa associação é promover a aproximação e o estabelecimento de diálogo com o Poder Público para a construção de políticas públicas voltadas aos ciclistas e o estímulo à socialização na cidade (COUTO, 2015).

Porém, foi apenas no início 2014 que me aproximei do grupo, quando fui convidada por amigas cicloativistas para participar das reuniões de organização do III Fórum Mundial da Bicicleta que estavam acontecendo na Bicicletaria Cultural<sup>13</sup> – sede da Ciclolguaçu<sup>14</sup>. Lá reencontrei algumas figuras conhecidas, como Goura Nataraj e Fernando Rosenbaum.

Durante a realização do Fórum, assisti a palestras, participei de debates e também auxiliei como voluntária na organização do evento, o que marcou a minha inserção no grupo de cicloativistas da cidade. Uma das ações que acompanhei

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://bicicletada.org/>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

<sup>11</sup> As referências relativas às práticas do Coletivo Interlux foram obtidas por meio de entrevistas com alguns de seus ex-integrantes do Coletivo, através do acesso à página deste na Internet ([interlux.wordpress.com](http://interlux.wordpress.com)), matérias jornalísticas e consulta a pesquisas acadêmicas (SAMPAIO, 2011; TKATSCHUK e FREITAS, 2011; BLOOMFIELD, 2012; COUTO, 2015).

<sup>12</sup> Goura é filósofo e cicloativista na cidade de Curitiba desde 2005. Foi integrante do Coletivo Interlux Arte Livre, foi fundador da Ciclolguaçu e um dos criadores da Praça de Bolso do Ciclista. Figura como um dos interlocutores preferenciais dessa pesquisa, pois sua trajetória como cicloativista perpassa vários dos contextos de pesquisa como se verá ao longo do texto.

<sup>13</sup> Criada pelo do ex-integrante do Coletivo Interlux Arte Livre, Fernando Rosenbaum, a Bicicletaria é um espaço comercial e cultural de apoio ao ciclista que conta com serviços, como oficina e estacionamento, cursos de mecânica de bicicletas, além de programação cultural diversa e galeria de arte.

<sup>14</sup> Associação que reúne cicloativistas da cidade e que exerce um papel de diálogo com órgãos da Prefeitura, centralizou o processo de articulação entre ativistas e o Poder Público, por meio da realização de reuniões e negociações.

durante o evento foi a pintura de um grande mural na Rua São Francisco, quase em frente à Bicletaria Cultural, que marcou o início de outro grande projeto dos ativistas: a construção da Praça de Bolso do Ciclista.

Assim, com o fim do III Fórum Mundial da Bicicleta, os cicloativistas passaram a concentrar toda a atenção no novo projeto. O processo de construção foi liderado por integrantes da Cicloguaçu, em especial pelo diretor da associação, ex-Interlux, Goura Nataraj, e foi realizado pelos próprios ativistas. Os mutirões para a construção da Praça começaram em abril de 2014 e duraram 19 semanas até sua inauguração em setembro de 2014.

Período em que inaugurei também minha pesquisa etnográfica propriamente dita, desenvolvida no período de maio de 2014 a setembro de 2015. Minha entrada em campo como pesquisadora foi antecedida por uma participação anterior como ativista já que há alguns anos acompanhava as ações promovidas pelos cicloativistas na cidade. O envolvimento anterior com o tema trouxe com ele um engajamento político e uma experiência sensível e afetiva com o universo de pesquisa. Faço, portanto, uso da minha experiência pessoal para a compreensão das práticas do grupo pesquisado.

Em alguns momentos, inclusive, participei da organização dessas ações. A respeito dessa “ambiguidade” de papéis dentro do campo, reflete Bitter em sua pesquisa sobre a folia de reis no Rio de Janeiro, da qual participava como músico (folião), produtor e pesquisador:

Lançando mão destas observações subjetivas, estou precisamente sinalizando a ambiguidade inerente à posição (ou às posições) que assumi dentro do grupo e seu potencial produtivo. Assumir tal lugar levou-me a estabelecer laços, alianças e relações de uma qualidade particular, e a compartilhar de certa ‘intimidade cultural’[...], a partir da qual me vi constrangido pelo contexto circundante. Esta condição, possivelmente, permitiu-me ter acesso a conhecimentos e novas relações de sentido, que vão além dos discursos oficiais nativos (BITTER, 2008).

Identificar-se com os demais na prática de atividades como folião permitiu ao antropólogo acesso a informações mais aprofundadas a respeito do seu objeto de pesquisa. Essa ambiguidade de papéis ampliou os efeitos da experiência participativa, levando ao desenvolvimento de uma dimensão sensível e afetiva em relação ao seu trabalho de campo. Da mesma forma, nos momentos em que assumo mais de uma posição e/ou papel em campo sinto os efeitos da experiência participativa ao transitar entre práticas de pesquisa e práticas para organização de eventos.

Ao longo do período de pesquisa de campo, conduzida por meus interlocutores, participei de uma série de debates, palestras e conversas que me permitiram pensar como eles se relacionavam com outros públicos e como relatavam suas ações. Além disso, participei de uma série de outros eventos que contribuíram e complementaram a construção da pesquisa no sentido de trocar informações com profissionais e pesquisadores de outras áreas de conhecimento, com diferentes visões sobre o tema e que me permitiram ampliar minha própria visão sobre ele.

Em setembro de 2014 participei em Curitiba do evento *Interações: encontros sobre produção, cultura e desenvolvimento* em que Goura havia sido convidado para participar como debatedor. Além do ativista, a mesa redonda chamada “Arte, cultura e cidade: compartilhando experiências ou É possível fazer uma revolução?” contava com participação da produtora cultural Paula Renoir (PE), do ativista Goura Nataraj (PR), do artista Itaercio Rocha (PR) e da artista Maria Tendlau (SP). O tema central do debate girava em torno do papel de coletivos artísticos na transformação das cidades. Ali, a pernambucana Paula Renoir compartilhou as recentes experiências do movimento Ocupe Estelita em Recife, enquanto Goura relatava o processo de construção da Praça de Bolso do Ciclista ainda em curso.

Nesse mesmo período, meus colegas e interlocutores passaram a se organizar no grupo de trabalho Vaga Viva<sup>15</sup> Curitiba, liderados pela Ciclolguaçu e reunindo arquitetos, designers e demais interessados. Grande parte da mobilização para esse tipo de evento acontecia por meio da rede social Facebook, na #vagavivacuritiba (que em dezembro de 2015 contava com mais de 500 membros), a qual fui adicionada por eles, o que me permitiu acompanhar e participar destas ações.

Com o fim do processo de construção da Praça de Bolso do Ciclista, alguns de meus interlocutores passaram a frequentar o Bosque da Casa Gomm, uma pequena área verde localizada no bairro Batel, área nobre da cidade. Passei a acompanhá-los aos sábados à tarde, quando ocorriam atividades comunitárias e culturais no local, e descobri outro movimento atuante na cidade. Autodenominado “Salvemos o Bosque da Casa Gomm” o movimento surgiu da oposição à construção

---

<sup>15</sup> As Vagas Vivas também são conhecidas como *parklets*, mas essas nomenclaturas se confundem. De forma geral, Vaga Viva é compreendida como a ação de intervenção urbana de ocupação temporária (geralmente algumas horas) de uma vaga destinada aos carros. Os *parklets* já são entendidos como o mobiliário urbano permanente construído sob a vaga de um carro. A Vaga Viva não necessariamente é feita com autorização, enquanto o *parklet* precisa ser regulamentado para sua instalação.

de um shopping center no entorno do Bosque da Casa Gomm e da supressão da área verde no local.

Durante a realização do trabalho de campo, por meio dos meus interlocutores, tomei conhecimento de outro movimento que se articulava na cidade, o “Vida Longa ao Arquipélago de Camões”, uma iniciativa de moradores do bairro Alto da XV em Curitiba que se reuniram para protestar contra o projeto da Prefeitura de construção de um binário (ruas paralelas que operam em sentido oposto) nas ruas Camões e Germano Mayer. Como forma de ação, os moradores do bairro passaram a ocupar periodicamente o Jardim Poeta Leonardo Henke (um dos espaços que seria afetado pelas obras) com feiras: a Feira de Descartes e a Feira de Trocas Poéticas.

A Feira de Descartes, que promove a venda e doação de produtos usados, foi organizada por Dráuzio Almeida, líder do movimento, e por sua esposa. Essa feira foi montada ao lado da ciclovia, local de intensa passagem de moradores da região com o objetivo de abordar os pedestres para falar sobre o movimento. A Feira de Trocas Poéticas, por sua vez, foi organizada pelos artistas Juliana Liconti e Diego Baffi do coletivo artístico “Quandonde Intervenções Urbanas em Arte”, parceiro do movimento.

O Quandonde apoia esta iniciativa, pois acredita na rua como um espaço praticado, de convívio, de encontros. O encontro, enquanto um acontecimento único, que proporciona novas formas de relação que escapam das padronizações de comportamentos, das trocas mediadas pelo capital e dos encontros permeados pelo consumo e esvaziados pelo espetáculo, é o princípio, o meio e o fim da nossa feira... A intervenção emerge da necessidade de criação de novas maneiras de hábito/habitar as espacialidades, de subjetivá-las por uma lógica de reapropriação que escape da utilização pré-dada e dos mecanismos de controle, empreendendo uma subversão poética a partir do encontro<sup>16</sup>.

O trabalho de campo na Praça de Bolso do Ciclista e o contato com meus interlocutores me permitiram conhecer uma diversidade de lugares-eventos e movimentos que eu desconhecia, que aconteciam de forma simultânea na cidade e que passei a acompanhar a partir de então.

Em abril de 2015 Goura, ex-Interlux e ex-praceiro<sup>17</sup>, foi convidado para participar do evento *Arquitetura para Curitiba*, realizado pelo curso de Arquitetura Urbanismo da Universidade Federal do Paraná em parceria com alguns escritórios de

<sup>16</sup> Disponível em: <[facebook.com/quandondeintervencoesurbanas/posts/451523478354572:0](https://www.facebook.com/quandondeintervencoesurbanas/posts/451523478354572:0)> Acesso em: 25 jul. 2015.

<sup>17</sup> “Praceiro” é o nome dado aos participantes dos mutirões da Praça de Bolso do Ciclista, ou seja, àqueles que contribuíram de alguma forma para a sua construção.

arquitetura. Na oportunidade, Goura lembrou algumas das contribuições do urbanismo tático<sup>18</sup> praticado pelo Interlux, como as praças piratas e a jardinagem libertária, e a importância do envolvimento do cidadão na apropriação da cidade como na recente Praça de Bolso do Ciclista.

O objetivo dos arquitetos era fomentar novas propostas de uso de praças da cidade, de ocupação da região central, o uso da paisagem urbana como espaço público, introdução da agricultura urbana, dentre outros. Além de uma exposição dos projetos desenvolvidos por escritórios de arquitetura e estudantes, houve uma série de debates sobre direito à cidade, ambiente urbano e arte na cidade.

O direito à cidade foi tema também de um debate promovido pelo Partido dos Trabalhadores, realizado no prédio da Universidade Federal do Paraná em abril de 2015, onde estiveram presentes cerca de vinte pessoas, a maior parte políticos, representantes regionais do partido e/ou de movimentos sociais ligados ao partido, além de estudantes universitários. A palestra principal foi ministrada pelo advogado Rodolfo Jaruga, pesquisador na área de planejamento urbano e representante da “Frente Popular Mobiliza Curitiba”<sup>19</sup>.

Os principais temas abordados foram a noção de direito à cidade, reforma urbana e análise dos processos histórico e político do planejamento urbano de Curitiba nos últimos 50 anos, destacando-se seus resultados excludentes como decorrência de sua filiação aos interesses do mercado e da reprodução de capitais em detrimento do interesse social.

O direito à cidade é o direito de planejar a cidade, de se envolver com o desenvolvimento da cidade e, sobretudo lutar contra uma lógica de mercado que hoje domina a cidade. Para que nós possamos planejar a cidade com outra lógica é necessário que a gente realmente implemente a gestão democrática da cidade. (JARUGA, 2015)<sup>20</sup>.

Durante o período de pesquisa participei ainda de um evento acadêmico intitulado *Pontos, linhas e nós: etnografia, artes e cidade*, promovido pelo NARUA,

<sup>18</sup> O termo “urbanismo tático” popularizou-se nos EUA em 2010 quando foi usado em um debate sobre a pedestração da Times Square, em Nova York, e refere-se à projetos temporários que servem para promover rápidas transformações atraindo pessoas para a cidade. Disponível em: <<http://www.select.art.br/urbanismo-tatico/>>. Acesso em: 15 out. 2015.

<sup>19</sup> Organização composta por uma série de entidades sociais e movimentos populares que tem por objetivo “acompanhar, propor e monitorar conteúdos e processos relativos ao Plano Diretor de Curitiba”. Disponível em: <<http://www.mobilizacuritiba.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 1 jun. 2015.

<sup>20</sup> Entrevista concedida pelo advogado JARUGA, Rodolfo. [9 maio 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015.

Núcleo de Antropologia das Artes, Rituais e Sociabilidades Urbanas da Universidade Federal Fluminense<sup>21</sup>, que tinha como objetivo “pensar os saberes, as artes e as políticas nos circuitos urbanos a partir de distintos contextos etnográficos”.<sup>22</sup>

Deste evento destaco o grupo de trabalho “Performances políticas e alteridades”, cujo objetivo era “compartilhar experiências etnográficas em cenários de ocupações (ou reocupações) e debater possibilidades teórico-metodológicas na investigação do tema a partir da observação dos processos vivenciados, trajetórias e posicionamentos de sujeitos e coletividades em movimentos, redes e fluxos”. A intenção central era pensar a formação de coletivos como estratégia de voz de grupos urbanos.

Em maio de 2015, fui convidada por Goura para participar da *Jane’s Walk*, um evento realizado simultaneamente em diversas partes do mundo, inspirado pela escritora e ativista urbana Jane Jacobs<sup>23</sup>, que consiste em uma caminhada guiada com a proposta de se explorar e descobrir particularidades do espaço urbano: “um contato direto e espontâneo com as cidades, afim de torná-las mais humanizadas e vivas”<sup>24</sup>.

Em Curitiba a *Jane’s Walk* foi organizada pelo arquiteto curitibano Juliano Monteiro e contou com a participação de guias<sup>25</sup> que orientaram os *tours* temáticos que trataram sobre arte urbana, mobilidade urbana, políticas antidrogas, acessibilidade na cidade, entre outros.

O evento [*Jane’s Walk*] é uma certa conversa com a nossa querida Jane que faleceu em 2006 que foi uma pessoa que pesquisou essa ideia de que o planejamento urbano olhado através das pessoas, através da rua, pode ser um planejamento diferente, pode ser um raciocínio de cidade diferente (MONTEIRO, 2015)<sup>26</sup>.

<sup>21</sup> Evento realizado na cidade de Niterói (RJ) nos dias 27 e 28 de maio de 2015, organizado pelo Núcleo de Pesquisa NARUA (Antropologia das Artes, Rituais e Sociabilidades Urbanas), sob coordenação dos professores Renata de Sá Gonçalves, Nilton dos Santos, Alessandra Barreto, Ana Lúcia Ferraz e Daniel Bitter e participação do professor John Dawsey (USP), entre outros convidados.

<sup>22</sup> Disponível em: <[facebook.com/naruauuff](https://facebook.com/naruauuff)>. Acesso em: 1 jun. 2015.

<sup>23</sup> A escritora e ativista Jane Jacobs ficou conhecida por seu livro *Morte e vida de grandes cidades*, lançado nos EUA na década de 1960, e desde então passou a ser uma referência para os ativistas urbanos.

<sup>24</sup> Disponível em: <[janeswalk.org/brazil/curitiba/](http://janeswalk.org/brazil/curitiba/)>. Acesso em: 15 maio 2015.

<sup>25</sup> Normalmente os guias das caminhadas são escolhidos e convidados pelos organizadores do evento, de acordo com a sua área de atuação e vivência na cidade. Nessa edição, os guias foram o artista plástico Celestino Dimas, o cicloativista Goura Nataraj, a atriz Cândida Monte, o advogado e ativista antidrogas Diogo Busse, o editor de livros Frede Tizzot, entre outros.

<sup>26</sup> Entrevista concedida pelo arquiteto MONTEIRO, Juliano. [abr. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015.

Participei das caminhadas guiadas por Goura e por Claudio Celestino Dimas (ex-membros do Interlux e ex-praceiros). A caminhada de Goura foi chamada “Bicicletada – pelas bordas do centro” e tinha como proposta percorrer os limites do centro da cidade. O trajeto foi definido com os participantes ao longo do percurso. Entre os participantes havia amigos dos organizadores, algumas crianças e um senhor de idade, a maior parte deles não habituados a pedalar na cidade, o que demandou tempo e cuidado maiores para a realização do trajeto que durou mais de uma hora.

A caminhada proposta por Dimas foi denominada “Psicogeografia – intervenções urbanas”, começou na Praça de Bolso do Ciclista e percorreu alguns murais pintados da cidade (alguns de sua própria autoria) e tinha como proposta o exercício da observação de intervenções urbanas como dinâmica de transformação da cidade.

A partir do contato com esse conjunto diverso de práticas e eventos, brevemente narrados, fiz um recorte das ações que entendi serem mais significativas para minha pesquisa, tendo em vista a reflexão acerca das diferentes noções que envolvem as práticas e discursos sobre cidade, do ponto de vista de atores diversos, dentre os quais, como já mencionado, se destacam artistas, ativistas arquitetos, advogados, comerciantes e integrantes do Poder Público.

Os casos etnografados – a Praça de Bolso e a Vaga Viva – foram escolhidos por sua diversidade de práticas e ações, o que possibilita apreender, de diferentes perspectivas, como essas são concebidas e produzidas por correntes diversas do chamado “ativismo”, bem como as relações entre cidadania e espaço público, a partir das quais serão analisadas as motivações para a constituição e ação desses grupos e seus projetos para a cidade. Questão que implica trabalhar temas relacionados à cidadania, ocupação, experiência, política participativa, entre outros conceitos que serão abordados ao longo do texto.

Os grupos descritos muitas vezes articulam-se para a produção de ocupações urbanas (temporárias ou permanentes) – experiências particulares e inusitadas – realizadas com o objetivo de incorporar outras questões que não apenas a mobilidade urbana, dirigindo-se, em especial, à discussão de formas ocupação e sociabilidade no espaço público.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

Os estudos sobre ativismo no Brasil, apesar de bastante incipientes, tem sido estudado por uma série de áreas de estudo, como arquitetura e urbanismo, geografia, arte, comunicação e filosofia<sup>27</sup>. São poucos os autores, no entanto, que propõem analisar essas ações e grupos a partir da Antropologia<sup>28</sup>. Foi a combinação de fatores: poucas etnografias sobre o tema, minha relação anterior com o tema, o interesse despertado a partir do momento em que passei a frequentar os mutirões e um certo conhecimento sobre essas pessoas e ações que culminou nesta etnografia.

Vale ressaltar que, ao fazer parte dessas ações, passei a compartilhar as experiências, padrões e regularidades que conformavam as práticas desses grupos. Ainda que esse período tenha sido fundamental para a minha inserção, foi apenas em 2014, quando ingressei no Mestrado, que as ações e relações estabelecidas nesses espaços me chamaram a atenção como uma possível questão antropológica, principalmente por perceber que a Praça envolvia processos e discursos sobre a cidade, relações entre grupos, negociações com o Poder Público e também conflitos.

Na etnografia realizada dentro do contexto urbano, como é o caso desta pesquisa, a cidade não funciona apenas como o cenário das ações sociais, mas sim como resultado de intervenções e práticas dos atores (sejam eles ativistas, artistas, moradores, arquitetos, gestores públicos). Assim, cabe à etnografia apreender essa dupla relação, como esclarece José Magnani (2002):

O que se propõe é um olhar de *perto* e de *dentro*, mas a partir dos *arranjos* dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa, etc. Esta estratégia supõe um investimento em ambos os polos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise. É o que caracteriza o enfoque da antropologia urbana, diferenciando-o da abordagem de outras disciplinas e até mesmo de outras opções no interior da antropologia. (MAGNANI, 2002, p. 18).

<sup>27</sup> Sobre ativismo urbano cf.: BLOOMFIELD, 2012; DUARTE, SANTOS, 2012; LIMA, 2015; MITCHELL, 2012; WISNIK, 2015; VIEIRA, 2007.

<sup>28</sup> Para abordagens sobre ativismo a partir da antropologia cf.: DELGADO, 2013; GIOVANNI, 2015; MOURÃO, 2013; RAPOSO, 2015; TAYLOR, 2013.

Magnani alerta para a “tentação da aldeia”, ou seja, a tentativa de buscar mesmo dentro do contexto diversificado e heterogêneo das grandes metrópoles, a aplicação do método etnográfico considerado clássico na pesquisa antropológica qual seja a dimensão da aldeia, da comunidade, do pequeno grupo. Dessa forma, o autor propõe levar em consideração a paisagem urbana (o conjunto de espaços, equipamentos e instituições urbanas) e os atores sociais, considerando a paisagem como socialmente construída, ou seja, como resultado das intervenções e modificações realizadas por esses atores (MAGNANI, 2012, p. 251).

A partir disso, procuro refletir sobre a minha própria inserção em campo, determinada por minha proximidade anterior com o universo de pesquisa e com alguns de meus interlocutores, o que implicou em partilhar determinadas práticas com eles e, em certa medida, “pertencer” à realidade estudada. Essa condição, gerou algumas angústias internas, ressalvas de professores e colegas antropólogos e marcaram minha experiência enquanto pesquisadora.

Gilberto Velho (2003) escreve sobre o “desafio da proximidade” e da “observação do familiar” quando os antropólogos têm que se aproximar cada vez mais de seus universos de origem para a realização da pesquisa. Segundo o autor, o pesquisador geralmente em sua própria cidade vale-se de sua rede de relações previamente existente à investigação. A partir de sua própria experiência como pesquisador, em sua tese de doutorado, *Nobres e Anjos* – quando pesquisou um grupo de classe média alta de grande proximidade sociológica o qual fazia parte de seu círculo de amigos –, ele pontua que “os vínculos que havia dentro do universo envolviam reações de parentesco por descendência e aliança, além de antigos laços de amizade e coleguismo”. Assim, transforma sua rede de relações sociais em objeto de pesquisa:

Portanto, eu já possuía um tipo de conhecimento e de informação apreciável sobre parte do universo que me propus investigar. Foi importante e crucial o movimento de *estranhar o familiar* – tarefa nada trivial e, com certeza, nem sempre sucedida. (VELHO, 2003, p. 15).

Gomes e Menezes (2008) refletem sobre a alteridade mínima, ou seja, sobre a produção etnográfica em contextos próximos aos da experiência pessoal do pesquisador. A inserção em um campo já conhecido pelo antropólogo pode gerar suspeita sobre a aproximação e distanciamento em relação ao que é pesquisado, as fronteiras marcadas pela diferença e os limites éticos, por exemplo.

Indagações podem surgir: em que medida o antropólogo é capaz de elaborar analiticamente a aproximação e o afastamento em relação ao que é pesquisado quando está inserido no mesmo contexto? Quais os limites do que se pode ou não investigar? A quem é atribuída a tarefa de delimitar a fronteira da diferença com o outro? Qual a importância da demarcação deste limite? (GOMES; MENEZES, 2008).

As autoras defendem que “o fazer antropológico é composto pelo duplo movimento, de estranhamento e identificação” e que não é possível fazer a descrição do outro sem emitir valores pessoais. A presumida neutralidade é acreditar na objetividade do pesquisador contraposta à subjetividade exigida do antropólogo para a compreensão do universo nativo:

Descrever o outro com presumida neutralidade, sem emitir valores pessoais nem esclarecer o processo de intercâmbio de experiências entre pesquisador e nativos é assumir a crença na objetividade do cientista. No entanto, para apreender o universo nativo é preciso contar com a sensibilidade e subjetividade do antropólogo. (GOMES; MENEZES, 2008).

Escolher um objeto de pesquisa tão próximo por vezes revelou dificuldades em relação ao estranhamento e à crítica aos dados etnográficos, à não emissão de valores pessoais, ao posicionamento perante meus interlocutores enquanto pesquisadora ou mesmo na recusa de funções enquanto ativista, por exemplo.

Como descrito acima, ao longo de um ano, tempo do trabalho de campo (setembro de 2014 a setembro 2015), acompanhei as atividades realizadas pelos grupos da Praça de Bolso do Ciclista e Vaga Viva Curitiba, além de outros grupos atuantes na cidade os quais realizavam ações similares (Salvemos o Bosque da Casa Gomm e o Arquipélago de Camões). As atividades consistiam na presença em reuniões de planejamento de ações e participação nos mutirões de construção, oficinas artísticas, intervenções e debates. Além da participação como expectadora, também auxiliei na organização e realização de alguns desses eventos.

Alguns dos meus interlocutores já eram meus colegas e conhecidos antes da entrada em campo. Uma parte deles eu havia conhecido durante eventos cicloativistas realizados anteriormente (como o III Fórum Mundial da Bicicleta, realizado em Curitiba em fevereiro de 2014), ou então eram produtores culturais e artistas a quem já conhecia em razão de minha atuação profissional como produtora cultural na cidade. Assim, no início do trabalho de campo, entrei em contato com aqueles com quem já tinha alguma proximidade, informando-lhes sobre a pesquisa que pretendia iniciar.

Inclusive, por meio deles, tive indicação de outras pessoas com quem poderia conversar. Outros interlocutores, contudo, conheci durante os mutirões da Praça de Bolso do Ciclista, antes da realização do trabalho de campo propriamente dito.

Para a coleta de informações e materiais, realizei entrevistas com as lideranças e principais integrantes dos movimentos pesquisados, que foram gravadas e posteriormente transcritas, além de conversas informais com os demais integrantes dos coletivos e também com o público usuário dos espaços públicos onde aconteciam as ações o qual não tinha ligação com os coletivos. Realizei algumas entrevistas com integrantes de órgãos da administração municipal, como o Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC, e a Secretaria Municipal de Meio Ambiente – SEMMA, com o objetivo de perceber a recepção dessas ações por parte do Poder Público.

O registro da pesquisa de campo foi realizado por meio de gravações de áudio, através do aparelho celular, que se mostrou útil para o registro das primeiras impressões do campo (muitas vezes ainda em campo) que eram seguidas por anotações posteriores no caderno de campo, onde eram registrados os eventos e as minhas reflexões sobre eles.

Além da transcrição das entrevistas e dos registros do caderno de campo, ao longo da pesquisa produzi um “dossiê” composto por materiais de imprensa e materiais produzidos pelos meus interlocutores como registros fotográficos, registros audiovisuais, textos, publicações e comentários nas redes sociais. Esses materiais foram reunidos e organizados por ordem cronológica naquilo que chamei de “copião”.

As redes sociais se mostraram fontes essenciais para a realização desta pesquisa, já que grande parte da organização e divulgação das ações desses grupos é realizada por esse meio. Assim, recebia convites para eventos através do Facebook ou por meio de publicações nas páginas desses grupos e também fui adicionada à grupos criados, também no Facebook, para a organização de alguns eventos. Pelas redes sociais também acompanhei a repercussão de algumas ações, já que muitos debates eram travados por meio de comentários publicados na Internet.

Desse vasto material coletado, selecionei dois casos para compor a dissertação e que são tema dos dois primeiros capítulos. Em ambos, quando necessário, aciono referenciais teóricos que contribuíram para a análise do objeto.

No primeiro capítulo, apresento a Praça de Bolso do Ciclista, seu processo de concepção, construção e recepção pela cidade. Construída num terreno baldio

fechado por tapumes, numa região em processo de “revitalização urbana”, a Praça envolve a atuação de ativistas e outros atores, como comerciantes vizinhos, jovens da periferia e Poder Público. Descrevo de forma breve alguns dos eventos realizados no local durante o período de pesquisa e os conflitos surgidos a partir do convívio entre os diversos grupos que passaram a utilizar a Praça.

No segundo capítulo, sigo com a descrição das Vagas Vivas, ação que passa a ser promovida de forma mais intensa pelos ativistas na cidade e que propõe a reflexão sobre o uso dos espaços públicos por meio da ocupação de vagas de estacionamento com atividades de recreação e lazer. Ao longo do capítulo, descrevo a transformação dessas intervenções em mobiliário urbano, a institucionalização pela Administração Municipal e a apropriação pelo público, bem como as aproximações entre o projeto estatal e o projeto ativista.

No terceiro capítulo, teço algumas comparações entre os dois casos etnografados e analiso, de forma mais detida, o (s) movimento (s) do movimento, ou seja, como se formou esse movimento de ativistas na cidade de Curitiba, como se relacionam com as trajetórias pessoais de alguns de seus integrantes e de que forma essas interações culminam nas ações coletivas realizadas. Esse processo envolve a concepção dos ativistas sobre cidadania, ação participativa, ocupação, ação política e Poder Público que serão apontadas.

Concluo o texto retomando algumas discussões propostas na introdução e ao longo dos primeiros capítulos, além de breves comparações com um terceiro estudo de caso não abordado no texto com o objetivo de levantar questões e contribuições para futuras pesquisas e aponto alguns dados que demonstram a relevância da pesquisa dentro do cenário de discussões sobre as cidades brasileiras.

## 1. PRAÇA DE BOLSO DO CICLISTA

*A praça saiu (a praça saiu)*  
*a galera pôs a mão e curtiu a construção.*  
 Nela crianças, adultos e toda população  
 pode se achar, curtir, viver o dia e conversar.  
 Sem muito critério, sem muito levar a sério.  
*A praça saiu (a praça saiu)*  
*a galera pôs a mão e curtiu a construção.*  
 Praça de bolso do ciclista na São Francisco  
 e agora quando chega a sexta-feira principalmente,  
 ou sábado, quinta em diante pode ser...  
 Lá se encontra todo mundo, tem de tudo,  
 de todos os tipos, de todos os gostos,  
 todas as caras, todos os níveis.  
*A praça saiu (a praça saiu)*  
*a galera pôs a mão e curtiu a construção.*  
 Praça de Bolso do Ciclista na São Francisco.  
 (PLÁ, 2014)

Os versos acima são de uma música de Plá, icônico artista do cenário curitibano, composta para o evento de inauguração da Praça de Bolso do Ciclista, realizado em 22 de setembro de 2014. A letra dessa música retrata a especificidade dessa Praça, idealizada e construída por meio da ação direta de artistas e ativistas da cidade de Curitiba. A letra retrata ainda o período dos mutirões realizados para a construção desse espaço público e que contou com a participação de crianças, adultos, profissionais de diferentes áreas, moradores de diversos bairros da cidade. Por fim, a composição aponta também o objetivo dos criadores: construir um espaço de encontro e convívio entre as pessoas, espaço de domínio público.

A Praça de Bolso do Ciclista está localizada na esquina das ruas Presidente Faria e São Francisco, no centro histórico da cidade, uma região que há alguns anos vem recebendo obras de revitalização por parte da Administração Municipal. O processo de revitalização do centro da cidade teve início com o programa Marco Zero, criado pela Prefeitura de Curitiba em 2005, com a intenção de intervir em pontos da cidade considerados “espaços-problemas”<sup>29</sup>, tidos como tal por abrigarem problemas como a violência, o tráfico de drogas e a prostituição.

Em 2009, o programa iniciou a revitalização da Rua Riachuelo que foi concluída em 2010 e consistiu, entre outras ações, na instalação de câmeras de segurança,

---

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/centro-historico-ganha-novos-ares-3sbu0lifd771pxtbhe856i826>>. Acesso em: 7 abr. 2016.

iluminação e reformas de calçada e fachadas. Essa revitalização foi muito bem recebida pelos comerciantes da região, conforme demonstra notícia veiculada na época pela imprensa local e que destaca o apelo comercial, o aumento da competitividade resultantes da revitalização e a valorização dos imóveis localizados na região:

Nos últimos meses, a região mudou de ares após a reforma da Rua Riachuelo, vizinha da São Francisco, e outras obras na Praça Tiradentes e Paço da Liberdade. Embora alguns obstáculos ainda resistam, como a presença de consumidores de drogas, a melhora é visível e os comerciantes não escondem a expectativa com as revitalizações [...] O melhor é ver a união dos empresários discutindo como melhorar, a região está cada vez mais valorizada.<sup>30</sup>

Em 2012 uma nova etapa da revitalização do centro da cidade foi iniciada com a realização das primeiras obras na Rua São Francisco, uma das mais antigas da cidade, que sempre era alvo de reclamações devido a pichações, depredação dos imóveis, presença de usuários de drogas, tráfico e prostituição. O objetivo das obras era transformar a rua em ponto gastronômico privilegiando o espaço para os pedestres<sup>31</sup>, o que implicou na necessidade de nivelamento das calçadas, reforma da iluminação pública e pintura das fachadas dos estabelecimentos comerciais com a participação de artistas locais.

FIGURA 1 - FACHADAS ESTABELECIMENTOS RUA SÃO FRANCISCO



FONTE: AG Comunique.

<sup>30</sup> Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/rua-sao-francisco-ganha-nova-cara-apos-4-meses-31fz8hpdkntmxeaw2sln74x1q>>. Acesso em: 7 abr. 2016.

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/promessa-de-vida-nova-as-pedras-da-rua-sao-francisco-2mawunob5n32io2eb1dx3b1hq>>. Acesso em: 7 abr. 2016.

FIGURA 2 - FACHADAS ESTABELECIMENTOS RUA SÃO FRANCISCO



FONTE: AG Comunique.

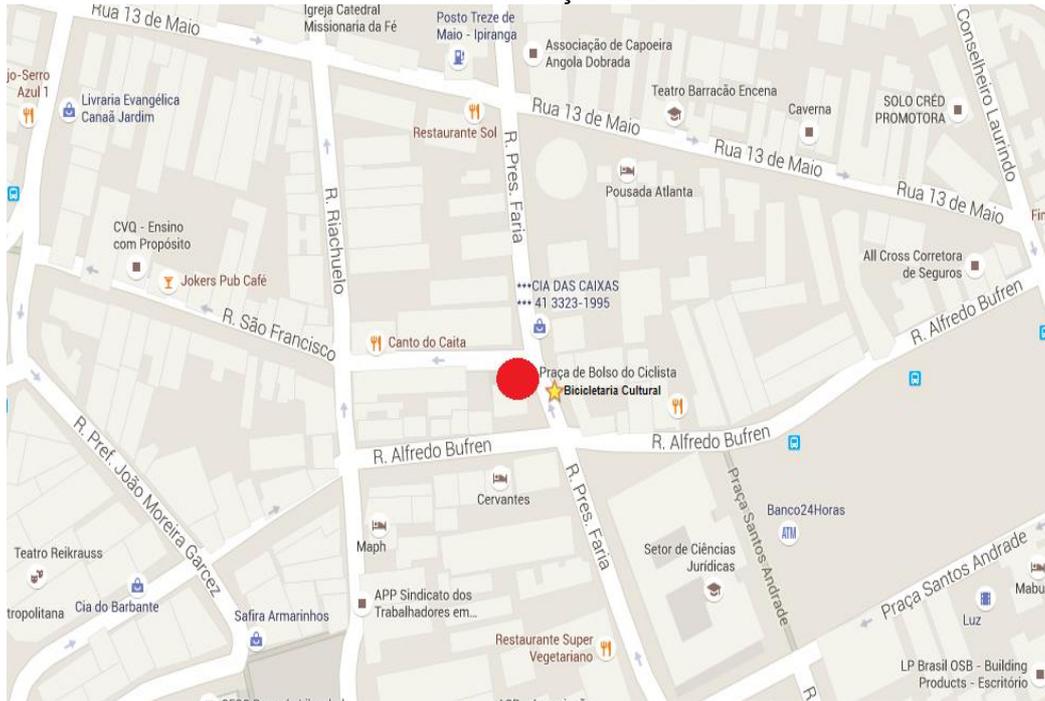
É nesse contexto de execução de uma política de revitalização da região das ruas Riachuelo e São Francisco que se insere a construção da Praça de Bolso do Ciclista. Essa região passou a ser local de intensa circulação de ciclistas a partir de 2011 quando foram inauguradas a Bicicletaria Cultural e sede da Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu, a Ciclolguaçu, em frente ao terreno onde está localizada a Praça.

A Bicicletaria Cultural é um empreendimento fundado pelos cicloativistas Fernando Rosenbaum e Tissa Valverde, voltado a serviços de apoio aos ciclistas como oficina, estacionamento e cursos de mecânica de bicicletas. Além disso, a Bicicletaria patrocina programação cultural (shows musicais, peças de teatro, debates, encontros) e abriga uma galeria de arte e a sede da Ciclolguaçu. Desde a sua inauguração, em agosto de 2011, ela serve de ponto de encontro dos ciclistas da cidade.

A Ciclolguaçu, por sua vez, foi fundada por um grupo de cicloativistas da cidade, sendo coordenada pelo filósofo e cicloativista Goura Nataraj durante os primeiros anos de atividade. Essa associação tem como objetivo discutir a questão da mobilidade urbana na cidade, promover o diálogo com o Poder Público em torno desse tema, auxiliar no desenvolvimento de políticas de ciclomobilidade e realizar campanhas educativas para motoristas, pedestres e ciclistas.

Foi entre participantes da Ciclolguaçu e da Bicicletaria Cultural que surgiu a ideia de construção da Praça, a qual foi iniciada por meio da mobilização de cicloativistas e artistas da cidade.

FIGURA 3 - MAPA DA PRAÇA DE BOLSO DO CICLISTA



FONTE: Google maps.

## 1.1 A MOBILIZAÇÃO

O local onde a Praça de Bolso do Ciclista foi construída era um terreno baldio que se encontrava fechado por tapumes há muitos anos. No final de 2013, liderados por Goura Nataraj, coordenador da Ciclolguaçu, e por Fernando Rosenbaum, proprietário da Bicletaria Cultural, os ciclistas decidiram investigar a propriedade do terreno e a razão de sua ociosidade, conforme demonstra o relato do arquiteto do IPPUC e Conselheiro da Ciclolguaçu Antônio Miranda:

Começou com um interesse por parte de um conjunto de ciclistas sobre um determinado espaço. Não se tinha certeza se aquele era um espaço de domínio público, então o primeiro passo foi realizar consulta junto a planta de urbanismo do município. (MIRANDA, 2015)<sup>32</sup>.

Após pesquisas e conversas com funcionários do Poder Público, os cicloativistas descobriram que o terreno fazia parte do ativo de uma massa falida<sup>33</sup>

<sup>32</sup> Entrevista concedida pelo arquiteto MIRANDA, Antonio. [6 ago. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015.

<sup>33</sup> A massa falida de uma empresa é formada no momento da decretação de sua falência, e consiste no acervo do ativo (créditos) e passivo (débitos) de bens do falido.

que havia sido doado para a Prefeitura Municipal de Curitiba para quitação de débitos. O terreno pertencia, portanto, ao Município desde 1992, mas encontrava-se em situação irregular de posse. Essa informação foi levada à Prefeitura de Curitiba e ao Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), acompanhada de pedido de regulamentação da situação e sugestão de construção de uma praça para os ciclistas.

FIGURA 4 - TERRENO DA PRAÇA DE BOLSO DO CICLISTA FECHADO POR TAPUMES



FONTE: Lucília Guimarães.

A sugestão apresentada foi aceita pela Administração Municipal, pois esta já tinha planos de construção de uma praça no local, dando-se assim início ao processo burocrático de liberação do terreno para esse fim. Enquanto isso a Ciclolguaçu iniciou o contato com arquitetos do IPPUC – responsáveis pelo planejamento e pela elaboração de projetos urbanísticos na cidade – e com integrantes de outras Secretarias que participariam do processo de construção, como a Secretaria Municipal de Obras, Secretaria Municipal de Trânsito e a Secretaria Municipal de Meio Ambiente.

A princípio, coube à Prefeitura a execução da obra, tendo se comprometido a inaugurá-la em poucos meses, contemplando a realização do III Fórum Mundial da Bicicleta, evento organizado pela Ciclolguaçu em fevereiro de 2014. O evento reuniu pessoas de diversos países para discutir assuntos relativos ao cicloativismo e propor soluções para a mobilidade urbana, com o objetivo de “repensar a organização e o

planejamento das cidades, e resgatar ideias voltadas para o ser humano e espaços de convivência”<sup>34</sup>.

Contudo, devido à lentidão do processo relativo aos trâmites burocráticos voltados à liberação do terreno e execução de obras públicas, não foi possível iniciar-se os trabalhos de construção da Praça a tempo, como relata a integrante da Ciclolguaçu:

A Prefeitura correu em 2013, imagina, correu muito rápido para tentar entregar a Praça em fevereiro de 2014, porque eles sabiam que a gente tinha assumido a bronca de fazer o Fórum Mundial da Bicicleta aqui né, só que não deu, porque o processo é muito lento. (RECK, 2015b)<sup>35</sup>.

Durante esse Fórum, a artista plástica suíça Mona Caron, residente em São Francisco/EUA, foi convidada para realizar a pintura de um grande mural na parede do prédio localizado ao lado do terreno onde seria construída a Praça de Bolso, na Rua São Francisco. O convite a essa artista, especializada na pintura de grandes murais e também cicloativista, se deveu também ao fato de suas pinturas trazerem como tema recorrente a bicicleta.

Em sua pintura para a Praça de Bolso de Curitiba há uma bicicleta com asas que sai de dentro de uma flor em direção ao céu, como se pode verificar na imagem que segue:

---

<sup>34</sup> Disponível em: <<https://www.catarse.me/fmb2014>>. Acesso em: 5 jun. 2015.

<sup>35</sup> Entrevista concedida pela designer RECK, Yasmin. [31 mar. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015b.

FIGURA 5 - MURAL MONA CARON



FONTE: Doug Oliveira.

A pintura dessa artista durante o III Fórum Mundial da Bicicleta representou o marco inicial da construção da Praça. Foram iniciadas logo em seguida reuniões de planejamento e, apesar de existir um projeto inicial proposto pelos arquitetos do IPPUC, a ideia era que o projeto arquitetônico da Praça de Bolso fosse desenvolvido pelos próprios ciclistas. Quem assumiu a responsabilidade pela elaboração e implementação do projeto foi o arquiteto, urbanista e ativista, Gabriel Gallarza.

A fase de elaboração do projeto durou cerca de dois meses e, desde o início, as pessoas foram convidadas a participar com a construção do projeto por meio do acesso à página da Praça de Bolso do Ciclista no Facebook<sup>36</sup>.

<sup>36</sup> Disponível em: <facebook/pracadebolsodociclista>. Acesso em: 11 set. 2015.

FIGURA 6 - CARTAZ DE DIVULGAÇÃO.  
FIGURA 7 - REUNIÃO DE APRESENTAÇÃO PROJETO.



FONTE: Arquivo da Praça de Bolso do Ciclista.

Alegando não ter os recursos, tampouco mão de obra disponível para executar o projeto, a Prefeitura informou que não conseguiria iniciar as obras naquele momento. Diante disso, durante as reuniões preparatórias surgiu a ideia de se realizar a construção da Praça de Bolso do Ciclista por meio de mutirões com participação direta dos ciclistas.

No Fórum, o IPPUC entregaria a praça pronta, eles não fizeram e deixaram aquele *banner* lá: Futura Praça de Bolso do Ciclista. Daí teve alguém que colocou essa ideia e falou: esquece a Prefeitura e imagina se a gente organizasse um mutirão para fazer a praça?! (NATARAJ, 2015a)<sup>37</sup>.

Os cicloativistas se comprometeram a fornecer a mão-de-obra e a Prefeitura, por sua vez, se comprometeu a contribuir por meio do empréstimo de máquinas e fornecimento de materiais disponíveis nos depósitos da Secretaria de Obras e da Secretaria de Meio Ambiente. Esta também se comprometeu a fazer a intermediação institucional entre os diversos órgãos e Secretarias responsáveis pelas liberações e autorizações necessárias e assim agilizar esse processo.

<sup>37</sup> Entrevista concedida pelo ativista NATARAJ, Goura. [30 set. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015a.

FIGURA 8 - TAPUME PRAÇA DE BOLSO DO CICLISTA



FONTE: Arquivo da Praça de Bolso do Ciclista.

Em abril de 2014, terminados os trâmites legais para a liberação do terreno, a parceria com a Prefeitura Municipal e suas Secretarias (IPPUC, Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Secretaria Municipal de Trânsito e Secretaria Municipal de Obras) foi formalizada dando-se enfim início ao processo de construção da Praça de Bolso do Ciclista de Curitiba.

A sugestão inicial dos ciclistas era que a praça se chamasse “Praça do Ciclista”, mas integrantes da prefeitura teriam sugerido o uso da expressão “de bolso” numa referência aos *Pocket Park*<sup>38</sup>, designação dada a pequenos parques construídos no meio de grandes cidades<sup>39</sup>. O objetivo dos ciclistas era construir uma praça que servisse como local de encontro e convivência no centro da cidade, tanto para ciclistas como para não ciclistas, um “aglutinador de pessoas” nas palavras do cicloativista Cristiano Pedro Rosa.

<sup>38</sup> O primeiro *Pocket Park* foi inaugurado na cidade de Nova York em 1967, criado pelo executivo Thomas Hoving. Os *Pocket Parks* foram idealizados como uma sala de estar pública ao ar livre, 'oásis' para os cidadãos, podendo ser pequenas praças ou jardins, com ou sem vegetação, que permitem o descanso dos habitantes ao longo do dia. Estes são criados normalmente quando surgem espaços livres devido a demolições, espaços irregulares ou que não têm área suficiente para construção. Disponível em: <<http://noctulachannel.com/pocket-park-parques-jardins/>>. Acesso em: 7 mar. 2015.

<sup>39</sup> A escolha do nome da Praça foi apenas um dos momentos de negociação nas relações entre o movimento ativista e os agentes públicos, processos sobre os quais tratarei ao longo deste trabalho.

Movidos pelos slogans: “cidades para pessoas”, “a cidade é nossa” e “recrie a sua cidade”, a construção da Praça representou para esse grupo a “retomada” dos espaços públicos pelos moradores das cidades em contraposição ao processo de migração das atividades sociais para espaços privados, como shoppings, tendência corrente nas grandes cidades nas últimas décadas. Prática assim descrita pelo ativista Goura Nataraj, um dos coordenadores desse projeto:

É claro, existe uma crise da rua, do espaço público, o que tem se falado nos últimos anos, e eu concordo um pouco. Curitiba está se reencontrando com o espaço público, as pessoas querem estar mais na rua, querem viver mais na rua, essa nossa nova geração, boa parte dela prefere estar na rua do que estar no shopping, isso é bom, a gente tem que fomentar isso. (NATARAJ, 2015a).

A ideia “Cidade para pessoas” é inspirada em obras do arquiteto dinamarquês Jan Gehl, cujo trabalho está voltado a um planejamento urbano centrado na figura de pedestres e ciclistas, proposta tida como capaz de melhorar a qualidade de vida nas cidades. A ideia de priorizar-se o espaço público como local de encontro dos moradores da cidade (GEHL, 2015, p. 3) é endossada pelos cicloativistas de Curitiba, como indica um dos entrevistados:

A Praça vem daquele conceito de cidade para pessoas... você vê como essa personalidade, essa intimidade, ter essas vozes ali falando e agindo é importante para ter essa renovação e essa saúde da cidade. (BERTELLI, 2015a)<sup>40</sup>.

Desde essa perspectiva o planejamento urbano deve privilegiar a dimensão humana em contraposição a ideologias dominantes de planejamento, em especial o modernismo, e dar prioridade aos espaços públicos e às áreas de pedestres.

## 1.2 OS MUTIRÕES

Em maio de 2014 foram iniciadas as primeiras atividades para a construção da Praça, como a limpeza do terreno e a realização do primeiro “Esquentar Mutirão” como eram chamadas as reuniões de planejamento durante as quais eram definidas

---

<sup>40</sup> Entrevista concedida pelo diretor de fotografia BERTELLI, Rafael. [set. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015a.

as ações a serem realizadas pelos mutirões, apontando-se necessidades técnicas, materiais a serem utilizados e responsáveis por cada atividade.

As convocações para os mutirões e a divulgação das ações eram realizadas na página da Praça na internet, como já mencionado, por meio de panfletos virtuais. Foi pelo acesso a um desses panfletos que comecei a participar dos mutirões de construção.

FIGURA 9 - CARTAZ DE DIVULGAÇÃO MUTIRÕES



FONTE: Arquivo da Praça de Bolso do Ciclista.

Era um sábado, cerca de 10 horas da manhã, quando cheguei à Praça. Havia um movimento grande no local. Cerca de dez voluntários, entre homens e mulheres, trabalhavam no nivelamento do terreno puxando areia e terra, manejando pás, enxadas e carrinhos de mão. Na calçada ao lado cerca de dez pessoas começavam a se organizar para as atividades que aconteceriam ao longo do dia.

Enquanto isso, o artista visual Thiago Syen terminava de pintar um compensado de madeira com os dizeres: “Recrie a sua cidade”, “Construção coletiva da praça do ciclista” e “Chegue junto”. Por sua vez, a integrante da Ciclolguaçu Yasmin Reck escrevia alguns cartazes improvisados com avisos e frases como “Praça de Bolso do Ciclista” e “Cidade para pessoas” que foram colados ao redor da Praça. Esses cartazes tinham como objetivo informar aos passantes e à vizinhança o que estava acontecendo no local já que, com exceção dos cicloativistas, poucas pessoas conheciam o projeto da Praça.

Um terreno localizado ao lado da Praça foi cedido pelo proprietário para servir de apoio para as obras e contava com uma pequena cobertura improvisada que servia para guardar equipamentos, ferramentas, tijolos, areia, pedras e outros materiais utilizados nos mutirões. Esse terreno ficava fechado por tapumes e permanecia trancado durante a semana, quando não havia voluntários trabalhando na obra. Os tapumes também serviram de tela para as pinturas que foram feitas durante as oficinas de arte urbana que aconteceram durante os mutirões.

Os materiais utilizados na construção da Praça foram, em grande parte, doados pela Prefeitura Municipal e pelas Secretarias de Obras, como as pedras de *petit pavê* utilizadas no piso, e pela Secretaria de Meio Ambiente, como plantas e mudas de árvores. A construção também contou com o apoio da iniciativa privada, como a construtora Thá, que possui empreendimentos imobiliários na região, além de doações de pessoas físicas e dos próprios “praceiros”<sup>41</sup>. Todo o material recebido por meio das doações ou adquirido de outra forma era armazenado no terreno ao lado.

Após a limpeza do terreno, a única coisa mantida deste foi uma mureta lateral (entre a Praça e a Rua São Francisco), preservada por ter sido construída segundo padrões antigos de construção. Ao lado dessa pequena mureta, os praceiros instalaram uma mesa improvisada que servia para se colocar água, café e frutas que eram compartilhados entre os que estavam trabalhando. Esses alimentos eram trazidos pelos voluntários e também doados por comerciantes da região (caso de algumas frutas e verduras doadas pelos feirantes da Feira de Orgânicos que acontece aos sábados no Passeio Público, distante cerca de uma quadra da Praça).

---

<sup>41</sup> Expressão nativa utilizada para se referir aos participantes dos mutirões de construção da Praça de Bolso do Ciclista.

FIGURA 10 - MUTIRÃO DE CONSTRUÇÃO I RUA SÃO FRANCISCO



FONTE: Doug Oliveira.

Na calçada que fica do outro lado da Rua São Francisco foi montado um ambiente que contava com alguns pequenos sofás e brinquedos para as crianças (cerca de cinco ou seis nesse momento), a maior parte filhas de praceiros, mas havia também algumas crianças da vizinhança, como as filhas do proprietário de um bar localizado em frente à Praça. Neste espaço, algumas mães e voluntárias se revezavam para acompanhar as crianças.

Na mesma calçada, um pouco mais acima, uma mesa improvisada servia de apoio para cerca de cinco mulheres que trabalhavam com pequenas peças de vidro e montavam mosaicos em formato de flores, mandalas e bicicletas. Algumas delas já se conheciam anteriormente, mas a atividade estava aberta a quem quisesse aprender a técnica. Quem liderava os trabalhos e ensinava as demais era Emi, ciclista, comerciante e artesã. Era a primeira vez que a via e conversando com ela descobri que os mosaicos que estavam sendo confeccionados serviriam para revestir o banco que seria construído futuramente na Praça de Bolso do Ciclista. Detive-me ali por algum tempo, observando e tentando aprender um pouco da técnica, enquanto percebia a movimentação crescente ao redor.

Enquanto estava com o grupo de mosaico, encontrei um amigo, o artista visual Thiago Vianna, carioca residente em Curitiba há alguns anos que iria ministrar uma oficina gratuita sobre arte urbana. Assim como ele nas semanas anteriores outros

artistas da cidade como André Mendes e Celestino Dimas já haviam passado pelo local e pintado parte do painel localizado no fundo da Praça.

A oficina de arte urbana reuniu 12 pessoas, jovens na faixa etária entre 20 a 30 anos. Começamos conversando um pouco sobre o trabalho do artista e a concepção de arte urbana e grafite, fizemos um rascunho coletivo do desenho que gostaríamos de fazer e então começamos a pintura do mural. Utilizamos o tapume lateral (que cobre o terreno ao lado da Praça), localizado na Rua São Francisco, para fazer a oficina e, apesar da maioria dos participantes não ter experiência anterior com a técnica do grafite, o resultado no final da tarde foi um mural pintado coletivamente pelos participantes.

FIGURA 11 - OFICINA DE ARTE URBANA



FONTE: Bruno Posnik.

Esse relato tem como objetivo demonstrar como ocorriam os mutirões. Assim, tomo-o como exemplo. De forma semelhante ao apresentado anteriormente, ao longo de cinco meses foram realizados diversos outros mutirões, com pequenas variações na programação cultural e na atividade a ser realizada na obra. Durante a semana eram realizadas reuniões de planejamento e durante os finais de semana os mutirões coletivos. Algumas atividades também eram realizadas durante os dias de semana para agilizar os trabalhos, como a realização de instalações elétricas ou o recebimento

de materiais para a obra. Nesse caso contou-se com a presença de apenas alguns dos praceiros responsáveis por essas funções.

Durante o período de construção a visibilidade da Praça foi aumentando na cidade e com ela a adesão de voluntários. Ao longo de um dia de mutirão chegavam a circular mais de 50 pessoas no canteiro de obras que se revezavam nas atividades de acordo com as tarefas do dia e com a etapa da obra.

Nos dias dos mutirões, em paralelo às obras, a Ciclolguaçu, juntamente com os praceiros e outros voluntários, passou a promover atividades culturais na Rua São Francisco, ao lado do canteiro de obras, como shows musicais, feiras, oficinas de grafite, mosaico, técnicas de plantio de hortas, espaço lúdico para as crianças, debates, feiras de trocas, dentre outros. Nessas ocasiões a Rua São Francisco era fechada pelos praceiros, impedindo o trânsito de carros, ampliando-se dessa forma o espaço para a obra e para as atividades culturais que ali aconteciam.

Quem fazia a gestão desse processo de construção, via de regra, eram os integrantes da Ciclolguaçu, Goura Nataraj (presidente da Associação à época) e Yasmin Reck (designer e coordenadora de comunicação da Associação). Eles faziam as convocações para as reuniões de planejamento (os “Esquentas Mutirões”), o contato com a Prefeitura Municipal e as Secretarias, a divulgação dos mutirões, dentre outras atividades.

As obras também contavam com o auxílio de inúmeros profissionais das mais diversas áreas: jardineiros, eletricitas, engenheiros, bioconstrutores, entre outros. Cada atividade era, portanto, coordenada por um “especialista” da área que orientava os demais na execução de atividades específicas. Dessa forma, o ciclista Lourenço Duarte de Souza, acabou tornando-se o “mestre de obras” da Praça por sua experiência e conhecimento de técnicas de construção civil. O bioconstrutor Julian Irusta, por exemplo, auxiliou nas obras com a introdução de técnicas alternativas de construção, como a técnica do adobe<sup>42</sup>, utilizada para a construção do banco da Praça. Na parte da jardinagem, criação dos jardins da Praça e escolha das mudas adequadas para plantio, a coordenação das atividades foi realizada pela gestora ambiental Iracema Bernardes.

---

<sup>42</sup> Adobe é uma mistura de argila, areia, água e outros componentes naturais que é utilizado na confecção de tijolos crus. É utilizado como uma alternativa 'sustentável' para a construção civil. Disponível em: <<http://pet.ecv.ufsc.br/2015/03/construcao-sustentavel-com-adobe/>>. Acesso em: 8 fev. 2016.

Entre os praceiros havia, portanto, estudantes universitários, arquitetos, designers, fotógrafos, artistas, professores, etc., a maior parte deles jovens (faixa etária entre 20 e 35 anos) com ensino superior, ciclistas ou simpáticos à bicicleta, em sua maioria moradores de bairros centrais ou próximos ao centro. Também era comum a presença de famílias e crianças pequenas nos mutirões, estas últimas ficavam brincando entre montes de areia, pedra e cimento ou então no meio da rua.

Durante os mutirões os voluntários podiam se engajar em diferentes frentes de trabalho à sua escolha, como construção do muro, revestimento do piso, confecção dos mosaicos que viriam a revestir o banco da praça, construção do banco de adobe, jardinagem, entre outros. Assim, ao mesmo tempo em que o praceiro auxiliava na construção da praça, as atividades realizadas funcionavam como uma espécie de oficina ou workshop para o aprendizado das técnicas que eram aplicadas. No período que acompanhei os mutirões aprendi a assentar tijolos, levantar paredes, construção em adobe, revestimento de piso em *petit pavé*, criação de mosaicos e pintura de mural em *graffiti*, por exemplo.

Para os cicloativistas e praceiros, a construção da Praça de Bolso do Ciclista deve ser compreendida como uma experiência, uma prática de ocupação dos espaços urbanos.

Tivemos a oportunidade de perceber esse espaço vazio, esse potencial e fazer isso florescer. Houve a participação de vários artistas urbanos, não só isso, mas dançarinos, jardineiros, pedreiros, plantadores, etc. É legal que todas essas pessoas tiveram uma oportunidade de ter um momento contemplativo, de ter um momento sensível, de despertar a consciência e se divertir com essa ocupação, com essa mão na massa mesmo. Houve essa relação afetiva, íntima com a cidade, com a sujeira até da cidade. (DIMAS, 2015b)<sup>43</sup>.

Essas práticas se refletem na expressão “pôr a mão na massa” e possuem valor como experiências físicas, corporais e sensoriais ao estabelecer relações a partir dessas dimensões com o espaço urbano. Essas experiências proporcionam, segundo eles, uma “mudança de consciência” na medida em que a relação do indivíduo com a cidade é modificada. A relação indivíduo-cidade torna-se novamente “mais próxima” por meio da experiência dos indivíduos na cidade.

Era isso que eu queria ver, que esse movimento que a gente fez na Praça empoderasse as pessoas para irem e ocuparem o entorno delas. Tipo,

---

<sup>43</sup> Entrevista concedida por DIMAS, Claudio Celestino. [1 maio 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015b.

aprendeu a fazer uma horta urbana aqui na oficina da Iracema, legal, agora faz lá na tua casa, chama os teus vizinhos, está mais perto de você, não precisa se deslocar para vir até o centro da cidade. Mas eu entendo que isso demora né, não é um processo tão rápido: “agora entendi que a cidade é minha, vou começar a ocupar”, demora um pouco. (RECK, 2015b).

A antropóloga Julia Ruiz Di Giovanni da USP, que analisa práticas que transitam entre as artes e o ativismo, reflete sobre experiências de ocupações de praças e outros espaços públicos – o que ela chama de “artes de abrir espaço”. Segundo ela, “a política aqui é algo que se funde à experiência subjetiva e corporal de ocupar a praça, às relações sociais e sensoriais que a pratica da ocupação estabelece” (GIOVANNI, 2015, p. 19).

Ser prazeiro significa compartilhar ideias sobre a cidade além de códigos que envolvem modos de estar, experimentar e conviver no espaço público. Ao mesmo tempo em que as pessoas criam o espaço (ao agirem sobre ele), elas também são criadas por este, como afirma esse trecho do filme *Praça de Bolso do Ciclista*, dirigido e realizado por prazeiros durante o processo de construção:

Ninguém sabe ao certo o que trouxe as pessoas a este lugar. Talvez os desenhos que demarcam o seu território existam por causa delas ou as pessoas que existem por causa dos territórios que ocupam. (PRAÇA..., locução em off, 2015.)<sup>44</sup>

A experiência do urbano é inovada pela vivência do processo de fazer:

[...] do ponto de vista dessa galera, é uma transformação pessoal, desde o ponto de vista físico, a galera fazendo um trabalho que nunca foi feito até de se defrontar com alguns paradigmas. Aqui por exemplo o trabalho é horizontal...aqui as pessoas tomam conta e fazem por si próprias”. (PRAÇA... Julian Irusta, bioconstrutor, 2015)

Eu acho que talvez essas pessoas sejam aquelas pessoas que realmente tinham a ver com essa questão do fazer. Para mim assentar um tijolo é uma sensação de autonomia muito grande, que me dá, por saber fazer uma parede, por saber fazer um piso. Eu vou em qualquer lugar no mundo e não fico sem uma casa, eu não fico sem comida porque sei plantar, sei cuidar da terra. Essas experiências que as pessoas vivenciaram com esses processos é mais ou menos isso. (PRAÇA..., Lourenço Duarte de Souza, 2015).

Os ativistas ressignificam politicamente o trabalho realizado durante os mutirões. A performatização parece servir para carregar de sentido político a ação

---

<sup>44</sup> PRAÇA de Bolso do Ciclista. 22 min. Disponível em: <<https://vimeo.com/122463936>>. Acesso em: 9 abr. 2016.

cotidiana de assentar um tijolo, pedalar para o trabalho ou brincar com as crianças, por exemplo. Há uma continuidade e uma relação entre o corpo, a performance e a cidade, onde a construção simultânea da pessoa e do espaço é realizada pela performatização de um estilo específico do privado:

[...] observando como as práticas corporais circulam entre a (re) produção da vida cotidiana e a invenção político-estética – como a tematização de certos gestos em modos excepcionais (rituais, artísticos ou militantes) lhes confere efeitos políticos distintos. (MORRIS, 2007 apud GIOVANNI, 2015, p. 24).

Essa experimentação do espaço urbano por meio de novas vivências e experiências de produção social deste propiciam, segundo os atores, novas formas de relação com a cidade e como consequência sentimentos de pertencimento e de intimidade, traduzidos pela expressão “sentir-se dono da cidade” como demonstra a seguinte fala:

A construção da Praça de Bolso do Ciclista foi um processo coletivo de ocupação do espaço público. O lugar em que foi construída é um lugar historicamente degradado da cidade. O projeto envolveu a construção e a criatividade das pessoas no processo. Ela trouxe essa discussão sobre a importância de a gente ter espaços públicos acessíveis, disponíveis, que as pessoas se sintam donas do espaço. (NATARAJ, 2015a).

O espaço é um “diferenciado”, pois é produzido com a participação da população, o que o diferencia do espaço produzido exclusivamente pelo Poder Público. No entanto, ainda que seja produzido por meio da participação da população, ao fim esse tipo de prática necessita do aval do Poder Público.

Isso para mim foi uma coisa muito legal, eu me vi praticando democracia entende? O Poder Público... Nós temos que determinar... Precisamos deles porque na atual conjuntura não podemos transgredir isso, não podemos sair fazendo as coisas de qualquer jeito. (DUARTE, 2015)<sup>45</sup>.

A revitalização do espaço público se apresenta neste caso como uma reação ou como uma solução, ao processo de degradação de certas áreas da cidade, identificadas como inacessíveis, perigosas. Fatores como a poluição, excesso de ruídos e riscos vivenciados nesses espaços também seriam algumas das razões para a redução da função do espaço da cidade como lugar de encontro e convívio dos moradores.

---

<sup>45</sup> Entrevista concedida pelo construtor DUARTE, Lourenço. [set. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015.

Sentir-se seguro é crucial para que as pessoas abracem o espaço urbano. Em geral, a vida e as próprias pessoas tornam a cidade mais convidativa e segura, seja em termos de segurança percebida e vivenciada. (GEHL, 2015, p. 91).

A “degradação de espaços urbanos” como produto do modo de apropriação capitalista do espaço público é o “pano de fundo” das práticas em análise em minha etnografia e a principal crítica da ativista canadense Jane Jacobs ao modelo modernista de urbanismo. A obra *Morte e Vida de Grandes Cidades* (2014), de Jacobs, é uma das principais referências teóricas utilizadas pelos ativistas de Curitiba para pensar a cidade. Assim, utilizo Jacobs como referencial teórico na constituição do movimento e o diálogo com a sua obra tem como objetivo compreender as concepções dos ativistas e até mesmo as expressões que utilizam para se referir à cidade.

Quando, por exemplo, Jacobs faz críticas às intervenções urbanísticas inspiradas no modernismo ela utiliza a expressão “morte das ruas” para referir-se à desertificação e/ou degradação dos espaços públicos. O binômio morte/vida está presente no vocabulário dos praxeiros de Curitiba como demonstram as falas a seguir:

É preciso não deixar que os espaços da cidade morram, por que se eles não são cultivados eles começam a morrer. (PRAÇA..., Guilherme Caldas, 2015).

[A Praça de Bolso] é algo novo para a gente, para a cidade, para as crianças, um lugar que era ocioso e que agora tem vida. (PRAÇA..., Elenice Guimarães, 2015).

Segundo Jacobs, uma das formas de se garantir a vitalidade das grandes cidades consiste no incentivo à diversidade de seus usos, o que multiplica seus usuários, promovendo-se assim modos diversos de contato e interação entre as pessoas. Quanto mais pessoas circulam e permanecem nos espaços públicos, afirma a autora, maior é a segurança da cidade. Um dos cicloativistas integrante desse movimento em Curitiba endossa essa ideia nos seguintes termos:

Um local que era conhecido por ser um espaço hostil dentro do centro da cidade, passou a ser seguro. Eu conheci a São Francisco em 2009, era uma rua que era hostil, você não passava ali. Hoje você vê ela ocupada da forma como ela está, também devido à praça. (PEDRO, 2015a)<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> Entrevista concedida pelo professor PEDRO, Cristiano. [set. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015a.

Jacobs chega a conclusões próximas a essa a partir da sua própria vivência e observação das práticas cotidianas no Greenwich Village, em Nova York. A movimentação das pessoas nas calçadas, composta por gestos anônimos e rotineiros (as crianças que vão para a escola, o comerciante que abre a loja, a senhora que põe o lixo na rua) – que ela chama de 'balé das calçadas' – constitui o principal promotor da segurança da rua.

Sob a aparente desordem da cidade tradicional, existe, nos lugares onde ela funciona a contento, uma ordem surpreendente que garante a manutenção da segurança e a liberdade. É uma ordem complexa. Sua essência é a complexidade do uso das calçadas, que traz consigo uma sucessão permanente de olhos. (JACOBS, 2014, p. 52).

A paz nas calçadas e nas ruas é mantida, segundo a autora, por uma rede de controles e padrões de comportamento do povo (JACOBS, 2014, p. 32). Esse movimento é comparado a uma dança, um balé em que cada indivíduo tem um papel distinto e que não se repete em outro local. A diversidade de frequentadores é vista como algo positivo quando não essencial para a segurança das cidades, já que os diferentes públicos fazem uso das ruas em diferentes horários, proporcionando um movimento contínuo nestas.

Além disso, “a presença de pessoas atrai outras pessoas” e proporciona mais olhares – principal fator de segurança – para as ruas, postula Jacobs (2014, p. 38).

As cidades não apenas têm espaço para essas diferenças e outras mais em relação a gostos, propósitos e ocupações; também precisam de pessoas com todas essas diferenças de gostos e propensões. Quanto maior e mais diversificado o leque de interesses legítimos que a cidade e as empresas possam satisfazer, melhor para as ruas, para a segurança e para a civilidade das cidades. (JACOBS, 2014, p. 42).

A degradação de espaços urbanos como produto do modo de apropriação capitalista do espaço público é a principal crítica de Jacobs ao modelo modernista de urbanismo. No caso da construção da Praça de Bolso, ela não foi pensada e criada como mero lugar de passagem, de descanso temporário ou de encontro fugaz entre anônimos, mas sim a partir dos interesses de um público preferencial, os ciclistas. Foram estes que definiram as atividades culturais a serem ali praticadas, instituindo-se, portanto, não apenas modos de usar, mas também modos de convívio específicos. Esse modelo de prática sofreu, porém, forte fissura quando novos atores e práticas

entraram em cena. Ou melhor, quando ocorreram outras práticas de ocupação como se verá adiante.

### 1.3 A INAUGURAÇÃO

A Praça ficou pronta depois de cinco meses de trabalho e cerca de 20 finais de semana de mutirões realizados por meio da mobilização dos ativistas. Como já mencionado, a Praça de Bolso do Ciclista foi construída com a participação de diferentes pessoas e entidades, dentre eles o movimento cicloativista, o Poder Público e iniciativa privada. O que a diferencia de outros espaços públicos semelhantes é que nesse caso os principais interessados – os cicloativistas – se propuseram a “por a mão na massa”:

A praça foi um processo de construção, o cidadão deixa de esperar o Poder Público entregar a coisa, a gente age, a gente faz. Tem esse potencial a ser desenvolvido. Não é negar o Estado, dizer que a gente não precisa do Estado, pelo contrário, a gente quer que o estado nos ajude. A gente quer que a Prefeitura, o Estado, o Poder público, nos dê ferramentas para que a gente ocupe a cidade. (NATARAJ, 2015a).

Pensar a cidadania a partir da ação direta no espaço público é o que há de inovador nesse tipo de experiência política. O cidadão se afirma como tal a partir da prática do espaço público, porém como sugere Roberto Da Matta “não somos efetivamente capazes de projetar a casa na rua de modo sistemático e coerente, a não ser quando recriamos no espaço público o mesmo ambiente caseiro e familiar” (DA MATTA, 1997, p. 19). A construção da Praça de Bolso parece ter obedecido a essa lógica, os mutirões servindo como “modo de fazer” agenciador dessa familiaridade.

A inauguração oficial da Praça de Bolso aconteceu no dia 22 de setembro de 2014, durante as ações do Dia Mundial Sem Carro<sup>47</sup>. Era uma segunda-feira e o dia amanheceu bastante frio e nublado em Curitiba, o que tornou mais difícil o trajeto de 45 minutos de bicicleta da minha casa até a Praça de Bolso do Ciclista. Chegando lá

---

<sup>47</sup> O Dia Mundial Sem Carro, celebrado no dia 22 de setembro, surgiu na França, em 1997, com o objetivo de diminuir a poluição e efetivar a mobilidade urbana, estimulando as pessoas a utilizar o transporte coletivo ou a bicicleta. A partir de então, várias outras cidades e países do mundo passaram a adotar essa prática. Em Curitiba a data tem sido comemorada há alguns anos e já faz parte do calendário de atividades da Prefeitura Municipal e Secretaria de Trânsito, que organizam debates e atividades educativas durante o dia.

estacionei minha bicicleta nos paraciclos que haviam sido instalados na noite anterior, juntamente com a placa de inauguração fixada na mureta da Praça. Apesar dos esforços das últimas semanas, ainda faltavam diversas coisas para serem finalizadas, como o revestimento do banco da Praça, a jardinagem e outros pequenos acabamentos que foram realizados posteriormente.

Busquei com o olhar alguns dos praceiros e fiquei ao lado deles enquanto aguardávamos a chegada dos demais. Enquanto isso, Plá, músico ciclista e compositor de diversas músicas com o tema da bicicleta, apresentou sua canção que, como mencionei no início do capítulo, retratava alguns dos momentos importantes na breve história da Praça.

As pessoas foram chegando aos poucos. No início do evento de inauguração havia mais de setenta pessoas, dentre elas o Prefeito de Curitiba (que chegou de bicicleta, assim como outros participantes), funcionários do IPPUC e outras secretarias da Prefeitura Municipal, praceiros, membros da Ciclolguaçu, alguns candidatos às eleições federais que aconteceriam em outubro, além de jornalistas e repórteres da imprensa local.

FIGURA 12 E 13 - INAUGURAÇÃO PRAÇA DE BOLSO DO CICLISTA



FONTE: Arquivo da Praça de Bolso do Ciclista.

A cerimônia de inauguração começou com um discurso do Julian Irusta, um dos pranceiros e principais construtores da Praça, seguido por uma fala rápida do Prefeito Gustavo Fruet. Os discursos trataram principalmente da adoção da bicicleta como meio de transporte na cidade de Curitiba, da relevância da construção da Praça de Bolso do Ciclista e da importância da mobilização popular na transformação do espaço público.

A placa instalada pela Prefeitura continha os dizeres: “Este espaço agora entregue a cidade, idealizado pelos ciclistas curitibanos e construído pela comunidade, com apoio da Prefeitura, celebra o ciclismo como atividade de interesse da população, urbanisticamente correto e ambientalmente sustentável”. Logo após os discursos e a inauguração da placa, seguiu-se uma sessão de fotos com o Prefeito, os candidatos presentes, políticos e membros do Poder Público.

Juntamente com outros pranceiros que estavam na inauguração, deixei a Praça logo em seguida. Partimos pedalando em direção à Avenida Cândido de Abreu, distante algumas quadras dali, onde desde o início da manhã acontecia uma ação da Vaga Viva (tema que será detalhado no próximo capítulo) em comemoração ao Dia Mundial Sem Carro. Chegando lá, me chamou a atenção o fato de que Yasmin Reck, uma das organizadoras dos mutirões da Praça de Bolso, estivesse participando da Vaga Viva, tendo, portanto, se ausentado da inauguração da Praça. Posteriormente, durante uma entrevista, ela relatou:

Nesse dia foi a inauguração da Praça, mas eu...agora uma parte pessoal...eu cheguei na hora da inauguração, muita gente se abraçando...eu não consegui ficar lá, eu peguei e fui embora. Quer saber, eu vou lá para a Vaga Viva que é, para mim, o que era mais legítimo. Como eu falei para você, não é Vaga Viva, não é praça, é ocupação do espaço, do espaço público, e não por modismo [...] A gente ficou aqui tanto tempo, agora tem todas essas pessoas desesperadas para tirar uma foto...é candidato, gente querendo aparecer, teve muita oportunidade para todo mundo ir lá, um dia que fosse [...] gente que nunca veio aqui, agora vem querer achar lindo, elogiar. (RECK, 2015b).

Assim como as invasões na periferia analisadas por Borges, a Praça de Bolso do Ciclista como *lugar-evento* marca a presença da política no ativismo local:

A invasão seria uma dessas ocasiões de encontro e troca e, por isso, deve ser compreendida como um lugar-evento. A invasão não é apenas palco para o confronto, ela também é um objeto que está sendo classificado no próprio embate. Essa luta particular nos conduziu pelas searas das disputas políticas locais, dos confrontos eleitorais. A invasão como lugar-evento aponta, portanto, para a presença da política na vida ordinária dos moradores do Recanto das Emas. (BORGES, 2003, p. 51).

A partir dessa noção de invasão e da fala de Yasmin veem à tona tensões quanto aos usos políticos da praça, antecipando questões que emergiram posteriormente, dentre elas, a pergunta “De quem é a Praça?”, tema da seção seguinte.

#### 1.4 OCUPANDO A PRAÇA

Com o início dos mutirões, diversas atividades culturais passaram a acontecer na Praça de Bolso, algumas já mencionadas, como as oficinas de arte urbana e de mosaico, recreação infantil, exposição de fotografias, shows musicais, exibição de filmes, apresentação de peças teatrais, realização de debates, entre outros. Quem organizava e centralizava essas ações era a Ciclolguaçu que tinha como objetivo estimular o caráter cultural da ocupação. Para isso foram feitos convites (por meio de chamadas na internet) para que os artistas locais se apresentassem no local durante os mutirões.

Ao longo do tempo essas atividades culturais passaram a ser espontâneas, ou seja, passaram a ser propostas pelas pessoas que aderiam ao movimento de construção da Praça ou que tomavam conhecimento do movimento. Essas pessoas começaram a organizar atividades na Praça, de forma autônoma, sem a interferência da Ciclolguaçu:

O movimento ele já se estende pra coisas que a gente não estava prevendo no início, que é o movimento cultural, o movimento de ação, de uso desse espaço. Que aconteceu em paralelo ao processo de obra, o tempo inteiro, desde o primeiro mutirão já tinha uma periferia de gente ao redor. (PRAÇA..., Gabriel Gallarza, arquiteto, 2015).

As atividades realizadas eram as mais diversas como feira de orgânicos, ações de assistência social (distribuição de sopa durante o inverno), shows musicais, festas, espetáculos teatrais, exibição de filmes, feira de zines, etc. Essas atividades, assim como todo o processo de construção da Praça, atraíram atenção da mídia e também do público, que em maior número passou a frequentar a Praça de Bolso do Ciclista e a Rua São Francisco. Narro a seguir algumas dessas atividades que foram realizadas na Praça.

No início do mês de setembro de 2014 foi organizada uma mostra de cinema chamada *Ágora Cineativista*, evento em que foram exibidos filmes de produtoras locais: Bem te Vi produções, ETNO Filmes, Valentinna Filmes e também do videomaker Beto Varella. A estrutura para a exibição foi improvisada: contava-se apenas com um projetor, um computador e uma caixa de som. As imagens eram projetadas numa grande tela branca pintada na parede do prédio ao lado da Praça. O público, cerca de 50 pessoas, ficou distribuído entre a Praça, a calçada e as marquises da Rua São Francisco, sentado em banquinhos, no meio fio, encostado na mureta ou nas paredes.

Acabei chegando atrasada por que no mesmo horário acontecia a festa de lançamento da candidatura do Goura a Deputado Federal<sup>48</sup> pelo Partido Verde nas eleições federais de 2014. Com o fim dos mutirões na Praça e o início do período pré-eleitoral, grande parte dos pranceiros havia aderido à campanha do Goura e esteve presente na festa.

Quando cheguei à Praça, Beto Varella acabava de apresentar seu filme que seria exibido em seguida, que retrata uma das performances do Coletivo local Interlux ArteLivre desenvolvida para a Bienal de Curitiba e que consistia na colagem de diversos círculos vermelhos pelo centro da cidade. O filme pretende promover a discussão sobre o circuito institucional e o circuito alternativo da arte. Uma das frases do filme que chamou minha atenção foi: “isso vai nascer em Curitiba e se expandir para o mundo”, reforçando mais uma vez a imagem de Curitiba como protagonista e pioneira em ações ligadas ao urbanismo, ao planejamento urbano e, agora, ao ativismo urbano.

No mês de setembro de 2014, pouco antes da inauguração da Praça de Bolso, aconteceu também a VII Edição do ArteBiciMob – festival de arte, bicicleta e mobilidade, organizado pela Bicletaria Cultural. A programação do Festival foi construída por meio de enquete nas redes sociais através da qual os próprios artistas agendaram os seus shows na Praça.

Essas apresentações eram de livre iniciativa dos artistas, sem qualquer controle institucional, havendo apenas o cuidado para que não fossem agendados dois eventos no mesmo horário e que as atrações musicais fossem variadas (solos,

---

<sup>48</sup> Goura foi ao longo de todo processo figura importante, sendo considerado uma referência tanto para o movimento quanto para o Poder Público que se remetia a ele em várias situações. Sobre estas relações tratarei mais detalhadamente no terceiro capítulo.

duos, trios, música brasileira, autoral, *death metal*, *punk rock*). Além disso, houve exibição de filmes, teatro e era possível acompanhar *in loco* artistas visuais realizando intervenções nas paredes da Praça e na Rua São Francisco.

FIGURA 14 - FESTIVAL ARTEBICIMOB



FONTE: Doug Oliveira.

Um dia antes de sua inauguração, aconteceu na Praça de Bolso a 5ª Edição do Festival Musicletada, organizada por um grupo de produtores culturais da cidade, tendo como mote a música e a bicicleta. A programação do Festival contou com uma variedade de práticas, como aula de yoga, debates, palestras, oficinas e shows musicais. A estrutura era composta por um palco e uma tenda que foram montados no início da Rua São Francisco, ao lado da Praça de Bolso do Ciclista. Ao longo da rua pequenas tendas vendiam bebidas e comidas.

Era um domingo de manhã e fazia um lindo dia de sol, resolvi ir ao evento de bicicleta. Quando cheguei à praça, o festival já tinha começado com uma aula de yoga com o professor Tiago Bindelwald, integrante do projeto Yoga no Parque<sup>49</sup>. Logo depois Yasmin Reck, integrante da Ciclolguaçu (designer, cicloativista e praceira) deu uma palestra sobre design de projetos de bicicletários, embora grande parte da sua fala tenha girado em torno de relatos de histórias sobre a praça e sua experiência como praceira e ativista.

<sup>49</sup> O Yoga no Parque é um projeto de um grupo de professores de yoga de Curitiba que ministra voluntariamente aulas de yoga gratuitas em parques e espaços públicos da cidade.

Nesse momento, antes mesmo da inauguração da Praça, começou a preocupação dos prazeiros com a questão da manutenção da praça e da segurança, tema que viria a ser o grande foco de atenção e preocupação nos meses posteriores. Segundo a designer, “quando o espaço público é ocupado, ele deixa de ser perigoso”. Fala que remete à Jacobs (2014), na medida em que a segurança no espaço público não é pensada com sendo responsabilidade apenas do Poder Público (Prefeitura, Guarda Municipal ou da Polícia Militar), mas resultado de práticas cotidianas de ocupação destes.

Yasmin relatou um episódio sobre a presença de alguns meninos que estavam fumando craque perto da praça. A polícia teria passado por eles sem fazer nada motivando um de seus amigos a se aproximar do grupo e intervir: “Olha, aqui não é legal fazer isso, tem crianças aqui”, comentário que provocou o afastamento de usuários de drogas do local.

A seguir Ivo Reck, integrante do Instituto Energia Humana, que tem como objetivo incentivar o uso de fontes alternativas de energia, fez apresentação das “bicimáquinas”, bicicletas adaptadas a algum tipo de máquina que passa a funcionar por meio da força mecânica das pedaladas. Nesse evento ele apresentou a “biciquadora”, uma bicicleta conectada à base de um liquidificador. Quando uma pessoa senta na bicicleta e começa a pedalar, o liquidificador é ativado mecanicamente e começa a processar o que estiver dentro dele, sem a necessidade de utilização de energia elétrica. Durante a demonstração algumas pessoas foram convidadas a participar pedalando a biciquadora, dentre elas um dos organizadores do festival e o presidente do IPPUC, Sérgio Pires.

FIGURA 15 - FESTIVAL MUSICLETADA



FONTE: Doug Oliveira.

Ao longo da tarde a artista e produtora cultural Giusy, do coletivo “Mucha Tinta”<sup>50</sup>, ministrou na Praça de Bolso uma oficina de construção de pipas chamada 'pipas voadoras' reunindo cerca de 20 pessoas, entre crianças e adultos. Como já conhecia a Giusy anteriormente, me ofereci para ajudá-la e acabei participando da oficina.

Conviver numa Praça pode evocar sentimentos associados a memórias do passado, de um tempo em que as pessoas utilizavam praças e espaços públicos urbanos como espaço de convivência e encontros. Magnani (1998) relata a experiência de moradores de bairros que passaram por processos de transformação nas grandes cidades, que remetem de forma nostálgica a “um tempo em que era costume colocar cadeiras na calçada em frente da casa, para apreciar o movimento da rua no fim da tarde” (MAGNANI, 1998, p.1). Não é essa a experiência da maioria dos praceiros, porém, como sugere Magnani nesse mesmo artigo, “a volta desse hábito é celebrada como uma conquista” (MAGNANI, 1998, p. 1).

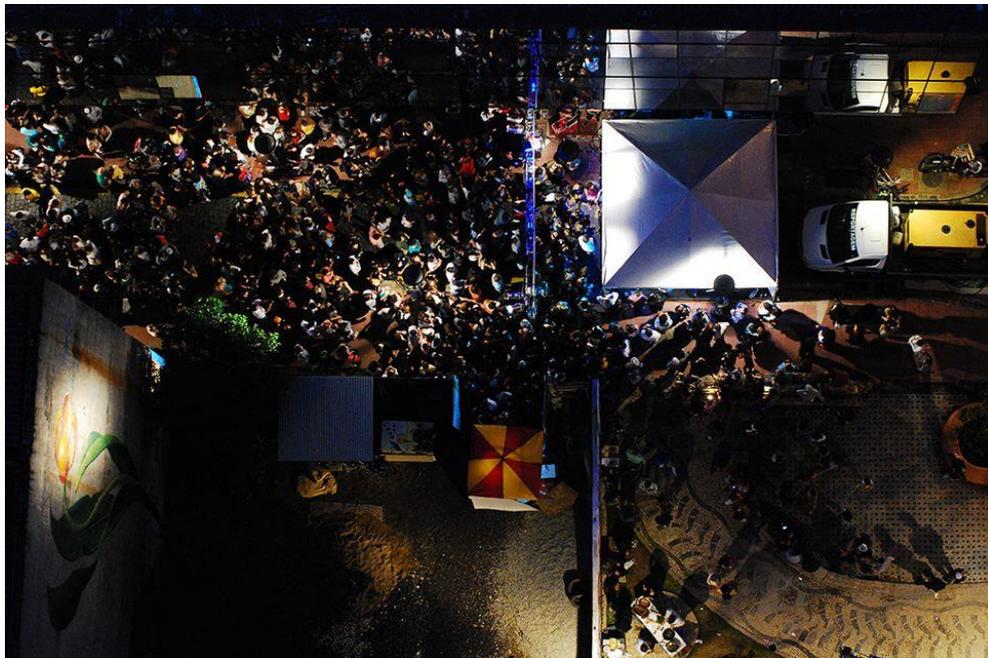
Não se trata, portanto, de mera nostalgia. Os praceiros celebram a construção da Praça de Bolso como um dos exemplos de “boas práticas urbanas”, propondo alternativas aos processos de deterioração dos espaços públicos e o confinamento da

<sup>50</sup> Mucha Tinta é uma produtora de arte que trabalha com um coletivo de artistas, fotógrafos, designers, ilustradores e videomakers, para desenvolver projetos de artes visuais. Fonte: <<http://www.muchatinta.com.br/>>

vida social em espaços privados por meio da transformação e o incentivo à vida coletiva nos espaços públicos.

O Festival Musicletada foi encerrado no final do dia com os shows dos músicos locais Janine Mathias e Dú Gomide. A rua estava lotada e o público era composto por jovens entre 25 a 35 anos, praceiros, artistas locais, participantes do Festival, além o público usual dos bares da Rua São Francisco. Segundo a imprensa local, o Festival contou com um público de 3.000 pessoas, o que contribuiu para dar maior a visibilidade ao espaço em vias de inauguração.

FIGURA 16 - FESTIVAL MUSICLETADA



FONTE: Doug Oliveira.

Os bares recém-abertos na Rua São Francisco também contribuíram para o movimento cada vez maior de pessoas na região. Enquanto o Brooklyn Coffee Shop foi aberto em 2013, o Negrita Bar foi inaugurado em meados de 2014 e o restaurante Canto do Caita, localizado quase no final da quadra, foi inaugurado no final de 2014. Durante o período de mutirões, os praceiros eram clientes dos bares e cafés da rua, criando um movimento de pessoas ao longo da quadra, entre o canteiro de obras e os estabelecimentos comerciais localizados um pouco mais acima.

Além do movimento habitual dos bares e restaurantes, os estabelecimentos começaram a promover festas na rua, geralmente aos finais de semana, com a presença de DJs e bandas que passaram a atrair um público cada vez maior, fazendo

com que o local passasse a ser um ponto de encontro para diferentes grupos jovens da cidade, de origens, classes sociais e ocupações diversas. Mesmo durante os dias de semana os bares estavam sempre cheios.

Para os *praceiros*, a Praça passou a ser o seu *pedaço* no centro da cidade, um ponto de encontro onde eles passaram a se encontrar de forma regular, tanto na fase de participação nos mutirões de construção como na etapa seguinte à inauguração da Praça.

De acordo com o antropólogo José Guilherme Magnani, o conceito de “pedaço”<sup>51</sup> refere-se a um determinado espaço demarcado na cidade que se torna “ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações”, com a presença de um “código de reconhecimento e comunicação entre eles” (MAGNANI, 2002, p. 21).

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (MAGNANI, 2002, p. 21).

A noção de *pedaço* remete a uma ordem espacial, um espaço físico demarcado, no caso a Praça de Bolso, mas também diz respeito às relações sociais que se estabelecem nesse espaço demarcado. Assim, a noção de *pedaço* ao mesmo tempo em que “evoca laços de pertencimento” também demarca o “estabelecimento de fronteiras”.

Os integrantes que fazem parte dessa rede social construída durante os mutirões constituem a categoria “*praceiros*”. Esta categoria é utilizada para designar um tipo muito específico de sociabilidade construída num determinado espaço (a Praça) e num determinado tempo (o período de mutirões), envolvendo a apropriação do espaço urbano por meio dos mutirões e realização de atividades culturais. Como ressalta Magnani (2002) não basta frequentar esse lugar para ser considerado *do pedaço*, é preciso estar inserido numa dada rede de relações, nesse caso, definida especialmente pela participação em atividades comunitárias. Essas atividades fizeram da Praça de Bolso ponto de encontro do grupo durante os mutirões e também depois da inauguração da sua inauguração.

---

<sup>51</sup> Desenvolvido dentro do contexto de pesquisa sobre lazer na periferia de São Paulo.

Atividades de cunho político também passaram a ter lugar na Praça de Bolso do Ciclista. Em outubro de 2014, aconteceu a segunda edição do debate “Cidadania no concreto: política participativa x política representativa”, organizado por Goura Nataraj, que contou com a participação dos cientistas políticos Pedro de Medeiros, ligado à Universidade Federal do Paraná, e Samira Kauchakje ligada à Universidade Federal de São Carlos.

O debate fazia parte das ações promovidas pela campanha política do Goura, tendo como objetivo pensar as relações entre a política representativa e a política participativa dos movimentos sociais e das ruas, mediante o sucesso das ações da praça recém-inaugurada.

A política participativa é um conceito valorizado entre os pranceiros, vista como uma alternativa à política representativa. Slogans divulgados pelo grupo como “faça você mesmo”, “recrie a sua cidade”, são indicativos da importância atribuída pelos ativistas à participação ativa e direta na construção das cidades. Contudo, a relação entre democracia participativa e democracia representativa não é de exclusão, tema que aparece em mais de um momento durante a pesquisa por meio das relações entre os ativistas e o Poder Público<sup>52</sup>.

No mês de dezembro de 2014, a Praça de Bolso sediou o evento “Plas Ayisyen – somos todos migrantes” organizado pelo Programa Português Brasileiro para Migração Humanitária (UFPR), com o objetivo de manifestar apoio aos imigrantes haitianos que estão vivendo em Curitiba e denunciar casos de preconceito e racismo que vinham sendo registrados contra eles na cidade. O evento contou com debate, venda da sopa, show com músicos locais e, a atração principal, apresentação da banda RECIF, formada por 11 músicos haitianos que vivem na cidade<sup>53</sup>. O evento lotou a praça e contou com um público de cerca de 200 pessoas, entre haitianos, artistas locais, cicloativistas, entre outros.

Em março de 2015, a Cicloguaçu encaminhou à Prefeitura de Curitiba uma petição solicitando o fechamento da Rua São Francisco ao trânsito de veículos com o objetivo de “fortalecer o local como ponto de encontro, cultura e lazer no centro da cidade, um espaço em que a criançada pode brincar na rua e amigos podem se

---

<sup>52</sup> Sobre esta relação tratarei mais detalhadamente no terceiro capítulo.

<sup>53</sup> Disponível em: <<http://cicloiguacu.org.br/2014/12/somos-todos-migrantes/>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

encontrar e conversar tranquilamente”<sup>54</sup>, reforçando certos usos dos espaços públicos.

Também entendemos a importância de valorizar este pequeno trecho da cidade, porta de entrada para o Centro histórico e ponto cultural que se consolidou com iniciativas culturais diversas – teatro, artes visuais, cinema e música. Tem de tudo ali nesta pequena quadra – história, boa comida, serviços justos, escola, academia, bicicletaria, galeria de arte, associações de direitos, imigrantes mais do que bem-vindos e, inclusive, a primeira micro praça construída diretamente pelos cidadãos!<sup>55</sup>

No final do mesmo mês, a Rua São Francisco foi oficialmente transformada em “Rua de lazer”<sup>56</sup> pela Prefeitura de Curitiba. Assim, aos domingos, a rua passou a ser fechada ao trânsito de carros para ser destinada ao uso exclusivos dos pedestres. A ação também contava com uma série de atividades de recreativas para crianças e adultos, como a disponibilização de brinquedos, jogos de mesa e de tabuleiro.

Em Curitiba o projeto foi uma iniciativa da Prefeitura, que forneceu os materiais utilizados, em parceria com comerciantes da região, que administram o material e o funcionamento da Rua de Lazer: “Por aqui, o destaque é a parceria do Poder Público com a população. Buscamos um envolvimento da sociedade na execução de políticas públicas”<sup>57</sup>.

Em um dos domingos em que estive na Rua São Francisco o trânsito havia sido interrompido na extensão da 1ª quadra da rua, entre as ruas Presidente Faria e Riachuelo, por meio de cones de sinalização. Como era de manhã ainda, havia pouco movimento na rua e aproveitei para conversar com a funcionária que estava com um colete da Prefeitura organizando os brinquedos e outros materiais. Enquanto conversávamos, duas crianças, filhas do proprietário do bar que fica em frente à Praça, brincavam na rua e um morador de rua jogava tênis de mesa com mais dois garotos frequentadores dos bares da região.

---

<sup>54</sup> Disponível em:

<[https://secure.avaaz.org/po/petition/Prefeito\\_de\\_Curitiba\\_Sr\\_Gustavo\\_Fruet\\_Queremos\\_que\\_a\\_Rua\\_Sao\\_Francisco\\_quadra\\_1\\_seja\\_uma\\_rua\\_de\\_pedestres/?pv=2](https://secure.avaaz.org/po/petition/Prefeito_de_Curitiba_Sr_Gustavo_Fruet_Queremos_que_a_Rua_Sao_Francisco_quadra_1_seja_uma_rua_de_pedestres/?pv=2)>. Acesso em: 5 dez. 2014.

<sup>55</sup> Petição on-line criada pela Cicloguaçu pedindo a transformação da Rua São Francisco em uma rua para pedestres, com o fechamento para a passagem de veículos. Disponível em: <[https://secure.avaaz.org/po/petition/Prefeito\\_de\\_Curitiba\\_Sr\\_Gustavo\\_Fruet\\_Queremos\\_que\\_a\\_Rua\\_Sao\\_Francisco\\_quadra\\_1\\_seja\\_uma\\_rua\\_de\\_pedestres/?pv=2](https://secure.avaaz.org/po/petition/Prefeito_de_Curitiba_Sr_Gustavo_Fruet_Queremos_que_a_Rua_Sao_Francisco_quadra_1_seja_uma_rua_de_pedestres/?pv=2)>. Acesso em: 5 dez. 2014.

<sup>56</sup> A rua de lazer é uma ideia já implementada em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte em diferentes formatos.

<sup>57</sup> Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/curitiba-ganha-tres-ruas-de-lazer-neste-fim-de-semana-6vzxstg62gwwgsw5ylfcx9elh>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

Segundo a funcionária do projeto o movimento na Rua é grande aos finais de semana e o projeto acaba atraindo especialmente famílias, uma vez que este se apresenta como espaço seguro para as crianças. Novamente preocupações com a segurança no espaço público vem à tona, assim como as medidas e tentativas dos comerciantes para atrair o público desejado.

No final de abril de 2015, foi instalado um ponto permanente de venda de produtos orgânicos na Praça de Bolso e uma feira passou a acontecer todas as quintas-feiras, o que foi comemorado pelos praceiros por consistir em mais uma atividade regular na Praça e atrair a presença de usuários durante o dia. Nos dias em que estive na feira, haviam sido montadas apenas uma ou duas barracas de produtores locais e o público era pequeno, distribuído ao longo do dia.

Em julho de 2015, foi organizado na Praça o *Street Store*, ação beneficente realizada em diversas partes do mundo que tem como objetivo coletar doações de roupas e sapatos e distribuí-los para pessoas em situação de rua e famílias carentes. O evento foi organizado por uma pessoa que conheceu essa prática por meio de um vídeo na internet, acionou seus amigos e divulgou a ação em uma rede social para arrecadar doações. Dentre os organizadores e voluntários não estavam presentes os frequentadores habituais da praça, nem praceiros.

A Praça de Bolso foi cercada com fitas de isolamento com o objetivo de organizar a entrada e saída de pessoas. A ação ocupava praticamente todo o espaço da praça e haviam muitas roupas e calçados colocados em araras, mesas improvisadas, bancos da praça e no chão. O público era autorizado a entrar na Praça aos poucos para permitir aos que estavam dentro da Praça escolher os produtos a serem levados, formando uma fila de espera ao longo da quadra.

Além dos eventos acima narrados, diversos outros foram organizados por diferentes pessoas, grupos e associações da cidade. Em questão de meses, a Praça de Bolso e a Rua São Francisco tornaram-se o “lugar da moda” na cidade, de forma que, além dos praceiros, amigos e frequentadores dos bares da Rua São Francisco, outros grupos também começaram a frequentá-la.

De acordo com Fabia Mariela, proprietária do restaurante Canto do Caita, o local passou a ser frequentado de forma mais intensa pelos estudantes do Colégio Estadual CEAD Poty Lazzarotto localizado em frente à Praça de Bolso, alguns integrantes do movimento hip hop, além de outros grupos compostos por jovens de 18 a 25 anos, provenientes de diferentes bairros da cidade. Segundo ela, esses jovens

geralmente não frequentam os bares da quadra (Negrita, Brooklyn, Canto do Caita), mas trazem suas bebidas<sup>58</sup> de casa ou consomem nos locais que possuem preços mais acessíveis, como a distribuidora de bebidas localizada na mesma rua ou então nas lanchonetes localizada nas redondezas.

Esse público consome ali na distribuidora, na chinesa lá de baixo, na Presidente Faria, compra lá três latões por R\$10. O nosso público tem um outro perfil [...] com a galera do tubão eu já não tenho muita relação, junta o pessoal que estuda na escola, com a galera do tubão. (MARIELA, 2015a)<sup>59</sup>.

Esses jovens frequentam a Praça de Bolso e a Rua São Francisco durante os dias de semana, especialmente à tarde e à noite, e também às sextas-feiras à noite quando há grande movimento na região. Em geral eles ficam sob as marquises, sentados nas calçadas ou em frente aos estabelecimentos comerciais.

Retomando os conceitos do Magnani sobre o uso e a ocupação da cidade, o termo *pedaço*, utilizado a princípio apenas para referir-se aos praceiros, começa a ganhar novos contornos ao se inserir dentro de uma *mancha*, ou seja, num espaço com uma amplitude maior que funciona como "ponto de referência para um número mais diversificado de frequentadores" (MAGNANI, 2002, p. 22). Espacialmente, a *mancha* possui uma abrangência maior que o *pedaço*, o que permite que pessoas de origens diferentes circulem por ela, sem estabelecimento de relações mais estreitas.

A Praça e a Rua São Francisco podem ser classificadas como uma *mancha de lazer* em que predominam restaurantes, bares, cafés e espaços culturais que constituem um ponto de referência para o encontro de diferentes grupos interessados em determinadas (e por vezes distintas) atividades de lazer.

Diferentemente do que ocorre no *pedaço*, para onde o indivíduo se dirige em busca dos iguais, que compartilham os mesmos códigos, a *mancha* cede lugar para cruzamentos não previstos, para encontros até certo ponto inesperados, para combinatórias mais variadas (MAGNANI, 2002, p. 23).

Essas formas de apropriação e uso do espaço – *pedaço* e *mancha* – foram sendo construídas aos poucos, ao longo do processo de construção da Praça, e se tornaram mais evidentes após a sua inauguração, quando se verificou aumento de

<sup>58</sup> Muitos consomem o chamado 'tubão', bebida preparada com qualquer bebida alcoólica destilada como vodca ou cachaça, mais refrigerante, geralmente consumida diretamente na garrafa.

<sup>59</sup> Entrevista concedida pela comerciante MARIELA, Fábila. [9 dez. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015a.

circulação de pessoas no local. Essa situação gerou encontros que por vezes resultaram em conflitos.

Considerando que a Praça de Bolso de Curitiba não foi pensada e criada como mero lugar de passagem, de descanso temporário ou de encontro fugaz entre anônimos, mas que ela foi pensada para um público preferencial (não exclusivo) composto de ciclistas/artistas/ativistas, a partir da visão e princípios cicloativistas sobre a cidade, pode-se afirmar que Praça e praceiros construíram-se mutuamente.

Esse processo pode ser pensado em dois momentos: a construção da Praça ou a “ocupação” dos cicloativistas e a posterior fruição do espaço com a presença de outras “ocupações”. Num primeiro momento quando foram definidas atividades culturais a serem ali praticadas, instituiu-se modos de usar e de convívio específicos. Porém, esse modelo inicial sofreu rompimento quando novos atores e práticas entraram em cena. Ou melhor, quando outras ocupações ocorreram como se verá a seguir.

## 1.5 OS CONFLITOS

A gente tinha feito figuras, bicicletas, mas não tinha colocado as pessoas no mosaico, por que a gente falava: vai ser muito difícil fazer gente... As bicicletas que a gente tinha feito sem pessoas, a gente começou a colocar pessoas nas bicicletas (PRAÇA..., Leda Emi Sew, artesã, 2015).

Utilizo essa referência sobre a produção dos mosaicos para fazer um paralelo com os conflitos que começaram a surgir na Praça de Bolso depois de sua inauguração. Os projetos criados pelos praceiros para a Praça de Bolso previam que esta se tornasse um lugar de encontro, com jardins, bancos e paraciclos. E, apesar de terem projetado o espaço, não tinham previsto o intenso e diversificado fluxo de pessoas nele. Assim, a partir da inserção de múltiplos atores na Praça, começam a surgir dificuldades entre os que a frequentavam ou que estavam sendo, de alguma forma, impactados por ela.

Por causa do grande movimento na região começaram a surgir reclamações de moradores e comerciantes vizinhos à Praça por causa do excesso de barulho, da sujeira deixada na rua (lixo, garrafas, bitucas de cigarro), do aumento de casos de pichações nos prédios ao redor da Praça e do registro de casos de violência na região, como brigas e assaltos.

Assim que começaram as reclamações, alguns prazeiros tentaram conversar com comerciantes e moradores da região numa tentativa de mediar os conflitos entre os diferentes grupos envolvidos, mostrando-se preocupados com os problemas decorrentes do uso do espaço. Houve um esforço inicial por parte destes de mediar o processo de comunicação entre os diversos atores que passaram a fazer uso desse espaço ou que foram impactados pelo fluxo local de pessoas, como os comerciantes, moradores vizinhos, o público que passou a frequentar o espaço e o Poder Público.

O ativista Fernando Rosenbaum, que acompanhou o processo, assim se manifestou a respeito:

Existem novos desafios agora que... não tem como gerenciar, mas como organizar, não sei se precisa organizar, mas como pensar essa vida da Praça. Com os moradores, com os comerciantes, quais as vontades de cada. As pessoas querem fazer música, ao mesmo tempo que as pessoas querem dormir ou a escola quer ter aula. (PRAÇA..., Fernando Rosenbaum, comerciante, 2015).

Na medida em que os conflitos se agravavam, os moradores e os comerciantes da região começaram a demandar da Prefeitura e da Guarda Municipal mais segurança na região, solicitando inclusive o fim de algumas atividades na Praça que atrapalhavam o funcionamento da escola localizada ali em frente. Em consequência disso, no final de setembro de 2014, a realização de apresentações artísticas na Praça de Bolso foi suspensa por determinação da Administração Municipal.

Contudo, os conflitos entre prazeiros, comerciantes, moradores e frequentadores continuaram se agravando com a afluência de um público ainda maior e mais diverso que passou a frequentar o espaço.

Próprio dos contextos urbanos, esse tipo de conflito se aproxima do modo como Frúgoli Jr. concebe as relações de sociabilidade estabelecidas nos espaços urbanos “como espécies de espaços comunicacionais, onde, através da interação entre grupos, redes e indivíduos, se definem e redefinem simbolicamente certas diferenças sociais” (FRÚGOLI, 2007, p. 35). Dessa forma, a cidade é definida a partir de uma organização física e uma ordem moral que interagem mutuamente, modificando uma a outra e circunscrevem espacialidades. Nesse sentido afirma:

A figura do *citadino*, que ocupa espaços urbanos, desloca-se por seus diversos territórios e estabelece relações de proximidade e distância com outros cidadãos, em contextos específicos e situados. Ele não se reduz a figura do transeunte, tampouco coincide com a figura do cidadão (embora possa vir a assumir tal condição) já que a urbanidade não conduz *a priori* as

práticas de cidadania, e nem sempre a cidade, por suas conjunções estruturalmente instáveis (ao atrair e repelir, ao mesmo tempo, seus habitantes entre si), produz aglomerações politizadas (FRÚGOLI, 2007, p. 7).

O espaço urbano, portanto, é construído a partir da atuação de diferentes forças sociais:

Seu uso e ocupação resultam diretamente da negociação e luta dos diferentes grupos sociais pela hegemonia e pelo controle das formas que possibilitam sua apropriação material e ideológica (SILVA, 2000, p. 95).

As questões em torno da sociabilidade e disputas de uso do/no espaço público permite pensar a Praça relacionalmente, a partir da visão dos diversos atores envolvidos. Isso porque a ocupação da Praça de Bolso de Curitiba não se caracteriza pelo mero protesto dirigido aos poderes constituídos, como observado, por exemplo, em estudos recentes sobre *ocupações* (BUENO, 2014; GIOVANNI, 2015; MITCHELL, 2012; TAYLOR, 2013). Trata-se de um caso em que o evento da ocupação se desdobra em outras práticas e relações envolvendo o usufruto do espaço público. Contexto que acabou por gerar algo não esperado, embora típico da natureza do espaço público: o confronto de interesses, de visões de cidade e de usos pretendidos pelos públicos diversos que dele se apropriam. Pensada pelos praceiros como uma espécie de “espaço fechado” – no sentido de espaço de convivência entre “iguais” – ao ser “entregue à cidade” este espaço se tornou objeto de disputa entre grupos diversos.

### 1.5.1 A Praça segundo os praceiros

A partir da construção da Praça e apropriação deste espaço por meio de atividades de interesse do grupo específico em questão, os praceiros começam a se sentir responsáveis por seu gerenciamento. Sem experiência de gestão pública, logo se defrontaram com situações caracterizadas como de “perda do controle”, conforme demonstra relato da integrante da Ciclolguaçu:

Depois de um tempo eu lembro bem o dia em que a ocupação cultural ali do espaço fugiu do controle, foi uma feira de zines e junto com essa feira eles convidaram o Brasilidades que é um grupo de festas que faz um som. Quando eu cheguei a rua estava bombando, eu olhei e pensei: nossa! Foi o primeiro dia que a rua bombou, depois daquele dia nunca mais. (RECK, 2015b).

Assim, a cidade idealizada pelos praceiros entra em conflito com rumos tomados pela Praça. A sua fala<sup>60</sup> reflete a mudança de escala na apropriação do espaço público em questão, não prevista pelo grupo inicial. Antes gerenciada por meio da organização de atividades – convite aos artistas, contato com comerciantes e moradores da vizinhança –, ao cair no domínio público, a Praça começa a ser palco de conflitos de interesses:

[...] a Praça do Ciclista sim, teve sucesso, demais até né?! E o próprio sucesso dela é o fim dela. O Goura diz que a Praça está na UTI. Ele está ofendido com essa ocupação inconsciente que a Praça está tendo, de uso excessivo de drogas, pichação, xixi... Eu não me ofendo, eu já estou bem desapegada. Para mim a Praça é da cidade e a cidade interage com ela com o melhor que cada pessoa ali pode dar na hora. (RECK, 2015b).

Os códigos da *casa* e da *rua* elaborados por Da Matta (1997) podem ajudar a pensar esse conflito, assim como servir de mote para se discutir as noções de cidade e cidadania dos praceiros, pois enquanto no âmbito da *casa* somos “supercidadãos” (com um lugar determinado e permanente na hierarquia da família), na rua somos “subcidadãos” (indivíduos anônimos e sem voz). Por essa razão, “jogamos o lixo para fora de nossa calçada, portas e janelas; não obedecemos às regras de trânsito, somos até capazes de depredar a coisa comum, utilizando aquele celebre e não analisado argumento segundo o qual tudo que fica fora de nossa casa é um ‘problema do governo’” (DA MATTA, 1997, p. 19). Daí a dificuldade apontada pelo autor de viver numa sociedade que possui uma cidadania em casa e outra na rua, gerando conflitos e incoerências.

Nesse sentido, os termos *cidadania* e *cidadãos* são acionados inúmeras vezes por meus interlocutores possivelmente em uma tentativa de recriar uma cidadania única em que os indivíduos possuam voz no espaço público e também possam se sentir responsáveis por ele, “recriando no espaço público o ambiente caseiro e familiar” (DA MATTA, 1997, p. 19).

A chegada de novos atores, com outros interesses e práticas de apropriação do espaço público gerou o (re) surgimento da estigmatização. As antropólogas britânicas Jeanette Edwards e Marilyn Strathern, sugerem uma perspectiva de análise

---

<sup>60</sup> Recorro à fala de Yasmin não como “voz oficial”, já que há dentro do grupo modos diversos de percepção, nuances e diferenças de pontos de vistas, mas sim por ela estar na coordenação desse processo e representar a visão dos organizadores da ação, aqueles que refletiam sobre os conflitos que começavam a surgir.

para essa questão ao apontarem conflitos envolvendo a noção de pertencimento (EDWARDS; STRATHERN, 2000). De forma geral, afirmam ser comum surgirem conflitos entre velhos moradores e os *incomers* ou ingressantes em uma comunidade já que as “nossas formas” de fazer as coisas (dos velhos moradores) aparecem em oposição às “suas formas” (dos ingressantes).

As noções de ‘pertencimento’, ‘associação’, ‘relação’ não são termos livres de valor, pelo contrário, carregam tons positivos, ou seja, é como se houvesse uma virtude em fazer conexões, em pertencer a determinado grupo: “*People take pleasure making links of logic or narrative, as people take pleasure in claiming personal links*” (EDWARDS; STRATHERN, 2000, p. 152). Portanto, também, a exclusão não está livre de valor. Normalmente carrega tons negativos, conotações de marginalidade ou perda. Tudo aquilo que não pertence a nossa comunidade é definido como estando à margem, demarcando uma antítese entre aqueles que pertencem e aqueles que não pertencem: “*the excluded are excluded by virtue of their failure to be part of something*” (EDWARDS; STRATHERN, 2000, p. 153).

Os que são excluídos podem ser identificados por características distintas como classe social, estilo de vida, ou roupa, por exemplo, que os separam de outros. Não pertencer a um grupo pode resultar de uma série de fatores, mas de forma geral os *incomers* ocupam essa posição. Na Praça de Bolso dos Ciclistas foi o que se deu em relação aos recém-chegados: eles não foram bem vistos pelos pranceiros, comerciantes e frequentadores do local, em grande medida por não possuírem características de pertencimento ao grupo, seja a relação com a bicicleta, o tipo e os lugares de consumo, o vestuário, o tipo de música, entre outros.

Nem todos os pranceiros, porém, veem os conflitos surgidos como algo negativo, como se pode ver na fala que segue sobre a pichação dos murais da Praça de Bolso:

Porque mudou o perfil de ocupantes digamos assim né, um pessoal menos preparado eu acho para lidar com essas questões, e isso está gerando uma série de desafios que eu acho muito saudáveis até. Eu acho até que essas pichações são apropriadas até, vocês lembram como eram nas cavernas antes? Parece que a coisa não mudou muito, essa atitude deliberada de inserção gráfica ela é muito estruturante na nossa maneira como grupo, como civilização. (DIMAS, 2015b).

A reflexão do artista visual sobre a série de pichações feitas nas paredes da Praça cobrindo pinturas que foram feitas por artistas da cidade durante os mutirões

evidencia a oposição entre as “nossas” formas de expressão, chamadas de “arte urbana”, e as formas “deles”, chamadas pichações.

Apesar de incomodados com a situação que se criou na Praça, após um ano da sua inauguração, os praceiros passam a salientar os seus aspectos positivos:

Eu acho que o que está acontecendo agora...vandalismo, lixo...A galera ocupar a praça, ocupar a rua, isso é fenomenal. Se a gente está falando do sucesso de um projeto, então é 100% bem-sucedido porque jogou luz para dinâmica do centro. As pessoas estão ocupando, se essa ocupação traz junto consigo vandalismo, violência, coisas indesejáveis, isso também faz parte de toda a dinâmica urbana como um todo. Fico muito feliz e orgulhoso de ter contribuído com a Praça de Bolso do Ciclista. (NATARAJ, 2015a).

Alguns deles passam a atuar como agentes “fiscalizadores” e “educativos” no espaço público, “conscientizando” os outros frequentadores para que preservem o local:

Há alguns meses atrás, eu e o Rafa, a gente desceu ali uma noite, estava uma galera, bem onde está a plaquinha, o azulejo oficial e estava um cara bem na hora mandando um tag, pichando a plaquinha. Aí a gente ficou olhando e falou: Cara, você sabe qual a história desse espaço, onde você está pisando? “Não eu só vi a logo da prefeitura eu só quis vandalizar”...A gente começou a falar com ele e os amigos deles falaram: “Não, tá certo, isso daqui é diferente”...Falta isso, é novo assim, a gente sempre recebe do Poder Público tudo pronto. (NATARAJ, 2015a).

As duas falas acima assinalam a diferença de visões dos dois grupos com relação à coisa pública e, especialmente, os modos de se conceber a relação com o Poder Público. A relação de desafio, de enfrentamento, realizada a princípio pelos ativistas/artistas/ciclistas não é da mesma natureza daquela praticada por este outro grupo. Enquanto a primeira relação é propositiva e apresenta propostas para a construção de políticas públicas, a segunda é destrutiva e visa o vandalismo. Este exemplo, assim como outros citados ao longo do texto, aponta dados que permitem demarcar as diferenças entre os dois grupos aqui mencionados em relação a questões como a visão de cidade e a cidadania (o que inclui modos de se fazer política e de se relacionar com o Poder Público).

### 1.5.2 A Praça segundo os comerciantes

No início do processo de construção da Praça, a maior parte dos comerciantes da Rua São Francisco foi simpática à proposta, especialmente porque os praceiros passaram a ser frequentadores dos estabelecimentos comerciais da região,

contribuindo dessa forma com o aumento da visibilidade dessa região da cidade na mídia, o que atraiu um novo público para o local.

Contudo, o aumento da movimentação da rua e especialmente a presença de novos frequentadores, especialmente daqueles que não são consumidores dos bares, começou a incomodar os comerciantes. A entrevista realizada com a proprietária do restaurante Canto do Caita, Fabia Mariela, por exemplo, exemplifica parte desses conflitos e questões. Ela está no local desde maio de 2014, e conta como percebeu a mudança de movimento e de público a partir de 2015 com a chegada dos “novos ocupantes da rua”:

Quando a gente alugou o imóvel a rua era bem diferente, era bem vazia, não tinha movimento, daí com os movimentos de final de semana, da construção da praça, a gente foi vendo no final de semana gente bacana e tal, crianças na rua que não tinha...ela foi mudando...quando o Negrita abriu em setembro deu um *up* na rua e a gente abriu em seguida, em outubro, explodiu...era verão, virou moda, enfim...foi muito rápido. Quando a gente abriu a rua já estava com uma cara de: vamos beber na rua, não era mais a cara daquela rua sombria que ninguém passava por medo, era uma rua com gente circulando. E também agora as pessoas que frequentam a rua que ficam paradas na rua...os ‘novos ocupantes da rua São Francisco’. (MARIELA, 2015a).

Sobre o perfil desses novos ocupantes ela esclarece:

São [sic] o pessoal que está aí vendendo droga, eles são os novos ocupantes [...] a rua tomou uma proporção de gente bebendo final da tarde, noite... tem uma distribuidora vendendo [...] eles pedem para ir no banheiro e dependendo do movimento a gente deixa, dependendo a gente fala que não, esse público consome ali na distribuidora, na chinesa lá de baixo, na Presidente Faria, compra lá três latões por R\$10...o nosso público tem um outro perfil...com a galera do tubão eu já não tenho muita relação, junta o pessoal que estuda na escola, com a galera do tubão. Quando começou esse movimento, era galera do hip hop, que ficava ocupando a Praça e fazendo o seu som e tal, só que nem eles eu vejo mais aqui, até eles foram embora. (MARIELA, 2015a).

A partir de então as batidas policiais, que antes ocorriam ocasionalmente, passaram a ser frequentes, inclusive com a permanência de policiais, com viaturas e cachorros na Praça durante algumas semanas. Apesar da ocupação pela polícia, depois de algum tempo os problemas voltaram a aparecer.

A gente foi até a Prefeitura para tentar fazer eventos na rua, por que a rua está muito largada e no final da noite fica aquela confusão, sempre dá briga, por que a galera fuma maconha, toma tubão e fica brigando entre as tribos e sempre dava briga de gangue [...] Quando a polícia estava aqui muita gente reclamou porque a polícia estava de arma, guarda municipal armada. Para nós foi bom, muitos clientes voltaram porque não tinha aquela muvuca de gente comercializando e usando droga na rua [...] Depois que a polícia saiu,

a galera voltou...tinha esse movimento do hip hop, essa galera depois saindo de cena, eles faziam mais barulho, mas a galera que está ocupando a rua agora é a galera que está vendendo droga, e a galera que quer tomar o tubão, obviamente, quer tomar uma cerveja barata, o Fontana de plástico. (MARIELA, 2015a).

Essas mudanças nas práticas de apropriação do espaço urbano também são alvo de crítica de alguns dos cicloativistas, que como os comerciantes se queixam do fato dos praceiros terem deixado de frequentar o local, responsabilizando-os por sua omissão:

A galera foi lá, pediu o terreno, construiu a praça, eu não entendi até agora... Praça de Bolso do Ciclista? Não tem ciclistas, os ciclistas não vêm mais aqui, ninguém vem mais aqui parar a bike ali, já roubaram bicicleta aqui. Talvez não adiante você só ocupar o espaço... mas e daí? Quem que vai gerir? Que atividades vão ser feitas ali? Por isso a população ocupou a praça, da melhor forma que a população achou e talvez não fosse a melhor forma para os vizinhos, comerciantes e moradores... mas eles estão ocupando. Quem ocupou primeiro foram os hipsters, cicloativistas, daí depois eles saíram de cena, alguém vem...se alguém sai, outro vem. (MARIELA, 2015b) <sup>61</sup>.

Eu não sei te dizer exatamente o que aconteceu para a praça ter sido ocupada, acho que uma galera que não tenha espaço para trocar ideias, um grupo específico, o pessoal do hip hop viu que ali era tranquilo... Quem no começo estava presente: ah não, eu não quero mais ir, tem muito o discurso do, ah, vamos pra rua todo mundo junto, não interessa se é da periferia ou se é do carro do ano, isso não acontece. (MARIELA, 2015a).

As falas da comerciante sinalizam questões importantes sobre as visões de cidade, de lazer, de apropriação do espaço público pelos grupos diversos de frequentadores e pelos conflitos gerados a partir dessa apropriação. Assim, o ideal da convivência no espaço público projetado pelos ativistas no início, não é concretizado após a inauguração da Praça pelos conflitos resultantes da convivência entre os diferentes grupos.

Karina, a proprietária da lanchonete Brimos, localizada em frente à Praça, também se queixou da ausência do público que costumava frequentar a região e que deixou de frequentá-lo: “todas as pessoas que eu via no início, nenhuma eu vejo mais. As pessoas foram criando medo, criando uma outra visão da rua e mudaram de lugar”.

Os praceiros, por sua vez, se defendem da acusação de abandono da Praça:

As pessoas vêm falar, poxa, vocês estão abandonando a praça...Como é que é?! Você viu o que está acontecendo? Poxa, a gente construiu a praça, vai lá e faça! Mas isso que está acontecendo, esse processo que aconteceu, se está acontecendo, para mim é um filtro transparente para mostrar pra

<sup>61</sup> Entrevista concedida por MARIELA, Fábila. [set. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015b.

sociedade o que está acontecendo na sociedade, o fato da gente construir aquilo e o que está ali agora não é culpa da gente, é a sociedade se manifestando, é uma coisa que trouxe a luz...tratando dessas questões, a droga, todas elas estão na nossa história há muitos anos...Só demos abertura para que aquilo lá fosse realmente um lugar de manifestação. (DUARTE, 2015).

Como demonstra o caso acima, os prazeiros não constituem um “bloco” homogêneo, havendo uma diversidade de posições entre eles. Assim como Goura teria ficado ofendido com os problemas da Praça, Lourenço destaca que a responsabilidade por esses problemas não cabe ao prazeiros que já teriam “feito a sua parte” ao construir o espaço.

Na tentativa de contornar a situação um projeto financiado e organizado pelos comerciantes, com base na experiência realizada pelos ativistas, consistiu na realização de shows musicais em frente aos bares com o objetivo de atrair o público habitual dos estabelecimentos, além de famílias e crianças. De acordo com Karina: “assalto, briga, tem em qualquer lugar... nós estamos fazendo de tudo para mudar essa rua, porque se for esperar do governo... estamos fazendo projetos culturais, trazer música...”.

Os comerciantes também adotaram outras medidas para tentar conter a violência e os problemas da rua, como o fechamento dos estabelecimentos comerciais as 23h00 com o objetivo de dispersar o público e evitar brigas e confusões, conforme acordo firmado entre eles e a Prefeitura Municipal de Curitiba. Contudo, a medida não surtiu efeito já que os jovens não consumiam nesses estabelecimentos, permanecendo, portanto, nas calçadas até a madrugada.

A Administração convocou então a Guarda Municipal que ocupou a rua por cerca de um mês para, segundo a comerciante, “dispersar um pouco essa história de que a droga na São Francisco é liberada”. O uso de drogas é uma das principais queixas das comerciantes, que acreditam que seu consumo em lugares afasta os clientes habituais.

O colégio para educação de jovens e adultos CEAD Poty Lazzarotto, localizado na região também começou a sofrer com o barulho das atividades e bandas que tocavam na Praça de Bolso. Segundo a pedagoga dessa escola, Elizete, outro grande problema foi o aumento do uso de drogas no local. Apesar de já existir antes da ocupação, essa prática teria se tornado “mais visível”, já que os novos usuários não se incomodavam em “esconder” o uso das drogas, fazendo isso na rua em plena luz

do dia. De forma que além do lixo, sujeira e garrafas quebradas, um dos grandes problemas da região apontado é o uso e o tráfico de drogas: “a impressão que eu tenho é que pode tudo”.

Diz a pedagoga que “a proposta até que era boa, mas foi desvirtuada”:

Eu achei super interessante a proposta deles mesmo montarem uma coisa bem coletiva, o grupo se reunia...até um sábado eu pensei em vir para ajudar...e eles construíram até que rapidinho. E a ideia acho que foi bem legal. Coincidiu com a revitalização aqui. Mas daí veio um grupo e eles tomaram conta da rua... a coisa foi meio esquisita. Teve um grupo que se tornou o dono da rua. (ELIZETE, 2015)<sup>62</sup>.

Aqui há outra menção importante sobre a apropriação social do espaço público. Elizete confronta essa noção a partir da ideia que os ativistas criaram um espaço público – a Praça – com um discurso de cidadania, de convivência social, porém, assim que se defrontaram com grupos de interesse outros e práticas que não são suas entraram em conflito. De forma que, embora tenham sido eles os “donos da praça” por um tempo, acabaram abandonando-a quando outro grupo se “tornou dono da rua”.

Referindo-se a esse universo mais amplo dos frequentadores Elizete comenta: “povo de tudo quanto é classe social, tem estudante da federal, vem todas as tribos, de tudo quanto é lugar... a maioria é jovem... tem piá que fica aí o dia inteiro...”. Alguns alunos da escola também fazem parte do grupo de jovens que fica na rua. Assim, a escola chega a perder alunos, pois alguns pais não querem deixar que seus filhos transitem pela região. Por diversas vezes foi necessário acionar a polícia por causa de brigas e confusões na rua e também do barulho que atrapalha as aulas.

Segundo a pedagoga a escola tentou ocupar o espaço da praça, levando os alunos para realizarem algumas aulas e atividades ao ar livre: “Se a gente conseguir ocupar o espaço também a coisa melhora. De repente até esse povo que está só para a bagunça vai embora, acha o lugar deles”. Contudo, a proposta não funcionou por que os professores acharam perigoso para os alunos.

---

<sup>62</sup> Entrevista concedida pela pedagoga Elizete. [8 dez. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015.

### 1.5.3 A Praça segundo a Administração Pública

Os praceiros, os comerciantes e a escola não foram os únicos a buscar soluções para os problemas surgidos. A Prefeitura propôs o debate sobre a ocupação e os recentes problemas na região:

Precisamos falar sobre a Rua São Francisco. Curitiba incentiva a ocupação dos seus espaços públicos, desde que essa ocupação seja saudável. No caso da Rua São Francisco, Curitiba é confrontada com duas opções: dificultar o uso popular do espaço ou fazer com que esse uso se torne benéfico para toda a sociedade. Curitiba fica com a segunda alternativa porque sabe que, se o espaço público não for ocupado por ninguém, aí sim é que ele vira terra de ninguém. A Rua São Francisco recebeu um novo significado e passou por uma transformação gigantesca. É esperado que, num movimento desse porte, com tanta gente envolvida, problemas apareçam. E problemas têm aparecido<sup>63</sup>.

Com práticas típicas de higienização social, o Poder Público, além de implementar atividades no local em parceria com os comerciantes e ativistas (como a Rua de Lazer e a Feira de orgânicos), instituiu a repressão policial como resposta aos conflitos surgidos na região: começou a ser frequente a realização de rondas e revistas policiais. A medida foi adotada por solicitação de moradores e comerciantes da região para conter os casos de violência que estavam sendo registrados, e principalmente, para se coibir o uso e tráfico de drogas, um dos principais problemas, segundo comerciantes e frequentadores.

Num domingo em que eu estava na Praça, entrei em um dos estabelecimentos comerciais da rua para comprar uma água, enquanto dois amigos ficaram me aguardando do lado de fora. A rua estava movimentada, fazia calor, vários jovens estavam reunidos em pequenos grupos ao longo das calçadas. Quando saí estranhei ao ver todos aqueles jovens, que há poucos minutos estavam na rua, virados de frente para a parede, com as mãos para o alto, sendo revistados pela Polícia Militar que, fortemente armada e com cães farejadores, passava pela rua. Com exceção de meus colegas praceiros e eu, as demais pessoas que estavam na rua foram submetidas à revista. Ficamos ali parados por alguns instantes, próximos ao meio fio, olhando os jovens serem abordados pela Polícia.

A partir de então, tornou-se constante a presença da Polícia Militar e Guarda Municipal fazendo policiamento ostensivo na Praça, com uso de cães farejadores e

<sup>63</sup> Disponível em: <facebook.com/prefscuritiba>. Acesso em: 10 nov. 2015.

realização de operações policiais e revistas. Nos primeiros dias da operação policial, passei pela Praça e registrei a presença de um carro da guarda municipal estacionado no centro desta, cinco guardas na esquina das ruas São Francisco com Presidente Faria e mais cinco na esquina das Ruas São Francisco e Riachuelo. Ao contrário do movimento usual, a praça e a rua estavam bem vazias.

Diante de casos cada vez mais graves de violência na região (como assaltos e brigas), passaram a ser cada vez mais frequentes as batidas policiais na rua, com revistas pessoais e apreensão de drogas.

FIGURA 17 - ABORDAGEM POLICIAL.



FONTE: Luca Rischbieter.

Por um lado, essas operações policiais geraram repercussão na mídia local e foram alvo de críticas de usuários que denunciavam a violência da polícia. Por outro, foram objeto de elogio por parte de comerciantes e prazeiros.

Rua da moda em Curitiba passa por momento complexo. Guarda Municipal começa ação permanente na Rua São Francisco. Agentes uniformizados e à paisana irão circular na região por prazo indeterminado. Objetivo é “levar tranquilidade”, diz coordenador. A Guarda Municipal de Curitiba iniciou na tarde desta segunda-feira (27), uma operação na Rua São Francisco. Agentes uniformizados e à paisana irão circular pela região, durante o dia e à noite. O número de envolvidos na operação não foi informado, e a ideia é que a ação seja constante, sem prazo determinado para acabar [...] Eventos programados para o local – como a intervenção Reverberações Gilda Convida – tiveram de ser adiados ou cancelados. O motivo principal é a segurança. “Houve pedidos de moradores para que bares fossem fechados e até para que a Praça [de Bolso do Ciclista] fosse fechada. Mas na verdade isso é um grande equívoco. Estamos no meio desse contexto complexo de forças e discursos”, diz a atriz e artista visual Helenize Dezgeniski, uma das

organizadoras do espetáculo Gilda, previsto para acontecer no último sábado<sup>64</sup>.

A reportagem demonstra a repercussão das ações policiais e a série de debates que se seguiram entre àqueles favoráveis à presença da polícia e a proposição de ações e mutirões como tentativa de solucionar os problemas e àquele que acusavam o Poder Público de uma tentativa de revitalização e gentrificação da região.

Por gentrificação, do inglês *gentrification* – *gentry*, quer dizer pertencente à alta sociedade – se entende o processo pelo qual espaços urbanos são reestruturados, de acordo com a lógica do capitalismo. Dessa forma, há um “enobrecimento” desses espaços que beneficia interesses econômicos e políticos especulativos sobre o território e acarreta a expulsão de parcelas menos favorecidas da população, de seus lugares de origem para as periferias, o que também pode ser entendido como uma “higienização social” da cidade (ARANTES, 2002, p. 31).

#### 1.5.4 A Praça na visão de outros usuários

Estive na Praça de Bolso do Ciclista numa quinta-feira à tarde<sup>65</sup> para observar o movimento e tentar identificar quem eram os “outros” usuários. Enquanto estava sentada no banco, observei um casal de adolescentes que fumava e bebia vinho e, logo depois, uma ciclista que interrompeu sua pedalada para fumar um cigarro.

Depois de algum tempo observando me aproximei de um grupo composto por três rapazes que estava de bicicleta e se preparava para acender um cigarro de maconha. Eles me contaram que frequentam a Praça há cerca de um ano, principalmente à noite, vêm do bairro da Barreirinha, na periferia de Curitiba onde são moradores. Um deles é estudante da escola Poty Lazarotto que fica ao lado da Praça, os outros dois são seus amigos do bairro. Enquanto eu conversava com o grupo outro menino passou por nós com um par de tênis na mão. Agitado, derrubou a bicicleta que estava parada do meu lado. Ingenuamente perguntei o que ele fazia com aquele par de tênis na mão e ele me disse que havia acabado de comprar. Ainda passou por nós mais algumas vezes, correndo de um lado para o outro.

---

<sup>64</sup> Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/guarda-municipal-comeca-acao-permanente-na-rua-sao-francisco-7p4awn5hqfsbeginav6t79vg>>. Acesso em: 28 abr. 2015

<sup>65</sup> A maior parte do meu trabalho de campo na Praça foi realizado à noite e aos finais de semana.

Em dezembro de 2015, estive na Praça numa terça-feira, no final da manhã, e conheci as amigas Natalia, estudante de Psicologia na Faculdade Tuiuti, e Isabela, que trabalha no bairro Campo Comprido, ambas com cerca de 20 anos de idade. Elas estavam tomando uma cerveja que haviam comprado no “China”, há uma quadra da Praça, por ser a cerveja mais barata da região.

Natália frequenta a Praça desde o começo do ano, normalmente no período da noite. Antes disso costumava frequentar outros locais próximos dali, como as escadarias do Largo da Ordem e a rua Trajano Reis, outra região de concentração de bares no centro histórico, e que muito recentemente também foi alvo de batidas policiais e problemas com tráfico de drogas. Contudo, segundo ela, agora o local estaria bem mais tranquilo, “sem tanta piazada”, quando comparado com o público que passou a frequentar a rua São Francisco e a Praça de Bolso do Ciclista.

Recentemente, ela teria sido obrigada a “dar um tempo” e parar de frequentar a Praça porque estavam fechando a rua para a realização de batidas policiais. De acordo com os relatos dos seus amigos, a repressão policial foi bastante violenta e ela acredita que muitos deles devem ter apanhado da polícia nessas ocasiões. Por esse motivo, ela e seus amigos começaram a frequentar outros lugares e “depois que baixou a poeira” retornaram ao local que, de acordo com ela, estaria mais calmo.

Sobre a atuação da Polícia também se queixou outro frequentador da Praça:

É todo dia: bate um carro da Guarda Municipal, da polícia, na própria praça. Agora parece que a praça foi ocupada pela polícia militar...as vezes tem mais polícia que pessoas sentadas e por que isso? Por que que tem isso? É uma tentativa muito clara para mim do Estado e algumas pessoas ao redor, que são moradores, os lojistas, de expulsar essas pessoas *non gratas* daquele lugar (ADRIEN, 2015)<sup>66</sup>.

Em outra oportunidade em que estive na Praça, conheci Ana, estudante do Colégio SESC São José, no centro da cidade. Ela estava sozinha à espera dos seus amigos (que moram em bairros mais afastados do centro, como Portão, Fazendinha e Água Verde). Ana e seus amigos utilizam o local apenas como ponto de encontro, depois partem para outros bares do centro considerados mais tranquilos. Esses entrevistados fortuitos relataram frequentar a Rua São Francisco apenas nos dias mais tranquilos (domingos ou segundas-feiras):

---

<sup>66</sup> Entrevista concedida por ADRIEN. [30 set. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015.

A gente sai, não dá para ficar aqui... aqui já foi muito melhor... quando abriu a rua era tranquilo, você podia vir, você podia beber que você ficava tranquilo, agora eu tenho até medo de ser assaltada aqui. Não que eu esteja julgando as pessoas pelo modo como elas se vestem, mas...você entende...e muito fervo, a polícia tem que ficar aqui direto porque é um monte de gente fumando maconha, fazendo coisa que você não tem que fazer na rua. (ANA, 2015)<sup>67</sup>.

Estávamos apenas nós duas na Praça naquele momento quando um grupo de meninos que estava bebendo e fumando sob uma marquise do outro lado da rua foi expulso pelo dono do estabelecimento. Eles se aproximaram de nós, cantando, falando alto, um pouco alcoolizados. Ana ficou receosa, passamos a falar mais baixo e acompanhar o movimento dos meninos. Perguntei a ela se imaginava de onde seriam aqueles meninos e ela me disse que deviam ser do CIC ou Sítio Cercado, bairros da periferia da cidade.

Frúgoli alerta para o fato de que a noção de diversidade vem sendo ressignificada pelas políticas de revitalização de áreas urbanas centrais, muitas vezes inspiradas em modelos norte-americanos e europeus, os quais se apropriam de áreas centrais antes marcadamente populares para “imprimir novos usos, instituindo formas particulares de interação nas ruas com base na representação de uma diversidade limitada, baseada aqui principalmente em termos socioeconômicos” (FRÚGOLI, 2007, p. 29).

Por *diversidade limitada* entendem-se relações de sociabilidade praticadas num espaço onde “predominariam condição social, valores e sentidos de certo modo compartilhados” (FRÚGOLI, 2007, p. 30). O autor denuncia dessa forma, o que poderia ser uma versão elitista de um discurso universalista em sua expressão no espaço público, o que vai de encontro à fala de um não-praceiro, ou seja, de um frequentador do local que não participou do processo de construção da Praça de Bolso de Curitiba que analisa o processo de ocupação da Praça:

Acho que já deixou de ser Praça de Bolso do Ciclista, por que o público dela se ampliou, Praça de Bolso de Curitiba, muitas pessoas que vão lá não tem essa relação com a bicicleta, ou ecologia e tal ou com qualquer outra coisa...Porque a São Francisco já está cheio de nichos, de restaurantes que já não é pro bolso de todo mundo, e isso já faz as pessoas trazerem os seus próprios jeitos de se organizar e de ter o seu lazer...Na verdade, é um conflito social que existe em Curitiba inteira e que está se colocando naquele espaço...mas é muito interessante...Esses pontos de contato de você questionar e de você aprender com uma classe diferente, você aprender conhecimentos diferentes, assentar tijolo, com aquela mágica no olho...pra algumas pessoas que estão lá com 5 ou 6 anos está lá assentando tijolo...e

<sup>67</sup> Entrevista concedida por ANA. [9 dez. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015.

esses conhecimentos diferentes, porque são vivências diferentes, aquele lá é um lugar que a gente pode organizar isso...Mas nesse momento a gente está num enfrentamento mais provável que nos próximos meses essas pessoas se afastem e tentem ocupar outros lugares, do que continuem lá. (ADRIEN, 2015).

Apesar de previsão de Adrien e das batidas policiais, os jovens continuaram a frequentar o espaço. Especialmente às sextas-feiras à noite a rua fica bastante movimentada na quadra que fica entre a Praça de Bolso e a Rua Riachuelo. O público de praceiros e outros frequentadores da Praça, por sua vez, passou então a frequentar a quadra de cima da Rua São Francisco, onde novos bares e restaurantes foram abertos, como pude observar durante minhas últimas visitas ao local. Assim, ao se passar de uma quadra a outra, na mesma rua, é possível verificar uma mudança no perfil dos frequentadores e também no movimento, que na primeira quadra é muito superior ao da segunda quadra.

A Praça de Bolso do Ciclista é espaço que abriga conflitos, mas que também é classificado e constituído a partir desses embates e das diversas concepções de cidade e convivência no espaço público que emergem a partir da experiência da Praça.

## 1.6 CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA DE USO

Os conflitos acima mencionados estimularam, em 2015, a discussão entre praceiros, comerciantes, moradores vizinhos e a Administração Pública. Contexto em que foram propostas ações com o objetivo de construir uma “cultura de uso” do espaço público. O termo, utilizado por meus interlocutores, refere-se à realização de ações que tivessem como objetivo diminuir problemas como sujeira, barulho, tráfico de drogas e violência na região. Essa “cultura de uso” seria construída com a “retomada” do espaço, a introdução de mais atividades voltadas às famílias e ações culturais.

A noção de “cultura de uso” parece definir grupos preferenciais e determinadas práticas sociais pertencentes a esses grupos – a exemplo do que Frúgoli chama de *diversidade limitada* (2007, p. 30) – e que deveriam ser compartilhadas ou apreendidas pelos demais frequentadores desse espaço para um uso compartilhado e benéfico para todos.

Em abril de 2015, a Ciclolguaçu convocou o “Esquenta mutirão – O retorno II”, reunião de planejamento voltada à questão da manutenção da Praça de Bolso do Ciclista. A reunião foi marcada para o início da noite, na própria praça e quando chegamos havia cerca de 30 pessoas, dentre estas alguns praceiros, ciclistas, o pessoal do hip hop e outros frequentadores da Rua São Francisco. Aos poucos, porém, elas foram se dispersando até que restaram apenas os participantes da reunião, 12 pessoas, dentre elas proprietários de estabelecimentos comerciais da Rua São Francisco como o Brooklyn Coffee Shop, Canto do Caita e Negrita Bar e os praceiros Cristiano Pedro, Ivo Reck, Iracema Bernardes, Claudio Celestino Dimas, Lourenço Duarte, Apolonia Carraro, Hannah Lima e Rafael Bertelli, entre outros.

Esse foi um dos primeiros momentos em que os ativistas começaram a se manifestar publicamente sobre o projeto que tinham em mente no momento da elaboração e construção da Praça e sobre o fato de terem sido surpreendidos por outros usos não previstos. Sua idealização da Praça e dos modos de convivência no espaço público entrou em choque com a “realidade da cidade”.

Yasmin Reck, coordenadora da Ciclolguaçu, iniciou a reunião propondo que cada um dos presentes falasse sobre as suas expectativas em relação ao “futuro da Praça”.

[...] para falar de futuro estamos aqui presentes, e eu acho que como isso foi construído coletivamente, falar de futuro também devia ser, então eu abro a palavra aqui, como representante da Ciclolguaçu para todos que queiram construir, continuar construindo essa praça. Alguém quer começar falando? Estão presentes a Patrícia do Negrita, a Fábria, Canto do Caita, o Daniel do Brooklyn e mais os praceiros e os praceiros que aparecem...alguém quer começar falando sobre as pretensões e desejos para a praça? (RECK, 2015a)<sup>68</sup>.

Quem iniciou os debates foram os proprietários dos estabelecimentos comerciais da Rua São Francisco, reiterando os problemas que vinham sendo registrados.

Boa noite todo mundo. Eu queria falar que essa iniciativa da praça foi muito legal. Eu estou aqui na rua com o Brooklyn faz um ano e meio e quando a gente chegou aqui estava bem vazio a rua, tinha poucas pessoas, a gente começou a abrir dia e noite pra ver se atraia um pessoal legal pra comer, beber, sentar na rua tomar um café e daí com a praça ficou mais legal ainda, atraiu um público bem eclético, bem inteligente e o futuro da praça, pra ter futuro todo mundo tem que ter mais, respeitar mais uns aos outros, parar de usar o espaço pra si próprio, em benefício da, pensar mais numa comunidade do que pensar cada um por si. Acho que é isso que está acontecendo isso

<sup>68</sup> Fala de abertura da reunião proferida pela designer RECK, Yasmin. [14 abr. 2015]. Curitiba, 2015a.

agora, as pessoas não estão respeitando os moradores, os estabelecimentos comerciais, as famílias, as crianças que estão ao redor na rua, escola, então a gente tá aqui pra mudar isso e vamos mudar, já tem prefeitura, já tem polícia, tá tem todo mundo de olho na praça, na rua, então a gente só está aqui pra dar uma força pro pessoal, à Bicletaria que começou a Praça e pra dizer que a gente está junto com vocês e contra o desrespeito das pessoas que estão aqui na rua. (DANIEL, 2015)<sup>69</sup>.

Depois dos comerciantes alguns praceiros também falaram e relataram a relação de carinho e afetividade das pessoas com a Praça e sua construção, bem como os problemas enfrentados no espaço como os recorrentes casos de brigas, violência, barulho e sujeira na Praça de Bolso. As suas “boas práticas urbanas” são pensadas como uma espécie de boia “salvadora”, em oposição à degradação da Praça. Quando utilizam a expressão “boas práticas urbanas” os praceiros referem-se, por exemplo, aos mutirões de limpeza, às atividades culturais, à jardinagem urbana e a outras ações de cuidado e manutenção dos espaços públicos urbanos empreendidas pelos moradores das cidades.

Em determinado momento do debate, observando a saída das pessoas do local, Bertelli faz o convite para cerca de sete jovens que ainda permaneciam na Praça para que também participassem do debate, como parte desses processos:

Boa noite a todos, eu queria convidar pra todo mundo chegar aqui e participar, abrir aqui...eu acho importante nesse momento a gente sentir o que é a praça, porque a praça não são só as pessoas que estão nessa rodinha, é todo mundo aqui, antes de querer definir qualquer comportamento acho que essas pessoas tem que se apresentar e dar a sua intenção, eu acho que o pessoal aqui podia participar, falar, o que pensa da praça e da rua sei lá e a gente já podia propor ideias mesmo, do que apontar problemas. (BERTELLI, 2015b)<sup>70</sup>.

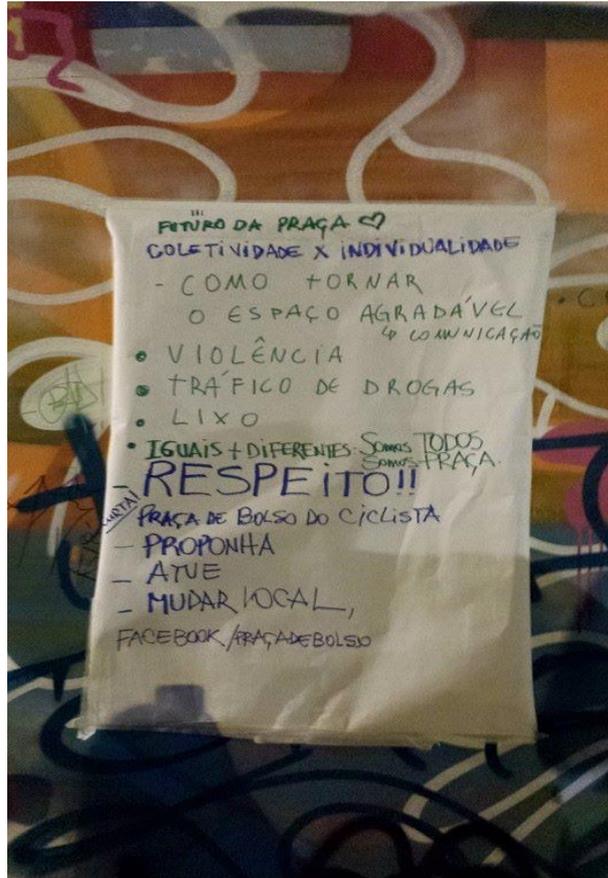
Assim, diante da insistência dos organizadores do evento, alguns frequentadores que ainda permaneciam na Praça se aproximaram do grupo e se apresentaram como integrantes do movimento hip hop da cidade e, de forma geral, concordaram em relação aos problemas apontados, acabando também eles por responsabilizar terceiros pelos problemas surgidos no local.

---

<sup>69</sup> Entrevista concedida pelo comerciante DANIEL. [14 abr. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015.

<sup>70</sup> Fala do diretor de fotografia BERTELLI, Rafael. [14 abr. 2015]. Curitiba, 2015.

FIGURA 18 – CARTAZ “ESQUENTA MUTIRÃO”



FONTE: Arquivo da Praça de Bolso do Ciclista.

A conclusão geral da reunião foi a necessidade de se promover ações para evitar a intervenção total da Polícia e do Poder Público na Praça. Uma das propostas apresentadas foi o retorno dos mutirões para se promover a conservação da Praça, bem como a reativação das atividades culturais (shows musicais, exposições de filmes, feirinhas, entre outros) por meio de uma convocação para a agenda cultural.

Antes a gente tinha um motivo para estar na Praça que era a construção dela, depois que ela foi concluída, depois não tem o que fazer...o que a gente vai fazer lá, ficar sentado lá olhando...a gente é do fazer, a gente quer colocar a mão na massa e fazer alguma coisa, se não tiver ocupação a gente não vai estar lá. A gente precisa ter uma ocupação para estar ali. A gente vê o pessoal muito ocioso ali. Vamos fazer outras ocupações ali, então tem que movimentar uma galera novamente, para levar, durante o processo de construção tinha várias ações culturais, aglutinava ali as pessoas. Depois que terminou o processo de ocupação não existe isso mais. Então tem que se criar novamente esse processo de ocupação. (PEDRO, 2015a).

Nessa fala se observa um confronto entre modos de apropriação da Praça que expressam diferentes concepções de lazer: a existência de interesses divergentes exemplificados pelo “fazer alguma coisa” – compreendido pelas ações

diretas no espaço público, como foram os mutirões, atividades culturais e artísticas realizadas pelos praceiros – em contraposição ao “ficar ocioso”. O confronto entre essas duas posições permite ressaltar o que do ponto de vista dos praceiros significa “ocupação”.

Pensou-se na possibilidade de se organizar conversas mensais “para promover o debate e engajar os usuários nas questões do espaço público”<sup>71</sup>, como quais seriam as melhores formas e uso e ocupação, além de buscar soluções para problemas com uso e tráfico de drogas, violência, sujeira e depredação. Em maio de 2015, por meio do grupo “Sou praceiro” no Facebook, foi organizado um grupo de trabalho da Praça que deveria se reunir todas as quartas-feiras na Bicletaria Cultural: “A Ciclolguaçu convida a todos a participarem da construção coletiva e permanente da praça. Traga sua ideia, seu projeto, sua energia”.

A ocupação, até então era vista como algo temporário (enquanto durassem os mutirões), passa a ser vista como processo permanente de conquista e preservação do espaço. Vale notar que nesse momento a disputa de poder não se dá com (ou contra) o Poder Público, mas entre grupos sociais e suas práticas de lazer.

Meses após a sua inauguração os praceiros foram novamente convocados para participar dos mutirões – agora não mais de construção, mas de reconstrução. Apesar dos esforços no sentido da formação de um grupo de trabalho não houve adesão efetiva dos praceiros de forma que a maior parte das ideias apresentadas acabaram não sendo efetivadas.

Contudo, outras articulações foram realizadas no mesmo período por comerciantes, ativistas e também pela Administração Municipal no sentido de implementar atividades no local como a instalação de uma feira de orgânicos, a criação da Rua de Lazer, a realização de shows musicais pagos pelos comerciantes durante os finais de semana, a repintura do mural da praça, entre outros.

No final de agosto de 2015 fui convidada pela artesã e praceira Leda Emi Sew para participar de um mutirão que ela estava organizando para revestir a mureta da Praça que estava pichada. Ela convocou alguns amigos próximos, bem como algumas pessoas que estavam participando do mutirão de mosaico (MUMO) e que até então não haviam participado de atividades na Praça. O mutirão de mosaico (MUMO) surgiu, como se viu acima, a partir da experiência do mutirão de construção da Praça, mas

---

<sup>71</sup> Disponível em: <[facebook.com/groups/777584482258557/?fref=ts](https://facebook.com/groups/777584482258557/?fref=ts)>. Acesso em: 10 nov. 2015.

agora estava atuando de forma autônoma, independentemente da programação da Cicloguaçu.

Cerca de dez pessoas estiveram presentes nessa atividade. Emi liderou a instalação do mosaico com a ajuda do Lourenço (mestre de obras, praceiro e um dos principais construtores da praça), que colocou massa corrida sobre o muro. Perguntei aos integrantes do MUMO qual era sua motivação para estarem ali, ao que me responderam que era “vontade de estar com outros” e “é uma forma de inclusão... as pessoas, por exemplo, que destroem, a partir de ter essa perspectiva, olhando isso daqui, pode deixar de destruir...ela olhando o trabalho e esforço dos outros...”.

FIGURA 19 - MUTIRÃO DO MOSAICO (MUMO)



FONTE: Leda Emi Sew.

Onze meses depois da sua inauguração, a Praça já apresentava vários equipamentos destruídos. Havia apenas um ou dois suportes de paraciclos intactos, a maioria já havia sido destruída em tentativas de roubo de bicicletas. Parte do piso também havia sido destruído. Havia muito lixo no chão (latas, garrafas de vidro quebradas, bitucas de cigarro) assim como dentro do banco de adobe e nos canteiros do jardim. Na parede do fundo já não se podia mais ver os murais pintados durante os mutirões, diversas camadas de pichações foram se sobrepondo às pinturas iniciais.

Enquanto os participantes do MUMO montavam o mosaico, Goura, que acabara de chegar, começou a recolher o lixo, varrer o chão e limpar o mosaico do banco que havia sido pichado. Eu e outro homem que estava na praça, solidários a

tarefa de limpeza, acabamos ajudando-o. Logo a seguir, Goura pegou uma lata de tinta branca e começou a pintar o mural que fica no fundo da praça, que já tinha algumas dezenas de pinturas sobrepostas, e escreveu: “A Praça é nossa!! Cuidemos”. Enquanto isso, ao mesmo tempo, ao lado dele, outro menino começou a grafitar algo. Contudo, o grafite dele durou apenas algumas horas já que o dono do desenho anterior, coberto por ele, veio até a Praça na mesma tarde para refazer o seu desenho.

FIGURA 20 - PINTURAS NA PAREDE DA PRAÇA



FONTE: Leda Emi Sew.

Outro caminho apontado pelos cicloativistas seria o estímulo à criação de outras Praças, em outros pontos da cidade, inclusive na periferia, como forma de deslocar o fluxo de pessoas para outros locais criando mais espaços de convivência e lazer.

É legal você sai na sexta feira, vê aquela rua ocupada, aquele mar de pessoas, é magnífico, poderia ter outros pontos da cidade. Tem aquele ponto por que não existe outro ponto na cidade para as pessoas se encontrarem? Se criassem mais espaços desses as pessoas esqueceriam um pouco da São Francisco, rua boemia e tal. Tem outros pontos da cidade que você pode se encontrar, mas hoje o ponto de referência é a São Francisco, devido a quê? A construção da praça. (PEDRO, 2015a).

Para o cicloativista Goura Nataraj (2016), “se existe uma demanda na periferia por espaços de cultura, por espaços de lazer, a gente podia pensar em fomentar a criação de mini praças de bolso por toda a periferia, por todos os bairros”:

A Praça criou desdobramento que nenhum de nós imaginava que ia acontecer no início... era uma rua que ninguém ficava ali, mesmo a piaçada da escola, os manos, não ficava ali, eles só saíam dali... com a Praça e as ruas sendo fechadas todos os finais de semana, a gente botando música ali, botando um artista fazendo um som, os grafites, as artes, começa a movimentar um ponto de aglomeração e claro que os comerciantes tiveram papel bom e ruim. Por que muitos deles só queriam vender a cerveja, a bebida, e ganharam muito dinheiro com isso e não se preocuparam de fato em manter uma atividade cultural, a limpeza... junto com isso vem toda a questão dos traficantes...O que eu acho mais legal da Praça e que ela explicitou uma demanda reprimida, você pega a galera que está ali, muitos são moradores da periferia, são jovens de bairros mais periféricos e das cidades periféricas. Por que esses caras vieram para cá, porque eles escolheram ali? Porque a gente não tem pracinhas e pontos de encontro, de lazer, de cultura em todos os bairros da cidade? Para que as pessoas possam curtir a rua, e se encontrar e ter um ambiente legal assim. (NATARAJ, 2016)<sup>72</sup>.

Durante a sua campanha eleitoral que foi realizada no segundo semestre de 2014, uma das propostas estimuladas pelos ativistas que integravam a campanha foi identificar pequenas áreas, terrenos sem uso ou abandonados, da cidade onde pudesse ser reproduzido o modelo “Praça de Bolso”, ou seja, onde os moradores pudessem construir pequenas praças. Algumas pessoas chegaram a enviar fotos de terrenos baldios em bairros diversos da cidade que eram identificados por meio de placas com os dizeres: “Uma praça aqui”. A ideia era estimular a vizinhança que vivia no entorno desses terrenos, para que eles mesmos se engajassem na construção dessas praças, mas com a derrota do candidato no pleito, o projeto acabou não sendo levado adiante pelos ativistas.

Um dos motivos relatados para a não continuidade do projeto foi a necessidade de engajamento dos moradores locais para o sucesso das praças de bolso (necessidade revelada a partir da experiência dos ativistas com a Praça de Bolso do Ciclista). Segundo eles, sem essa participação da população de cada bairro, a iniciativa estaria fadada ao insucesso justamente por que a criação de um novo espaço de sociabilidade exigiria a participação do entorno para a construção permanente de uma “Cultura de uso”.

Após as tentativas de “construção de uma cultura de uso” da Praça narradas acima, com exceção de algumas incursões pontuais da Emi para a instalação de mosaicos nas paredes e pisos da Praça, não tive conhecimento de outras iniciativas de (re) ocupação por parte dos praceiros, como mutirões ou reuniões na Praça.

---

<sup>72</sup> Entrevista concedida pelo ativista NATARAJ, Goura. [2 jun 2016]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2016.

Algumas das ações realizadas posteriormente na região foram coordenadas pelos comerciantes, como a repintura do muro localizado no fundo da Praça e a criação de uma feira de artes e artesanato às quintas-feiras.

FIGURA 21 - NOVO MURAL L PRAÇA DE BOLSO DO CICLISTA.



FONTE: Arquivo da Praça de Bolso do Ciclista.

Assim como as pinturas do mural vão se sobrepondo ao longo da existência da Praça, do mesmo modo também funciona o processo de ocupação. Algumas vezes os “desenhos” da Praça são determinados pelos praceiros, como durante o período de sua construção. Outras vezes, são os novos frequentadores que determinam os formatos dessa ocupação, enquanto os praceiros se afastam. Os comerciantes da região tentam influenciar essa ocupação por meio do estímulo a ações culturais.

Essas diversas formas de apropriação do espaço público compõem ao final um grande mosaico, construído a partir de inúmeras peças: a Praça, as bicicletas, os praceiros, os comerciantes, os bares, os moradores vizinhos, a Polícia, a Prefeitura, as drogas, o lixo, etc., e o desafio desse processo, assim como na construção de um mosaico, é encaixar essas inúmeras peças de forma que elas componham um todo harmônico.

## 2. VAGA VIVA

No asfalto, num local reservado ao estacionamento de carros, um tapete verde imita um gramado. Sobre ele há uma pequena mesa e bancos de madeira improvisados, xícaras, cadeiras de praia, livros e revistas. O mobiliário é ocupado por algumas pessoas que ali encenam uma refeição: sobre a mesa há bolachas, frutas, além de café que foi comprado na padaria em frente. Há placas com as mensagens: “Cidade para pessoas”, “Vaga Viva” e “Apenas 1 dia”. Na pequena mesa de centro improvisada, pessoas tomam café da manhã e conversam. Logo ao lado, alguns participantes leem jornais, revistas, outros estão no celular, ouvindo música, dormindo no “gramado”, fotografando, escrevendo. O dia está nublado e frio o que torna um pouco mais difícil permanecer ao ar livre.

É uma segunda-feira pela manhã e estamos na Avenida Cândido de Abreu, no Centro Cívico, uma das avenidas mais movimentadas da cidade de Curitiba. Abaixo de nós o Rio Belém, um dos rios que corta a cidade, encontra-se totalmente poluído e algumas vezes o mau cheiro sobe até a superfície. Ao lado do rio, cruzando a Avenida, passa uma ciclovia que liga o bairro ao centro e que é rota usual de muitos ciclistas da cidade.

Usuários dos ônibus do transporte coletivo, motoristas de carros e pedestres passam e observam com curiosidade o movimento. De repente um homem passa de carro pela Avenida e grita: “vai trabalhar”! Os participantes da “Vaga Viva” se olham em silêncio e há um minuto de desconforto, interrompido pela resposta de uma das participantes: “Estamos cuidando do futuro dos seus filhos”! Ela é seguida pela brincadeira de outro participante referindo-se ao grupo: “Classe média inconformada ocupa a rua com champanhe e caviar”. Todos riem.

Ao longo da manhã, cerca de 30 pessoas, a maior parte cicloativistas de 25 a 35 anos, estiveram presentes na ação. Várias outras pessoas passaram pelo local: ciclistas, funcionários do IPPUC e guardas municipais. Inclusive o Prefeito da cidade passou por ali, de bicicleta, a caminho da Prefeitura, cumprimentando o grupo à distância.

FIGURA 22 - VAGA VIVA AV. CÂNDIDO DE ABREU



FONTE: A autora.

A narrativa acima é um breve relato da ação denominada Vaga Viva, realizada no dia 22 de setembro de 2014, durante o Dia Mundial Sem Carro. Esse evento foi criado na França em 1997 e adotado por vários países europeus. No Brasil, o Dia Mundial sem Carro foi adotado em 2003, primeiramente na cidade de São Paulo, sendo hoje realizado simultaneamente em várias cidades do país e do mundo. Durante esse dia são realizadas atividades em defesa do meio ambiente e da qualidade de vida nas cidades, sendo um de seus objetivos “estimular uma reflexão sobre o uso excessivo do automóvel”<sup>73</sup>.

A organização dessa Vaga Viva foi coordenada por Yasmin Reck, designer e presidente da Ciclolguaçu à época, contando com a colaboração da produtora cultural Karla Keiko, do artista visual Celestino Dimas e outros ativistas da cidade. A ideia inicial do grupo era conseguir doação de grama para cobrir toda a extensão da primeira quadra da Rua São Francisco e colocar guarda-sóis e cadeiras de praia,

---

<sup>73</sup> Disponível em: <<http://vadebike.org/dia-mundial-sem-carro/>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

formando assim uma grande Vaga Viva, mas a ideia acabou não sendo realizada pela dificuldade de se conseguir grama e também pelo tamanho da ação. A segunda opção foi a realização da vaga viva na Avenida Cândido de Abreu<sup>74</sup>.

As Vagas Vivas consistem na montagem de “mini praças” instaladas no lugar de vagas destinadas ao estacionamento rotativo de carros e se destinam ao desenvolvimento de práticas de sociabilidade, descanso ou lazer, entendidas como fatores de melhoria da qualidade de vida na cidade. O objetivo dessa ação é chamar a atenção do Poder Público para a necessidade de multiplicação de locais propiciadores de convivência social na cidade e provocar reflexão sobre a utilização do espaço público. O alvo dessa prática é a crítica ao privilegiamento do automóvel pelo planejamento urbano como sugere a fala da cicloativista:

Quantas pessoas cabem na vaga de um carro?! Que seja para estar no espaço público para um uso público, não para um uso privado... um espaço de convívio, um convite para as pessoas estarem vivendo na cidade. (RECK, 2015b).

Essa crítica em sido corrente na literatura sócio-antropológica. Marshall Berman (1989) foi um dos primeiros a criticar modelos do urbanismo moderno inspirados, em grande medida, nas obras realizadas por Haussmann, responsável pela grande reforma urbana de Paris e por seu sucessor Robert Moses, responsável pelo planejamento urbano da cidade de Nova York. Segundo Berman os amplos bulevares projetados pelo Barão Haussmann no final do séc. XIX trouxeram à tona as divisões de classe na cidade moderna e o aumento da velocidade do tráfego moderno que “transforma todo ambiente moderno em caos” (1989, p. 154). Já no séc. XX esse processo teria sido ainda mais acentuado pela construção de grandes rodovias (as chamadas *highways* ou vias expressas), modelo que privilegiou o automóvel e foi reproduzido pelo planejamento urbano moderno em todo o mundo.

É nesse contexto que se destaca a obra *Morte e Vida das Grandes Cidades* (2014) da ativista Jane Jacobs, crítica do modernismo dos anos 60. Opondo-se às orientações gerais do planejamento urbano, reforça a importância da sociabilidade nas ruas e calçadas, esvaziada pela construção das vias expressas, as quais privilegiam a circulação de automóveis e não de pessoas.

---

<sup>74</sup> O local desta ação foi escolhido, segundo os organizadores, justamente por ser um local de grande movimento de veículos e de tensão entre carros e bicicletas que cruzam a avenida pela ciclovia.

A produção de Vagas Vivas se apresenta como uma oportunidade para a reflexão sobre esse tema, em especial a ocupação do espaço público e também um “exercício de flexibilidade”, pois a cidade se torna “rígida” ao caracterizar-se pela presença maciça de carros, afastando a convivência das pessoas nos espaços públicos. “Rigidez” é um conceito nativo, que remete aos problemas causados pelo privilegiamento dos automóveis (como poluição, congestionamento, violência no trânsito), construído por oposição ao conceito de “flexibilidade”, conceito que remete à ideia de que à vitalidade da cidade implica diversidade de usos, como sugere Jacobs. Inspirando-se nessa ideia, assim se expressa Yasmin, incentivadora das Vagas Vivas:

Ano passado a gente começou com as Vagas Vivas que era essa reflexão sobre o espaço público, mais como uma intervenção urbana, não tanto como mobiliário, mas era mais para questionar...por exemplo, na Avenida Candido de Abreu as vagas de carro não eram regulamentadas. Aí o carro vinha, parava e ficava o dia inteiro. Agora, depois do ano passado, quando a gente fez a intervenção... olha, tem que ter vaga de estar. Por que imagina, ali são o que? 10 ou 15 m<sup>2</sup> ocupados por um veículo privado o dia todo. O metro quadrado aqui deve ser R\$5.000...então é um m<sup>2</sup> valioso para a cidade... que seja para estar no espaço público para um uso público, não para um uso privado. (RECK, 2015b).

A experiência Vaga Viva tem como origem o movimento dos *parklets* em São Francisco (USA), surgidos em 2005 com o nome de *Park(ing)*. O objetivo da ação era transformar uma vaga de estacionamento em um “*PARK(ing) space*”, um trocadilho entre as palavras *parking* (estacionamento) e *park* (praça). Rapidamente a iniciativa ganhou adeptos em todo o mundo, inclusive no Brasil, onde foi realizada pela primeira vez em 2006<sup>75</sup>.

Hoje, no Brasil, o tema em pauta envolve o Poder Público, urbanistas, designers e ativistas tendo como mote a reivindicação destes últimos quanto à criação de Vagas Vivas com mobiliário urbano. As Vagas Vivas também são conhecidas como *parklets*, o que faz com que essas nomenclaturas se confundam algumas vezes. De forma geral, porém, a Vaga Viva é compreendida como a ação de intervenção urbana envolvendo ocupação temporária (por algumas horas) de uma vaga destinada aos carros, enquanto os *parklets* são a oficialização das Vagas Vivas com a instalação de mobiliário urbano permanente devidamente projetado e construído para esse fim.

---

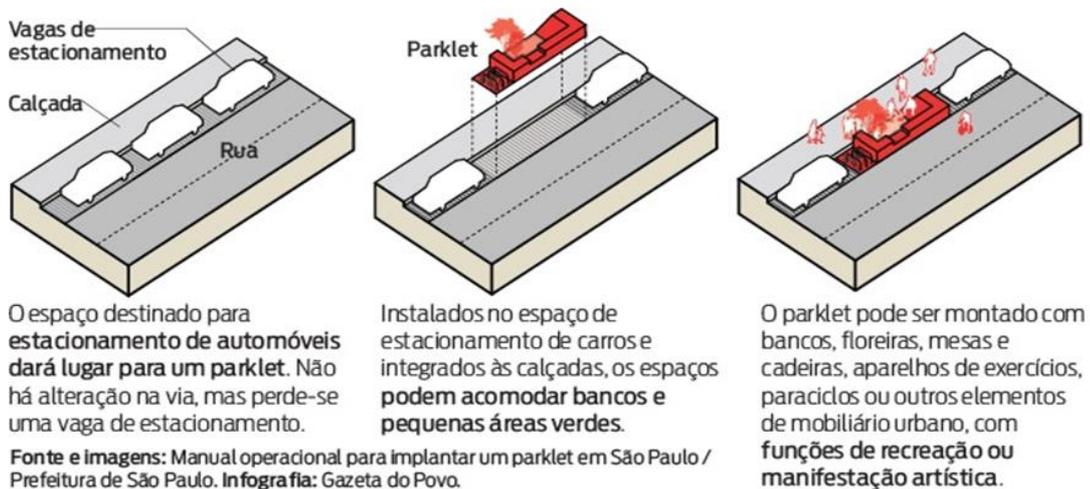
<sup>75</sup> A Vaga Viva vem sendo realizada regularmente desde então. Disponível em: <[vadebike.org/2013/08/zona-verde-parklet-vaga-viva/](http://vadebike.org/2013/08/zona-verde-parklet-vaga-viva/)>. Acesso em: 10 mar. 2015.

Ao contrário dos *parklets*, portanto, a Vaga Viva não é realizada com anuência do Poder Público, se trata de uma prática de protesto que utiliza o método de intervenção ou “guerrilha urbana”<sup>76</sup> como modo de ação, enquanto os *parklets* consistem na instalação de mobiliários urbanos que resultam de regulamentação e autorização legal. Um dos objetivos finais das Vagas Vivas realizadas em Curitiba, além dos citados acima, consistiu na sua transformação em *parklets*, isto é, em mobiliário urbano permanente.

FIGURA 23 – INFOGRÁFICO *PARKLET*

### JARDIM ESTACIONADO

Um pequeno canto para descansar no meio da correria da cidade é uma boa definição do *parklet*. Entenda como funciona a instalação:



O infográfico acima, elaborado a partir do manual da Prefeitura de São Paulo uma das cidades pioneiras na instalação de *parklets* no Brasil, demonstra a forma como órgãos do planejamento urbano reinterpretam as demandas vindas dos ativistas, como reinterpretam a ação das Vagas Vivas quando elas são transformadas em *parklets*.

<sup>76</sup> Apesar do termo “guerrilha urbana” originalmente se referir ao uso de táticas de guerra no ambiente urbano, a partir da década de 1960 as táticas de guerrilha urbana tradicionais são apropriadas por grupos artísticos ativistas e passam a se referir às experiências de diversos coletivos e artistas atuantes no contexto urbano: o fator surpresa, as incursões pela noite, a pesquisa do terreno, as baixas condições financeiras, entre outros. Disponível em: <academia.edu/9925196/Minimanual\_da\_Arte\_Guerrilha\_Urbana >. Acesso em: 10 jan. 2016.

## 2.1 VAGA VIVA EM CURITIBA

A Vaga Viva é uma ação relativamente nova na cidade. Segundo relatos dos ativistas locais, em Curitiba, a primeira experiência aconteceu no ano de 2007, na Praça Osório, no centro da cidade. Além de alguns cicloativistas locais como Goura Nataraj e Luís Patrício (ainda atuantes no movimento cicloativista local), a artista Mona Caron, autora da pintura na Praça de Bolso do Ciclista, também esteve presente nesta primeira ação da Vaga Viva na cidade.

FIGURA 24 - VAGA VIVA PRAÇA OSÓRIO I 2007



FONTE: Arquivo CicloIguaçu.

Após alguns anos sem o registro dessas ações, as Vagas Vivas voltaram a acontecer em 2014 e, de forma mais significativa, a partir de março de 2015. Desde 2014 a designer Yasmin Reck e o arquiteto Gabriel Gallarza (ex-praceiro) planejavam utilizar as Vagas Vivas como meio de motivar a reflexão urbanística e a criação de novo mobiliário urbano:

A Vaga Viva como era feita no exterior podia ser uma extensão da calçada, um espaço de convívio, um convite para as pessoas estarem vivendo na cidade... A gente já queria fazer um mobiliário, nem que fosse com *pallet*, madeira reaproveitada, para fazer um que fosse um pouco além [da prática] ativista, [a] Vaga Viva mais romântica. Só que um mês depois aconteceu a Praça [de Bolso], imagine...aí não tinha como, a energia [que a] Praça demandava ... era muito mais legal estar ali, por que o negócio estava acontecendo mesmo...E a nossa pauta era a ocupação do espaço público, então vamos aí. Até eu e o Gabz [Gabriel Gallarza], todo mundo, a

Ciclotguaçu, e atraiu um monte de gente, e a gente ficou de maio até setembro envolvido na construção da Praça [de Bolso]. (RECK, 2015b).

Conforme o relato acima, com o fim da construção da Praça de Bolso do Ciclista as atenções voltaram-se novamente para as Vagas Vivas e os projetos de construção de *parklets*, tendo em vista a ampliação dos espaços de convivência social na região central da cidade. Assim, no dia 22 de setembro de 2014, no mesmo dia e horário da inauguração da Praça, o grupo mencionado se mobilizou para fazer a vaga viva narrada acima.

O dia 22 de setembro, ano passado, pela Ciclotguaçu, a gente viu que a gente não ia fazer nenhuma ação na cidade. Meu Deus! Dia Mundial Sem Carro e a gente não preparou nada...O dia era segunda-feira, daí no sábado a gente pensou: vamos fazer! A ideia sabe qual era no sábado?! Fechar a São Francisco com grama, era essa a ideia. Daí a gente tentou fazer contato para conseguir a grama...resumindo, vamos fazer uma vaga viva mesmo. E daí a gente fez um release, mandou para a imprensa, tudo em três dias, foi atrás de banquinho, mobiliário, era assim... (RECK, 2015b).

A ação obteve bastante repercussão na imprensa local e saiu na capa do maior jornal de circulação local com o título: “Vaga de estacionamento vira sala de estar”.

FIGURA 25 - VAGA VIVA AV. CÂNDIDO DE ABREU



FONTE: Gazeta do Povo.

Além desta ação, foram estimuladas outras Vagas Vivas na cidade nesse mesmo ano durante o Dia Mundial Sem Carro. A ideia era que cada pessoa ou grupo escolhesse um horário e um local e montasse a sua própria Vaga Viva, seguindo algumas orientações: convidar a vizinhança; ocupar uma vaga; demarcar a área de uso com responsabilidade. A proposta era estimular as pessoas a fazerem uso da Vaga Viva chamando atenção para “como o espaço público pode ser muito mais bem aproveitado”<sup>77</sup>.

A escolha da grama e de plantas (quase sempre presentes nas Vagas Vivas pesquisadas) ilustra a importância dada pelos ativistas ao elemento natureza. A cidade desejada por eles deve possuir mais áreas verdes de forma que esse desejo é simbolizado pela grama e pelas plantas. A escolha de cadeiras de praia, esteiras e guarda-sóis por sua vez remete às práticas de lazer idealizadas pelos ativistas, que agora têm lugar no centro da cidade.

A montagem da Vaga Viva é colaborativa, cada um dos participantes leva algum elemento, mobiliário, planta que tiver em casa. Segue pequenas variações que dependem do seu organizador e da estrutura disponível, mas em geral esses elementos se repetem, assim como a “encenação” no espaço público.

A antropóloga da USP Julia Di Giovanni (2015) aponta algumas relações entre arte e ativismo, entre performance e ação política, implicadas na criação de espaços políticos de experimentação, ou seja, em manifestações em que a “ocupação” se define como um modo de fazer ou como um espaço de experimentação. Giovanni analisa protestos e mobilizações populares ao redor do mundo que, a partir de 2011, reativaram questões sobre modos de ação, expressão e organização social e política e reinstalaram no cenário político a imagem das “ocupações” de ruas e praças ou como a autora denomina “protestos criativos” onde as formas de protesto são reinventadas.

As ocupações não possuem apenas estruturas físicas, como barracas e construções improvisadas, mas também estruturas organizativas, de serviços e trocas que constituem, nas palavras desta autora, um “urbanismo” popular de revolta e que servem de referência política e estética para outras ocupações por meio de imagens difundidas através das redes sociais.

---

<sup>77</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10152816099678534&set=g.689360454474742&type=1&theater>>. Acesso em: 22 set. 2015

A visibilidade de modos de estar e fazer funcionar a vida coletiva instala séries de espelhamentos, talvez polêmicos, certamente de grande complexidade política: entre a grande cidade “real” e a pequena cidade utópica temporária. (GIOVANNI, 2015, p. 19).

A ocupação relaciona a prática política e estética. As práticas ali realizadas, e tudo o mais que trazem consigo (objetos, cartazes, bandeiras, móveis, utensílios, adereços), implicam a manipulação simbólica do espaço ocupado. As práticas experienciadas na Vaga Viva – sentar-se no chão, trazer cadeiras, pintar placas com mensagens, compartilhar a comida, ler – são imagens que politizam porque capturam certos modos de praticar o espaço (GIOVANNI, 2015, p. 23).

A ocupação remete à noção de TAZ, sigla em inglês para “zona autônoma temporária”, criada pelo escritor anarquista Hakim Bey na década de 90 para designar uma área “de terra, tempo ou imaginação”, liberada, em que a recusa da ordem política imposta se converte em formas positivas de experimentação (GIOVANNI, 2015, p. 19). Para a autora a TAZ é uma espécie de “irmã mais velha da ocupação” e mais do que um lugar, trata-se de um modo de fazer:

A ação coletiva – na arte ou no ativismo – recorte o “sensível comum”, cria espaços e temporalidades, altera os limites do que é visível e dizível. As práticas organizativas, comunicativas e táticas de um movimento não apenas representam conflitos sociais, mas criam formas da experiência mesma desses conflitos. (GIOVANNI, 2015, p. 18).

Nesse contexto, emerge a noção de *ativismo* como categoria analítica para se referir a formas de ação coletiva ligadas ao ativismo, “processos coletivos de auto-organização, denúncia e reivindicação de direitos” próprios do campo da política, ao mesmo tempo em que se tratam de experiências coletivas que mais se aproximam da dimensão de “modos de vida” e “contraculturas”:

Por um lado, trata-se de formas histórica e simbolicamente associadas ao ativismo, ao protesto, a irrupção de processos coletivos de auto-organização, denúncia e reivindicação de direitos, acirrados em momentos de crise econômica e social, que mesmo quando relativamente autônomos em relação às estruturas organizativas e instituições precedentes (partidos, sindicatos, movimentos setoriais), mobilizam recursos e repertórios próprios do campo de relações que nos acostumamos a chamar de *política*. Ao mesmo tempo, trata-se de experiências coletivas mal contidas pelas fronteiras convencionais da política em sentido estrito, formas de dissenso e reivindicação que mais se aproximam à dimensão cotidiana dos “modos de vida” e “contraculturas” do que das estruturas programáticas e ideológicas que o senso comum atribui aos movimentos sociais. (GIOVANNI, 2015, p. 14).

Diferentes autores destacam esse diferencial da ocupação como prática de protestos, entre eles o professor de história da arte estadunidense William J. T. Mitchell, segundo o qual “as imagens mais importantes não eram as figuras de manifestantes em si (quase invariavelmente anônimos), mas o espaço contra a qual essas figuras apareciam: a grande protagonista destes eventos era a própria ocupação” (MITCHELL, 2012, p. 9). E a ocupação, como uma “pequena cidade utópica temporária” não deixa de gerar oposições polêmicas com a “grande cidade real”.

Para o cientista social Miguel Chaia (2007) as relações entre arte e política estreitam-se dando lugar ao chamado ativismo cujo principal interesse está na intervenção social com a finalidade de mobilizar o envolvimento da comunidade, mais do que na contemplação do objeto artístico em si. Essas práticas apresentam-se assim como uma forma de micropolítica:

O ativismo delimita o âmbito de ação que parte do individual, passa pelo coletivo e alcança insuspeitados espaços no qual se localiza o outro. Esta prática desloca o cenário da arte e da política para o espaço público. Sai do espaço fechado e branco para o espaço cinza das ruas ou para o espaço virtual da internet (CHAIA, 2007, p. 11).

Esse deslocamento citado por Chaia de certa forma explica a trajetória do Coletivo Interlux, que transita do cenário da arte para a discussão mais ampla sobre o espaço público, no âmbito institucional e político.

As Vagas Vivas geralmente encenam práticas de lazer (como tomar um café, fazer a leitura de um livro) e de convivência social próprias do âmbito “da casa”, segundo códigos de classe social a qual pertencem os ativistas. As ações propostas evidenciam como os ativistas concebem a sociabilidade no espaço público, associando-o a práticas que remetem ao ambiente doméstico, familiar ou de vizinhança. “Não somos efetivamente capazes de projetar a casa na rua de modo sistemático e coerente, a não ser quando recriamos no espaço público o mesmo ambiente caseiro e familiar”, afirma Da Matta (1997, p. 19).

Segundo esse autor, a casa e a rua representam distintas esferas que, além de separar e demarcar fortemente “mudanças de atitudes, gestos, roupas, assuntos, papéis sociais”, contém visões de mundo particulares. Por um lado, a casa traduz o mundo das preferências e laços de simpatia, um espaço de calma e tranquilidade. De outro, o código da rua estaria fundado em relações impessoais, onde predominam movimento e perigo.

Na Vaga Viva o questionamento de práticas do urbanismo contemporâneo é realizado por meio do uso dos códigos próprios do universo da “casa” no espaço da “rua”. Essa relação é dinâmica e relativa por que “rua e casa se reproduzem mutuamente, posto que há espaços na rua que podem ser fechados ou apropriados por um grupo, categoria social ou pessoas, tornando-se sua “casa” ou seu “ponto” (DA MATTA, 1997, p. 51). É o que sugere a “encenação” ou composição performática realizada durante as vagas viva, na medida em que remete à prática das “cadeiras nas calçadas”, um costume antigo – o colocar cadeiras nas calçadas em frente da casa – para se conversar com vizinhos ou então olhar o movimento da rua.

Esse modelo de sociabilidade é o que os ativistas têm em mente, é o que concebem como imagem da “boa experiência urbana”. Quando Magnani (1998) usa essa expressão ele está sugerindo que embora as pessoas hoje não mais coloquem cadeiras nas calçadas, novas formas são criadas para produzir esse tipo de sociabilidade. Um dos exemplos frequentes que o autor utiliza para ilustrar essa situação é a dos velhinhos que se encontravam à tarde no saguão do Banco, para tomar café e conversar.

Recriar esse tipo de prática e de sociabilidade no espaço público era o objetivo dos ativistas. Contudo, a questão é saber se as Vagas Vivas são capazes ou adequadas para promover esse tipo de sociabilidade idealizada pelos ativistas.

### 2.1.1 Vaga Viva como plataforma eleitoral

Em meados de 2014 o cicloativista Goura Nataraj, que era à época Coordenador da Ciclolguaçu e uma das principais lideranças no processo de construção da Praça de Bolso do Ciclista, foi convidado pelo Partido Verde (PV) a ser candidato nas eleições para deputado federal que aconteceriam em outubro daquele ano. Ele assumiu as demandas cicloativistas, especialmente os temas da mobilidade urbana e ocupação de espaços públicos como bandeira de campanha.

Dessa forma, os cicloativistas ampliaram seu leque de ações políticas: das práticas de protesto realizadas em especial no contexto do Fórum Mundial da Bicicleta à parceria com o Poder Público experimentada com a construção da Praça de Bolso do Ciclista passaram, a partir desse momento, ao engajamento na política partidária apresentando-se na campanha eleitoral com candidato próprio.

Uma das estratégias escolhidas pelos ativistas para dar visibilidade à sua participação na campanha eleitoral foi o estímulo à realização das Vagas Vivas que como ação de intervenção urbana passaram a funcionar como plataforma de campanha. Durante sua realização, eram distribuídos panfletos do candidato. A Vaga Viva organizada em setembro de 2014 na Avenida Cândido de Abreu se insere nesse contexto. Promovida pela Cicloguaçu em comemoração ao Dia Mundial Sem Carro, sua realização foi também uma oportunidade para os cicloativistas divulgarem as propostas de seu candidato por meio da distribuição de panfletos.

Puxando para a campanha do Goura, a gente viu que tinha um impacto bom e que era uma pauta nossa né, o espaço público, a cidade mais humana, e a gente usou como estratégia de campanha. Daí acho que foram feitas umas quatro ou cinco durante a campanha do Goura...o nosso objetivo era eleger ele, mas o nosso objetivo era aumentar o impacto da nossa pauta e tendo alguém eleito é uma forma de ampliar o impacto. (RECK, 2015b).

Apesar de pregarem a ideia de uma democracia direta, exercida pelos próprios cidadãos por meio de ações concretas, os cicloativistas não se colocam necessariamente fora dos processos representativos “tradicionais”, nem descartam sua importância. É o que aponta a decisão de participarem do pleito eleitoral de 2014 em Curitiba por meio de candidato próprio.

Apesar dos esforços dos ativistas, Goura obteve 13.265 votos, não conseguindo ser eleito. No entanto, a pauta da mobilidade urbana e da ocupação dos espaços urbanos conquistou espaço na mídia, o que garantiu ao grupo espaço no plano da política municipal. Assim, em fevereiro de 2015, alguns meses após o pleito eleitoral, Goura foi convidado pelo Prefeito Gustavo Fruet (PDT) a integrar a Coordenação de Mobilidade Urbana da Secretaria de Trânsito de Curitiba (SETRAN).

A entrada do Goura na Administração Municipal selou uma parceria entre ativistas da cidade e Poder Público, uma relação que foi sendo construída ao longo dos anos<sup>78</sup>.

---

<sup>78</sup> Nem sempre essa relação foi de colaboração. Pelo contrário, no início das ações cicloativistas na cidade, o próprio Goura havia preso pela Guarda Municipal, juntamente com outros cicloativistas, pela pintura de uma ciclofaixa pirata. Nesse episódio, os cicloativistas foram presos acusados de pichação e condenados à multa.

## 2.1.2 1º Encontro # Vaga Viva Curitiba

FIGURA 26 – MATERIAL DE DIVULGAÇÃO I 1º ENCONTRO #VAGAVIVACURITIBA



Em março de 2015, a Ciclolguaçu, em parceria com a Coordenação de mobilidade urbana da SETRAN (na pessoa do Goura), convocou os cicloativistas para participar de uma reunião que foi chamada “1º Encontro #Vaga Viva Curitiba”. Quem descreve a iniciativa é Yasmin Reck, coordenadora da coordenadora da Ciclolguaçu (ela assumiu o cargo, interinamente, após a saída de Goura, até a realização de nova eleição):

A coordenação de transporte não-motorizado da SETRAN entrou em contato para trabalharmos juntos no projeto dos *parklets* que a cidade pretende implantar esse ano. Designers, arquitetos, entusiastas da cidade, professores, alunos e toda a academia, venham conversar e colocar as ideias no papel.<sup>79</sup>

A reunião aconteceu na sede da Ciclolguaçu e reuniu cerca de 30 participantes, a maior parte jovens entre 25 e 35 anos, ciclistas, estudantes de arquitetura, arquitetos, artistas e comerciantes. Vários desses participantes já desenvolveram projetos, propostas ou algum tipo de debate relacionado à mobilidade urbana e planejamento urbano na cidade. Estiveram presentes, dentre outros, os professores de design da UTFPR, Gheysa Prado, Marco Mazzarotto e Ana França, que desenvolvem projetos dentro da Universidade a respeito de temas afins,

<sup>79</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10153202276788534&set=g.689360454474742&type=1&theater>>. Acesso em: 04 mar. 2015.

incentivando o engajamento dos alunos. Eles criaram o núcleo de pesquisa “Projetos para pessoas”<sup>80</sup> que tem entre suas propostas “realizar encontros inspiradores sobre colaboração, modos de vida e felicidade”. Em 2014, os professores já haviam realizado uma Vaga Viva dentro do evento “Se essa rua fosse nossa”, realizado na frente da referida instituição, na Avenida Sete de Setembro, centro de Curitiba.

Também estiveram presentes Raphael Viana e Marco Antônio, empresários recém chegados a Curitiba que estavam abrindo um restaurante vegetariano na cidade e que queriam participar das ações cicloativistas e disponibilizar o espaço do restaurante para a realização de uma Vaga Viva; o cientista político Pedro de Medeiros, doutorando na Universidade Federal do Paraná cuja pesquisa tem por foco movimentos sociais ligados à mobilidade urbana e quem já vinha realizando uma série de debates com Goura sob o título “Cidadania no concreto”; Débora Rocha, arquiteta e integrante dos movimentos “Minha Curitiba” e “Nossas Cidades” os quais auxiliam na elaboração de políticas públicas para a cidade; Tissa Valverde, proprietária da Bicletaria Cultural e que recentemente havia viajado para Estocolmo na Suécia para receber o prêmio de *Smart Living Challenge/2014* de inovação para espaços urbanos; Caroline Lemes, artista e integrante do grupo “Saia de Bici”<sup>81</sup>, comunidade que reúne nas redes sociais mulheres ciclistas e promove ações na cidade; Ivo Reck, engenheiro ambiental, integrante do Instituto Energia Humana; Miguel Meister Neto, estudante de arquitetura que recentemente havia ganho um concurso de design de *parklets*, entre outros.

A SETRAN tinha apresentado ao grupo a proposta de realização de uma série de vagas-vivas durante as comemorações do aniversário de Curitiba, na semana de 22 a 29 de março de 2015 e também a instalação de um *parklet* permanente até o mês de setembro, quando é comemorado o Dia Mundial Sem Carro. A SETRAN auxiliaria com as autorizações e liberações necessárias enquanto os ativistas ficariam responsáveis pela organização das vagas.

Durante a reunião, o grupo propôs a realização de três vagas-vivas “temáticas” que seriam organizadas por pequenos núcleos formados na reunião: uma Vaga Viva artística que seria realizada no centro da cidade (em local que ainda seria definido), uma Vaga Viva organizada pelos professores e estudantes de design da UTFPR, ao lado da Universidade, e uma Vaga Viva que contaria com debates

---

<sup>80</sup> Disponível em: <<https://projetosparapessoas.wordpress.com>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

<sup>81</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/saiadebici>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

realizada no restaurante vegetariano localizado na Avenida Iguazu e que finalizaria a programação.

O evento foi chamado pelo grupo de “Semana do 322”, pois as vagas-vivas previstas seriam instaladas durante a semana de comemorações do 322º aniversário de Curitiba, obedecendo-se ao seguinte calendário: a Vaga Viva artística seria montada no dia 26/03 à rua Trajano Reis, a Vaga Viva do design da UTFPR no dia 27/03 e os ciclos-debate no dia 28/03 no restaurante Capivara Vegetarian.

FIGURA 27 – MATERIAL DE DIVULGAÇÃO SEMANA DO 322

**#VAGA VIVA CURITIBA**

**SEMANA 322**  
25 > 28 / 03

**QUI 26** | **VAGA VIVA ARTISTICA**  
17 > 21h  
RUA PAULA GOMES, 354

**SEX 27** | **VAGA VIVA UTFPR**  
8 > 18h  
ESCRITÓRIO VERDE  
AV. SILVA JARDIM, 807

**SAB 28** | **BIKE DIA!**  
9 > 18h  
CAPIVARA  
AV. IGUAÇU, 1599

**9H** YOGA NA VAGA COM YOGA NO PARQUE  
COM TIAGO BINDEWALD

**10H** EXPOSIÇÃO: DESIGN PARA O ESPAÇO PÚBLICO PUC/PR  
& JARDINAGEM LIBERTARIA COM A TRACEMA

**13H** ALMOÇO AMIGO DO CICLISTA

**15H** CICLO PALESTRAS (10 minutos cada)  
PARKLETS QUE DERAM CERTO - ESTÚDIO COLETIVO  
AGRICULTURA URBANA - JULIA MARINI  
PARKLET CAMPEÃO - MIGUEL MEISTER NETO  
PARACICLO RAZOR - CARLOS E ANA  
CIDADANIA NO CONCRETO - PEDRO DE MEDEIROS  
CURITIBA E SEUS OLHOS - JULIANO LAMB  
FMB 4 - CASSINHA, ANDREZA  
FILME FMB 4 - PRISCILA  
ARQUITETURA PARA CURITIBA - ANDRÉ BIHUNA

**17H** CENTRO ACALMADO - COURA SETRAN  
BATE PAPO, MEDIAÇÃO, IVO RECK NETO

APOIO: bic cje taria CURITIBA SETRAN PIZZE fua Capivara UTFPR CICLO IGUAÇU REALIZAÇÃO

Eu integrei o grupo de trabalho da “Vaga Viva artística” juntamente com o artista visual Celestino Dimas e a artista e ativista Caroline Lemes. Os professores da UTFPR ficaram responsáveis pela elaboração e impressão de um material educativo que seria entregue ao público e a Yasmin ficou responsável pela elaboração de um questionário que seria aplicado durante as vagas-vivas para avaliar o impacto da ação no entorno.

O objetivo dessas Vagas Vivas, enquanto ações temporárias, não era mais o protesto, mas a proposição de um projeto-piloto para a implementação permanente de equipamentos urbanos na cidade. Durante a reunião foi discutida a necessidade de regulamentação das Vagas Vivas já que ainda não havia instrução legal para o seu

funcionamento e instalação na cidade<sup>82</sup>. Yasmin já havia conversado com o Jonny Stica, vereador titular da Comissão de Urbanismo e Obras Públicas na Câmara dos Vereadores de Curitiba, a respeito da regulamentação, o qual sugeriu o envio de um texto para fundamentar uma futura proposta de regulamentação das Vagas Vivas na cidade.

## 2.2 SEMANA DO 322

### 2.2.1 Vaga Viva Artística

A primeira ação da Semana do 322 foi a realização da “Vaga Viva Artística” na Rua Paula Gomes, localizada no bairro São Francisco, centro histórico e boêmio da cidade. A ação foi organizada por alguns integrantes do grupo de trabalho #vagavivacuritiba e tinha como objetivo reunir alguns artistas e realizar apresentações musicais e performances. Como havia me disposto a ajudar na construção da programação artística, estava indo a todas as reuniões; outras pessoas que haviam se disponibilizado a participar acabaram não aparecendo mais, de forma que acabei me tornando uma das principais organizadoras dessa Vaga Viva.

Por um lado, a tarefa de organização foi interessante, pois consegui definitivamente me aproximar do grupo, ganhar a confiança das pessoas e perceber dinâmicas internas, a princípio invisíveis ao público como, por exemplo, a forma de mobilização do grupo. Pude observar que apesar de muitas pessoas se dizerem interessadas (o grupo #vagavivacuritiba possui cerca de 250 membros) poucas participam de fato das ações. Ainda que a autogestão e participação coletiva sejam um ideal a ser alcançado, este dificilmente se concretiza na prática sem a atuação de algumas lideranças.

Por outro lado, foi desafiador ocupar simultaneamente as funções de participante, organizadora e pesquisadora e ter que fotografar, tomar notas no caderno de campo, conversar com os participantes, ao mesmo tempo carregar móveis,

---

<sup>82</sup> A cidade de São Paulo é a única cidade brasileira que, à época, já possuía um decreto regulamentador para a instalação, assinado em abril de 2014, pelo Prefeito Fernando Haddad. Decreto municipal nº55.045/14. Disponível em: <<http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/principal-parklets/>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

plantas, dar entrevistas para jornalistas, responder às dúvidas de pedestres e motoristas, mediar o espaço com o comerciante do bar em frente, e, por fim, organizar tudo ao término da ação.

A escolha do local da Vaga Viva Artística foi realizada em conjunto pela equipe organizadora da qual eu fazia parte. Inicialmente, havia sido cogitado fazer a vaga viva na quadra localizada em frente ao Teatro Guaíra ou então as proximidades do Passeio Público, por serem ambos os locais próximos a cruzamentos de intenso movimento de veículos na hora do rush.

Contudo, como cada uma das três vagas previstas teria características distintas, consideramos que seria interessante atingir também o público jovem frequentador do bairro São Francisco, região mais boemia do centro da cidade (o horário da ação, marcada para o início da noite, foi motivada pelo mesmo fator). Depois pensamos em fazer a ação na rua Trajano Reis, local de outra vaga viva realizada anteriormente, mas achamos que seria muito perigoso devido à velocidade dos carros que passam pelo local.

Finalmente, o local escolhido foi o Torto Bar, um bar muito frequentado pelos integrantes do grupo e tradicional entre os ativistas em geral. Naquela semana, a SETRAN havia acabado de instalar um paraciclo<sup>83</sup> na frente do bar (uma das ações coordenadas pelo cicloativista Goura Nataraj a frente do órgão). Dessa forma, a presença dos paraciclos recém-instalados nos pareceu convergir para a mesma temática da qualidade de vida nos espaços públicos urbanos, tornando a escolha do local coerente.

Não há regras para a escolha do local de instalação de uma Vaga Viva. A ideia é que ela seja feita de forma livre pelos organizadores da ação, em função de seus objetivos e do perfil dos envolvidos na ação. No caso das Vagas Vivas UTFPR e Bike Dia (detalhadas a seguir) elas foram definidas pelos seus organizadores (a UTFPR e o restaurante Capivara Vegetarian) que se ofereceram para realizá-las com a estrutura disponível em seus espaços.

Contudo, de forma geral as Vagas Vivas as quais tive conhecimento durante a realização da pesquisa foram realizadas todas no centro da cidade, em ruas e

---

<sup>83</sup> Paraciclo é o suporte físico onde a bicicleta é presa, podendo ser instalado como parte do mobiliário urbano ou dentro de uma área de limitada, chamada de bicicletário. Disponível em: <<http://www.cicloativismo.com/entenda-as-diferencas/paraciclo/>>. Acesso em: 6 jun. 2016.

avenidas de grande movimentação, consideradas “pontos estratégicos” pelos ativistas para dar “visibilidade” à ação.

Na maior parte das vezes, os materiais utilizados são trazidos pelos ativistas, sem que tenham combinado anteriormente. No caso dessa vaga viva, tentei montar um grupo de discussão no Facebook para que cada um informasse o que poderia levar. Eu disse que poderia levar um tapete, almofadas, um fio com lâmpadas pequenas e algumas plantas. Outra organizadora ficou de levar revistas, uma mesa e um lanche e os outros móveis e elementos da vaga surgiram de forma espontânea (nem sempre ela é espontânea como quando tive que pedir a um amigo morador da vizinhança uma luminária emprestada visto que começava a escurecer).

O padrão “sala de estar” é recorrente nas vagas em que estive presente, com pequenas variações (algumas vezes com grama sintética no chão, outras com grama de verdade, outras com tapetes de escritório, por exemplo). Nesse caso em particular foi recriado um misto de sala de estar, ateliê de arte e palco musical. Os elementos simbólicos escolhidos para caracterizá-la foram pufes, almofadas, luminárias, plantas, *pallets* (que serviram de palco improvisado para os artistas), um cavalete de pintura, entre outros.

No dia do evento, havíamos combinado de chegar ao local cerca de uma hora antes para organizar e montar a vaga. Como a ação havia sido realizada com o apoio da Prefeitura, a SETRAN havia reservado cerca de três vagas do estacionamento rotativo na Rua Paula Gomes, em frente ao Torto Bar, desde o início da manhã, colocando cones de sinalização para isolar o espaço.

Apesar da natureza do evento, fui ao local da ação de carro para levar os materiais que iriam compor o espaço. No momento que parava meu carro, uma Kombi e outro carro menor, também procuravam uma vaga de estacionamento para descarregar os seus materiais (comidas, plantas, livros, almofadas) e móveis. À medida que os demais integrantes do grupo chegavam, a pé, de carro ou de bicicleta, iam se engajando na montagem e organização da vaga. Uma pequena placa de madeira foi colocada para indicar o nome do evento, mas muitos pedestres e motoristas que passavam não entendiam e paravam para perguntar o que estava acontecendo ali.

Apesar da coordenação da Yasmin e das iniciativas do grupo de trabalho, de maneira geral a ação aconteceu sem cronograma ou programação. A única coisa que fizemos antes do evento foi entrar em contato com artistas da cidade convidando-os

a participar e reunir os móveis que comporiam a Vaga. A forma de trabalho também é livre e colaborativa, assim algumas pessoas chegavam e perguntavam no que poderiam ajudar.

Ao longo da noite diversos artistas participaram da ação, dentre eles o artista visual Celestino Dimas que trouxe um cavalete de madeira e uma tela em branco e produziu uma pintura durante o evento. No meio da noite a atriz e performer Mariana Barros realizou uma performance na Vaga – vestida com uma calça preta e um maiô – abordava o público convidando-o para, com um fone de ouvido compartilhado, escutar música e dançar com ela. O Coletivo Militância Artística CWB<sup>84</sup>, formado por alunos da Faculdade de Artes do Paraná, convidou alguns dos músicos da Universidade para se apresentarem, além disso, outros músicos locais também estiveram presentes no palco improvisado em cima de um *pallet*.

FIGURA 28 - VAGA VIVA ARTÍSTICA



FONTE: Ciclolguaçu.

Um grupo de alunos do curso de jornalismo da Faculdade Uniandrade fez o registro audiovisual da ação e realizou entrevistas com os participantes ao longo da noite como parte do projeto de extensão que consistia na assessoria de imprensa à Ciclolguaçu, organizadora da ação. Foram distribuídos alguns panfletos explicativos (produzidos pelos professores da Universidade Tecnológica Federal do Paraná –

---

<sup>84</sup> O coletivo surgiu em 2015 em apoio à greve dos professores, servidores e estudantes da rede estadual do Paraná. Disponível em: <[facebook.com/MilitanciaArtisticaCWB](https://facebook.com/MilitanciaArtisticaCWB)>. Acesso em: 1º abr. 2015.

UTFPR, e impressos pela SETRAN) e aplicados alguns questionários (elaborados pela Cicloguaçu) para a pesquisa de impacto da ação.

No meio da noite o público da vaga já se misturava ao público usual de bar, entre os quais artistas, estudantes universitários e demais frequentadores. Embora a maior parte não soubesse que se tratava de uma ação (já que a parte “educativa” desta seria realizada por meio da distribuição de panfletos, o que aconteceu apenas no início da noite), a vaga viva acabou sendo apropriada pelos frequentadores do local que utilizaram as almofadas e tapetes para sentar enquanto bebiam e conversavam. No final da noite ouvimos reclamações quando da retirada dos móveis e demais objetos, já que o público queria continuar no espaço. Após a retirada dos materiais, algumas pessoas continuaram sentadas no meio-fio enquanto outras se levantaram.

A Vaga Viva foi encerrada por volta das 22h00, para evitar problemas com os vizinhos (já que não tínhamos autorização da Secretaria de Meio Ambiente para uso de equipamentos de som). No final da noite, a Pizza, empresa de propriedade do arquiteto Rafael Fusco integrante do grupo Vaga Viva, forneceu algumas pizzas que foram distribuídas entre os participantes da Vaga, assim como as cervejas que foram doadas pelo proprietário do Torto Bar, bar em frente ao local onde foi realizada a Vaga Viva.

A professora de *performance studies* e diretora-fundadora do *Hemispheric Institute of Performance and Politics*, Diana Taylor pesquisa a relação entre performance e política na América Latina buscando pensar “como o ‘faz de conta’ de atos performativos na verdade ‘faz contar’ e molda realidades políticas” (TAYLOR, 2013, p. 214).

Taylor toma como objeto de análise manifestações políticas ocorridas no México em 2006<sup>85</sup>, entendendo como práticas performáticas “marchas, eventos culturais, comícios, atos de diversão ou ruptura, *networking* e outras práticas incorporadas”. A partir desse entendimento, é possível considerar a ação da vaga viva, e em especial a vaga viva artística, como um evento político de caráter performativo durante o qual os artistas pintam, performam, cantam e entretêm o público.

---

<sup>85</sup> Dois milhões de manifestantes se juntaram no Zócalo, a principal praça do México, para contestar os resultados da eleição presidencial mexicana de 2006, através de atos de desobediência civil (TAYLOR, 2013, p. 213).

Durante a realização da ação, a Vaga Viva cria uma “cidade” diferente, encena uma “visão alternativa do que a vida social comunal poderia parecer” (TAYLOR, 2013, p. 217). Assim, de forma similar ao caso analisado por Taylor no México, a Vaga Viva inverte a lógica do público/privado (ou da casa/rua), com o uso do espaço “público” como se fosse “privado”: práticas que tradicionalmente são realizadas em espaços privados como ler, jantar ou assistir filmes, passam a ser realizadas no espaço público.

O “faz de conta” da Vaga Viva, “encenando” a sala de estar na rua, expressa a visão dos ativistas sobre um determinado tipo de sociabilidade no espaço público, de convívio harmônico entre pessoas e grupos sociais distintos, na realização de práticas de lazer no espaço público urbano em detrimento dos espaços privados. A encenação cria efeitos simbólicos no espaço público urbano ao estabelecer novos espaços de lazer e convivência, mesmo que temporários, e também gera efeitos ao pretender introduzir na consciência de outros cidadãos a importância e necessidade de espaços como esse.

Como atos performáticos, as Vagas Vivas produzem uma prática política que se diferencia daquela exercida por meio da política partidária, greves ou manifestações. Elas “criam um desejo e uma demanda por mudança, isto é, deixam um rastro que reanima situações futuras” (TAYLOR, 2013, p. 218). Os ativistas pretendem inspirar outras pessoas a buscarem meios de produção de uma “cidade para pessoas”.

### 2.2.2 Vaga Viva UTFPR

A “Vaga Viva UTFPR”, como foi chamada, foi realizada no dia seguinte, na Avenida Silva Jardim, uma rua bastante movimentada localizada ao lado da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), na região central da cidade. O evento foi organizado pelos professores e alunos da instituição e atraiu estudantes universitários, funcionários da instituição, ativistas e pedestres que passavam pelo local.

Três vagas de Estacionamento Regulamentado (EstaR) foram ocupadas com protótipos de móveis desenvolvidos pelos estudantes da Universidade. Quanto ao mobiliário utilizado essa era uma das Vagas Vivas com estrutura mais completa, contando com diversos móveis como mesas, cadeiras, esteiras, muro de proteção,

paraciclo, além de grama no chão e guarda-sóis. Um dos objetivos dos professores da Universidade com a realização dessa vaga foi possibilitar aos seus alunos uma prática de experimentação da vaga viva a fim de se identificar falhas e necessidades e construir propostas mais consistentes de *parklets* permanentes.

Os professores haviam disponibilizado alguns pequenos lanches (pipocas, frutas) que eram servidos nas mesas, enquanto alguns estudantes tocavam violão e cantavam e outros se encarregavam da divulgação da ação, por meio da abordagem dos pedestres, entrega de panfletos e conversas. Um dos estudantes, fantasiado de capivara (uma mascote criada em um projeto da Universidade), ajudava na entrega dos panfletos e conversava com os pedestres que passavam pelo local.

A ação foi bem avaliada pelos estudantes participantes que aprovaram a ocupação das vagas de estacionamento pelas Vagas Vivas. A esse respeito comentou um deles:

Acho importante, pois na cidade estamos sempre convivendo com o cinza, com a poluição dos carros. Só de ter uma graminha, bancos, tudo isso me fez esporear. Gostei do espaço, me deu vontade de estar em casa no meu quintal com gramado, remete a uma coisa boa. Se fosse almoçar hoje no centro, ficaria e comeria por aqui. É uma coisa nova para o nosso dia a dia, ajuda a aliviar o estresse... “Seriam locais para as pessoas sentarem e conversarem ao ar livre, na hora do almoço ou numa pausa do trabalho”.<sup>86</sup>

Para o professor Marco Mazzarotto, um dos organizadores, a Vaga Viva tem ainda as funções extras como: chamar a atenção para o uso do espaço público, dar visibilidade ao tema e divulgar a ideia. Apesar de considerar a ação bem-sucedida, os professores destacam a importância de se avançar a discussão das Vagas Vivas enquanto ações pontuais e de cunho mais educativo, para a criação de projetos e implementação de mobiliários urbanos permanentes que teriam impacto em longo prazo no urbanismo da cidade:

Eu sempre questioneei que fim, que utilidade ela deveria ter, parece que ela tem um fim em si mesma, mas depois eu entendi esse poder de visibilidade que ela traz para o tema, Mas ficar só nela é burrice, tem que avançar, tem que usar esse *start* que ela dá e avançar para discussões mais permanentes, ela não pode ficar só nesse evento temporário. (MAZZAROTTO, 2015)<sup>87</sup>.

<sup>86</sup> Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/projeto-transforma-vagas-de-estacionamento-em-areas-de-convivencia/35959>>. Acesso em: 5 abr. 2015.

<sup>87</sup> Entrevista concedida pelo professor MAZZAROTTO, Marco. [27 mar. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015.

FIGURA 29 – VAGA VIVA UTFPR



Fonte: Escritório Verde (Imagem).

### 2.2.3 Vaga Viva Bike Dia

A terceira e última Vaga Viva da programação da Semana do 322 aconteceu durante o “Bike Dia” organizado pela Ciclolguaçu em parceria com Raphael Viana e Marco Antônio, proprietários do restaurante Capivara Vegetarian, localizado na Avenida Iguaçu, próxima ao bairro Rebouças. O evento foi o último da programação da Semana do 322 e contou com a participação de cerca de 50 pessoas, entre arquitetos, estudantes, designers, ativistas e ciclistas que circularam pelo local ao longo do dia.

Cheguei ao restaurante no início da manhã enquanto eles terminavam de colocar alguns *pallets*<sup>88</sup> nas vagas que haviam sido reservadas pela SETRAN em frente ao estabelecimento. A pedido de Marco, levei alguns vasos de plantas para decorar o espaço, mas, logo a seguir, Raphael chegou com o carro cheio de plantas e flores que tinham sido doadas por uma floricultura. Eles terminavam de organizar a parte interna do restaurante onde aconteceria uma exposição de mapas e maquetes e, no período da tarde, um ciclo de debates.

<sup>88</sup> *Pallets* são estrados de madeira, geralmente feitos de pinus ou eucalipto, utilizados para facilitar o transporte e manuseio de cargas, mas que também tem sido utilizado no design de móveis.

Duas meninas aguardavam pela aula de yoga marcada para o início da manhã, mas esta acabou não acontecendo devido à chuva que ameaçava cair. Ao longo da manhã chegaram mais pessoas para participar da vaga viva e também a equipe de filmagem da Uniandrade que fazia a cobertura do evento.

FIGURA 30 - VAGA VIVA BIKE DIA



FONTE: Raphael Viana.

No final da manhã, aproximadamente 15 pessoas chegaram ao local do evento. Elas tinham participado da Bicicletada, parte da programação do Bike Dia, que tinha como destino final o restaurante. Alguns deles também participaram de uma ação da Jardinagem Libertária<sup>89</sup> coordenada pela gestora ambiental Iracema Bernardes, ex-praceira, atividade que consiste no plantio de mudas no canteiro central da Avenida Iguaçu.

---

<sup>89</sup> O alvo dessa ação consiste em plantar árvores para ocupar os espaços abandonados da cidade, como forma de intervenção política. “Mais do que ‘salvar o mundo’, o foco é sensibilizar as pessoas a tomarem para si a responsabilidade pelo espaço em que vivem”. Em Curitiba, um dos pioneiros dessa prática foi o ativista Goura Nataraj que, desde 2008, promove ações da Jardinagem Libertária. Uma dessas ações deu origem ao Bosque de Sofia, no Centro Cívico. Disponível em: <[http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/conteudo\\_288553.shtml](http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/conteudo_288553.shtml)>. Acesso em: 27 abr. 2016.

FIGURA 31 - JARDINAGEM LIBERTÁRIA



FONTE: Valmir Singh (Imagem).

Apesar de ser uma avenida movimentada da cidade, poucos pedestres passaram pela ação já que a região não conta com grande movimento aos finais de semana (especialmente depois do fechamento dos estabelecimentos comerciais vizinhos). Dessa forma, essa Vaga Viva ficou bastante restrita à participação dos próprios ativistas.

No período da tarde chegaram outras pessoas, a maior parte convidados que participariam do ciclo de palestras e debates, última parte da programação do dia. Essa segunda etapa do evento contou com pouco mais de 20 pessoas, jovens de 20 a 35 anos, dentre eles estudantes de arquitetura, designers e cicloativistas, além dos organizadores do evento e integrantes da Ciclolguaçu.

A apresentação do evento foi realizada por Yasmin Reck, coordenadora da Ciclolguaçu uma das principais entusiastas da vaga viva, que convidou diversas pessoas e coletivos para falarem sobre temas relacionados à mobilidade urbana, cidade, espaços públicos urbanos e *parklets*.

As primeiras a participar foram as cicloativistas Cassia e Priscila Maris que recentemente haviam estado no IV Fórum Mundial da Bicicleta – FMB4, em Medellín na Colômbia, e apresentaram um breve relato da viagem e das discussões do Fórum. De acordo com elas, o evento, que na edição anterior foi realizado na cidade de Curitiba, havia se internacionalizado e institucionalizado. Entretanto, ao passo que no

evento em Curitiba a palavra de destaque fora “amor”<sup>90</sup> no FMB4 as discussões giraram em torno da palavra “política” à qual foram articuladas, em especial, questões relativas à ciclomobilidade no mundo.

Outra fala do dia foi o “*Parklets* que deram certo” do arquiteto Gihad El Khouri do escritório de arquitetura Estúdio Coletivo, fundado em 2014 na cidade de Curitiba, e que contou com o relato de experiências de Vagas Vivas projetadas e instaladas em outras cidades do Brasil e do mundo. Ele destacou a parceria com o Poder Público e também o envolvimento e convencimento dos comerciantes como fatores determinantes do sucesso das Vagas Vivas.

A primeira coisa que a gente percebeu é a união entre Poder Público, iniciativa privada e população. Aqui, quando falo em Poder Público, é faculdade, governo, universidades públicas, estudantes, ONGS, ativistas... [sic]. Tem que ter essas pessoas que tem um peso maior de responsabilidade no seu nome, a Universidade Tecnológica Federal, a Cicloguaçu, a Prefeitura de Curitiba. (KHOURI, 2015)<sup>91</sup>.

O arquiteto aponta um aspecto que até então não havia aparecido de forma explícita na fala dos meus principais interlocutores: o argumento econômico para se conseguir apoio e parceria dos comerciantes. Segundo Khouri, um dos fatores que na sua opinião poderia convencer os comerciantes a aderirem à instalação de *parklets* seria o aumento de público próximo a seus estabelecimentos, o que poderia reverter-lhes em lucro:

Principalmente em São Paulo, você vê muito forte a vontade da iniciativa privada em trazer isso. Em São Paulo, tem vários estudos que falam no aumento em 20% de frequência nos bares, então também é uma alternativa interessante economicamente para as pessoas que normalmente falam: vai tirar uma vaga da frente do meu estabelecimento, vai colocar uma bicicleta.... Você tem essa certa recusa... como você, pelo dinheiro, convencer economicamente que isso é o melhor para todos... (KHOURI, 2015).

Outra discussão que surge de forma mais acentuada durante os debates do Bike Dia é a indefinição quanto aos usos possíveis da vaga viva. Segundo Khouri não haveria interesse em pré-determinar usos para o espaço da vaga viva, mas sim dar um suporte para a “população se apropriar, por que a rua só vai ser boa para nós quando for nossa propriamente dita”.

---

<sup>90</sup> Como por exemplo, no slogan utilizado pelos cicloativistas: “mais amor, menos motor”.

<sup>91</sup> Entrevista concedida pelo arquiteto KHOURI, Gihad. [28 mar. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015.

Contudo, em relação ao uso futuro das Vagas Vivas, uma das participantes do debate, uma administradora recém-chegada à cidade que não participava do movimento ativista local, apresentou o seguinte questionamento: “Quem vai usar esses espaços”? Esse episódio foi um dos poucos momentos durante a pesquisa de campo em que o questionamento sobre o uso e apropriação desses espaços foi levantado.

Cada participante salienta, ao seu modo, as diferenças ou nuances e posturas, visões e práticas do grupo pesquisado, o que enriquece a etnografia e impede uma espécie de “voz oficial” do grupo. Na medida em que novas pessoas vão aderindo o movimento (arquitetos, comerciantes, pesquisadores), o que se poderia pensar inicialmente como um consenso entre os ativistas integrantes da Cicloguaçu vai ganhando novos contornos.

Outro participante do ciclo de debates do Bike Dia foi o estudante de arquitetura Miguel Meister Neto que estava presente para apresentar o seu projeto de *parklet* chamado “Curta”, que recentemente vencera o concurso “*Parklet* na Vila Madalena”. Entre os princípios estabelecidos para o projeto estão a elasticidade (transformação constante do espaço por meio da ação), flexibilidade (espaço aberto e indeterminado onde tudo pode acontecer), imprevisibilidade e nomadismo.

Imprevisibilidade: eu acho interessante porque basta uma surpresa no meio urbano, um estalo, para que duas pessoas comecem a conversar. Então se você vê alguma coisa inusitada, diferente, você começa a conversar com um desconhecido cinco minutos e você já é uma pessoa diferente...então esses estalos eles podem ajudar na iniciação de relação entre cidade, objeto e pessoa. (MEISTER NETO, 2015)<sup>92</sup>.

O ideal de convívio no espaço público é reforçado como objetivo do projeto do estudante de arquitetura. O tipo de urbanidade tida como ideal é aquela onde o encontro entre as pessoas acontece de forma espontânea e harmônica supondo-se que a “mistura social” seja “natural” e “sem conflito”. É o que sugere a fala abaixo do estudante:

Acho legal pensar que o projeto pode ser nômade porque a gente tem a capacidade de explorar diferentes nichos urbanos. Então você explorou um determinado grupo social, mas você não precisa parar tudo ali, você pode explorar outras e outras partes da cidade, então vai ativando diversos grupos

---

<sup>92</sup> Entrevista concedida pelo estudante de arquitetura MEISTER NETO, Miguel. [28 mar. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015.

urbanos e nichos espaciais e essas relações vão ficando cada vez mais ricas conforme as pessoas vão se misturando. (MEISTER NETO, 2015).

Por nomadismo entende-se a possibilidade de deslocamento do mobiliário urbano e instalando-o em diversos locais da cidade com o objetivo de ativar práticas de sociabilidade em regiões diversas da cidade. A vaga viva permitiria, assim, explorar diversas regiões e nichos da cidade, permitindo aos diversos grupos sociais a oportunidade de usufruir temporariamente de mais um espaço de convivência, assim como a oportunidade de transformação pessoal a partir dela.

FIGURA 32 - CICLO DE DEBATES BIKE DIA



FONTE: Raphael Viana.

“Cidadania no Concreto” foi o título do ciclo de debates organizado por Pedro de Medeiros e Goura Nataraj na Praça de Bolso do Ciclista, buscando refletir sobre a relação entre cidadania e espaços públicos. Medeiros, cientista político e doutorando na UFPR, chamou a atenção para a questão dos efeitos políticos da utilização do espaço urbano como uma forma de se propor o debate das questões públicas.

Segundo Medeiros, o movimento ativista de Curitiba estaria em uma nova fase, com a expansão de sua pauta de reivindicações, a princípio focadas na ciclomobilidade e, agora, voltadas à criação de espaços de convivência.

Porque eu sinto agora que os movimentos sociais e principalmente a Ciclotguaçu já está na fase de maturidade. Que a bicicleta não se torna mais a questão central, a única questão, agora já começa a falar – e a vaga viva é exemplo disso – da utilização de um espaço de convívio, de um espaço público...acho que a gente está numa fase de maturidade do movimento para

pensar a cidade em relação à política, aí você vai ter mais um ponto, a vaga viva é mais um ponto. (MEDEIROS, 2015)<sup>93</sup>.

Essa trajetória do movimento em Curitiba reitera a visão da arquiteta e urbanista, professora da USP, Raquel Rolnik que, analisando as manifestações de junho de 2012 contra o aumento da tarifa no transporte público convocada pelo Movimento Passe Livre (MPL), aponta o que segue: “o direito à mobilidade se entrelaçou fortemente com outras pautas e agendas constitutivas da questão urbana” abandonada pela agenda política durante as últimas décadas (ROLNIK, 2013, p. 9).

Pedro Medeiros ressalta em sua fala um aspecto até o momento não mencionado por outros ativistas e seus interlocutores: o uso do espaço público como *locus* de debate de questões públicas. Segundo o pesquisador, daí a importância de ampliação de praças e calçadas porque nestas, segundo ele, as hierarquias e as diferenças seriam dissolvidas: “é só no espaço público que nós somos cidadãos iguais, sentados ali num *parklet*, numa Vaga Viva”.

De *idiot* vem o idiota, que vem do grego antigo, que é aquele que se preocupa apenas com os seus negócios privados e deixa os negócios da *polis* em segundo lugar, ele é um idiota para os gregos, então era essa a maneira grega de dizer: saia da bolha, não seja um idiota, participe da vida coletiva, participe do elemento comum. (MEDEIROS, 2015).

Nesse mesmo sentido aponta a análise realizada pela arquiteta Raquel Rolnik sobre a relação entre ocupação dos espaços públicos e participação política:

Mas hoje o tema da ocupação – no sentido de controle do espaço, mesmo que por um certo período, e, a partir daí a ação direta na gestão de seus fluxos – tem forte ressonância no sentimento, que parece generalizado, de alheamento em relação aos processos decisórios na política e da falta de expressão pública de parte significativa da população. Ocupando as ruas, reorganizando os espaços e reapropriando suas formas [...] aqueles que são alijados do poder de decisão sobre seu destino tomam esse destino com seu próprio corpo, por meio da ação direta. (ROLNIK, 2013, p. 10).

As Vagas Vivas pensadas como uma forma de “ocupação” pretendem fazer uma crítica a certos modelos correntes no planejamento urbano, em especial no que diz respeito à criação de espaços públicos esvaziados que funcionam como lugar de passagem e não de convívio. A proposta das Vagas Vivas se insere, portanto, num movimento de oposição à concepção modernista de cidade, racionalista e

---

<sup>93</sup> Entrevista concedida pelo cientista política MEDEIROS, Pedro. [28 abr. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015.

funcionalista, que considera o centro das cidades como lugar de passagem e não de permanência.

A ideia de que o espaço público seja um espaço público esvaziado das pessoas... para o modernismo isso [a concentração de pessoas] é [considerada] um caos, eles tentam que o espaço público seja um espaço de passagem, de movimento, não de convívio. (MEDEIROS, 2015).

Nesse sentido, estariam se multiplicando os não-lugares, espaços onde não há convívio, sociabilidade de tipo face-a-face. De acordo com o antropólogo francês Marc Auge:

Os não-lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde estão estacionados os refugiados do planeta. (AUGE, 2003, p. 36).

Esse conceito foi construído em oposição à noção sociológica de lugar, trazida por Marcel Mauss, que se refere à uma cultura localizada no tempo e no espaço, produtora, portanto, de laços identitários, relacionais e históricos.

Vê-se bem que por “não-lugar” designamos duas realidades complementares, porém, distintas: espaços construídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços [...] assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não-lugares criam tensão solitária. (AUGE, 2003, p. 87).

Segundo o autor “o espaço do não-lugar não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude” (AUGE, 2003, p. 95). Locais de estacionamento de carros são considerados, nesse sentido, um não-lugar. Ao instalar-se neste uma vaga viva as relações sociais, ainda que momentâneas, o transformam em um “lugar”.

A oposição entre lugar e espaço proposta pelo historiador francês Michel de Certeau pode ajudar a qualificar melhor essa experiência de ocupação do espaço público com fins de produção de relações de sociabilidade. Conforme De Certeau, o espaço é um “lugar praticado”, ou seja, ele se constitui a partir das práticas sociais (AUGE, 2003). O espaço se concretiza quando é vivenciado, ou seja, um lugar só se torna espaço quando é ocupado.

A cidade é um organismo que é construído a partir da prática, ou seja, uma cidade não é uma cidade *a priori*, mas, sim, a partir da ação, das relações construídas

pelos indivíduos. Nesse sentido, as Vagas Vivas, assim como diversas ações propostas pelos cicloativistas na cidade de Curitiba, são lugares praticados que visam propor novas experiências de ação social e política no espaço público.

O evento Bike Dia foi finalizado com um bate-papo com Goura Nataraj sobre o projeto do "Centro Acalmado", ou "Zona 30", desenvolvida por ele dentro da Administração Municipal. A prática já existente em países da Europa consiste na redução da velocidade máxima de tráfego permitida no centro da cidade para o limite de 30 km/h<sup>94</sup> com o objetivo de transformar a área central da cidade – "bastante insegura, hostil ao pedestre" – numa área mais tranquila e segura.

Nas palavras deste cicloativista, a realização de Vagas Vivas, a instalação de novos paraciclos (realizadas com mais intensidade desde a sua entrada na SETRAN) e o questionamento sobre a velocidade máxima permitida aos carros no centro da cidade seriam "provocações", uma forma de "crítica proativa". Goura propôs ao grupo a realização de mais Vagas Vivas antes das comemorações do Dia Mundial Sem Carro, no mês de setembro, com o objetivo de estimular e promover a instalação da primeira Vaga Viva permanente da cidade e também para estimular discussões sobre a zona 30 na cidade. A ideia inicial seria realizar uma vaga viva por mês até o mês de setembro.

#### 2.2.4 Repercussão

Os eventos acima descritos obtiveram repercussão na cidade. Após a realização da Semana do 322, algumas pessoas começaram a se interessar pela realização de Vagas Vivas. A coordenadora da Ciclolguaçu, Yasmin Reck, foi procurada por proprietários de estabelecimentos comerciais e organizadores de eventos que demonstraram interesse em realizar uma ação da Vaga Viva.

Toda vez que você faz uma Vaga Viva as pessoas que participam querem mais... Sempre aparece gente: "eu quero, eu quero, faz uma assim, não sei aonde". Aquilo que eu te falei, a ideia é faça você mesmo cara, a ideia é só ocupar uma vaga, faz aí... (RECK, 2015b).

---

<sup>94</sup> No final de 2015, a proposta viria a ser implementada na cidade e a velocidade máxima permitida passou a ser de 40 km/h em parte do centro.

A primeira dessas iniciativas foi realizada pela produtora cultural Caroline Bond, que estava organizando um evento no Bar 351 (localizado no bairro São Francisco) cujo intuito era a promoção ações de uma rede colaborativa. Ela procurava saber como fazer uma Vaga Viva, pois tinha interesse em organizar uma em frente ao local durante a realização do evento.

Inicialmente a ideia da produtora era que o “grupo” da Vaga Viva a ajudasse a organizar uma ação durante o seu evento. Contudo, informamos que poderíamos apenas ajudá-la com informações e ideias já que a intenção não era reproduzir Vagas Vivas, mas estimular as pessoas para que elas mesmas organizassem e criassem as suas próprias ações. Apesar do interesse manifesto, essa produtora cultural acabou não realizando a Vaga Viva, segundo ela por “falta de pessoal”.

FIGURA 33 - DIVULGAÇÃO VAGA VIVA 351



FONTE: Caroline Bond (Imagem)

Outra produtora cultural que se interessou em realizar uma Vaga Viva foi Leticia Martins, participante da organização da II Semana de Economia Criativa, realizada entre 11 e 17 de maio de 2015. Letícia entrou em contato comigo a fim de saber como poderia realizar uma Vaga Viva durante o evento. Apesar de não contar com a participação dos ativistas o grupo conseguiu se organizar e montar uma Vaga Viva com um mobiliário urbano fabricado a partir de *pallets*.

FIGURA 34 - VAGA VIVA SEMANA DE ECONOMIA COLABORATIVA



FONTE: Colaboratiba (Imagem).

Ao ser apropriada por outros agentes sociais a Vaga Viva ganha novos significados. De prática de protesto, ela se transformou numa estratégia utilizada para a promoção de eventos, isto é, como chamariz de determinado evento ou empreendimento. Não se trata mais da discussão sobre o uso dos espaços públicos, o foco é outro: interesses comerciais redes de colaboração ou economia criativa.

De maneira geral, as dúvidas mais comuns dos interessados se referiam à forma de se fazer a Vaga Viva e às autorizações necessárias para realizá-la. Em resposta a essa demanda, a Ciclolguaçu elaborou, a pedido da SETRAN, um formulário para o pedido de autorização da Vaga Viva. O aumento do número de interessados incentivou a Ciclolguaçu a intermediar as relações entre o público interessado e a SETRAN, por meio do formulário on-line, encaminhando os pedidos para a Administração Municipal e posteriormente repassando as autorizações para os interessados.

O formulário estabelecia, entre outros, especificações para a montagem da Vaga (comprimento, largura, altura máxima), normas de uso (vedação de publicidade sem autorização prévia, por exemplo) e segurança (sistema refletivo de sinalização, proibição de objetos soltos próximos da via, entre outros) determinadas pela SETRAN.

Quer fazer seu evento Vaga Viva? Precisa da liberação da vaga pela Setran? Preencha o formulário de requerimento da autorização. Normas: O envio deste formulário formaliza o pedido de liberação da Setran para realização de

eventos Vaga Viva em vagas públicas de estacionamento. Tanto a Setran como a Ciclolguaçu não se responsabilizam pelas atividades que aconteceram no evento. A responsabilidade é inteira do responsável denominado neste formulário.<sup>95</sup>

Poucas semanas depois, a SETRAN publicou as instruções e regulamentos para se realizar uma vaga viva.

A Secretária Municipal de Trânsito de Curitiba, no uso de suas atribuições legais previstas na Lei no. 13877/2011 e no Decreto Municipal no. 17/2012, vem através deste regulamentar o procedimento de solicitação de “Vagas Vivas” no Município de Curitiba, conforme segue:

1. Os interessados em implantar o Projeto “Vaga Viva” no Município de Curitiba deverão protocolar requerimento dirigido ao titular da Secretaria Municipal de Trânsito, informando data de realização, endereço, número de vagas pretendidas, nome e meios de contato do responsável pelo evento e breve descrição do evento, conforme termo padrão em anexo.
2. O titular da Pasta analisará a solicitação, em conjunto com a Coordenação de Mobilidade Urbana da SETRAN e decidirá sobre a possibilidade da implantação do projeto;
3. Havendo possibilidade de implantação, o protocolo será encaminhado ao Departamento de Fiscalização para emissão de Ordem de Serviço para acompanhamento de fiscalização de trânsito no evento.

Esse tipo de ação que antes era realizada informalmente, usando o fator surpresa como forma de protesto e de atração do público, sem qualquer tipo de anuência das autoridades, institucionalizou-se: sua realização depende agora de autorização da Administração Municipal e a Ciclolguaçu faz essa intermediação. De prática de protesto, a vaga viva passa a objeto de normatização e controle pelo Poder Público, autorizada pela Secretaria de Trânsito.

A apropriação inesperada do espaço público que caracterizava parte das ações descritas até aqui deixou de existir. O imprevisto, elemento fundamental da ação performática de caráter político e estratégia comum a outras ações, desaparece em favor de um estreitamento de laços com a Administração Municipal mediados pelo cicloativista Goura Nataraj, desde que incorporado aos quadros da prefeitura como funcionário.

Logo depois do evento de março de 2015 a coordenadora da Ciclolguaçu, Yasmin Reck, propôs a criação de um grupo de trabalho para dar continuidade aos projetos da Vaga Viva na cidade. O objetivo seria elaborar um projeto para a captação de recursos junto às empresas locais para a construção de um *parklet* modular. Entre

---

<sup>95</sup> Publicado por Yasmin Reck na página do grupo Vaga Viva Curitiba, em abril de 2015, logo após os eventos da Semana do 322. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10153322040208534&set=g.689360454474742&type=1&theater>>. Acesso em: 5 maio 2015.

os convidados estavam, além de mim e da coordenadora da Ciclolguaçu, os estudantes de arquitetura Miguel Meister Neto (dono do projeto do *Parklet* modular apresentado no evento do Bike Dia) e Luza Basso (ex-praceira), e o designer gráfico Juliano Lamb. Segundo Yasmin, o número reduzido de participantes visava agilizar o andamento dos trabalhos que deveriam ser concluídos até setembro (2015) mês em que é celebrada a mobilidade urbana.

A proposta era utilizar o mobiliário urbano que seria construído para a realização das Vagas Vivas propostas por Goura durante o debate da Semana do 322. O mobiliário ficaria uma semana em cada local e as Vagas Vivas seriam realizadas em pontos estratégicos do centro da cidade (definidos a partir de pesquisas elaboradas pelos arquitetos e urbanistas do grupo), de forma a estimular a criação do primeiro *parklet* permanente da cidade.

Fui convidada a integrar o grupo para ajudar na elaboração do projeto a ser enviado para as empresas e também para elaborar uma pesquisa com os usuários da vaga viva e analisar sua recepção nos diversos locais onde seriam instaladas, mas por falta de organização, o grupo não voltou mais a se encontrar e a ideia não foi levada adiante.

Esse processo de institucionalização e normatização das Vagas Vivas surge no mesmo período do projeto de lei que se discutia a regulamentação das Vagas Vivas (ou *parklets*) na cidade de Curitiba. O projeto foi proposto na Câmara Municipal de Curitiba<sup>96</sup> pelo vereador Bruno Pessuti (PSD) nos seguintes termos:

Art. 1º Para efeito desta lei considera-se "*Parklet*" a extensão temporária do passeio público ou via pública, realizada por meio da implantação de plataforma sobre a área antes ocupada pela área de estacionamento da via pública, bancos, floreiras, mesas e cadeiras, guarda-sóis, aparelhos de exercícios físicos, paraciclos ou outros elementos de mobiliário, com função de recreação, uso coletivo ou de manifestações artísticas.<sup>97</sup>

A ocupação de uma vaga de estacionamento, o que poderia ser considerado ilegal, com a proposta do vereador, passa à legalidade. Contudo, no caso das Vagas Vivas, mesmo antes da proposta de lei, a prática já possui a anuência das instituições

---

<sup>96</sup> Até o final de 2015, o projeto ainda se encontrava em tramitação na Câmara e contava com diversos pareceres favoráveis à sua aprovação.

<sup>97</sup> Projeto de lei número 005.00058.2015. Disponível em:

<<http://www.cmc.pr.gov.br/wspl/system/LogonForm.do>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

públicas. Essa fronteira entre legalidade e ilegalidade é refletida pelos antropólogos Antônio Rafael Barbosa e Brígida Renoldi:

[...] a lei apresenta-se como um instrumento para gerir os ilegalismos, ora transformando-os em ilegalidade, ora, quando deixa de se aplicar mantendo uma tolerância ou criando uma invisibilidade em torno de práticas que formalmente se inscrevem (ou um dia se inscreveram) no campo das ilegalidades. (BARBOSA, RENOLDI, 2014. p. 17).

Dessa forma, pela prática do mesmo ato, em algumas situações os sujeitos podem ser alvo de controle penal e em outras não, pois são os agentes que definirão tais fronteiras e que determinarão a legalidade ou ilegalidade. A lei se modifica (se expande ou se contrai) para dar conta de mudanças na (i) legalidade. Para superar essa dicotomia, os autores recorrem a noção de “ilegalismos”, proposta por Michel Foucault, segundo a qual “a lei não é feita para impedir algum tipo de comportamento (ou para produzi-lo), mas para funcionar como um marcador diferencial entre as diversas maneiras de ‘tornear a lei’” (apud BARBOSA; RENOLDI, 2014, p. 17).

Enquanto em algumas situações os sujeitos são alvos de controle penal, em outros não o são, situação que ela chama de “economia política” dos ilegalismos. No caso da vaga viva, uma prática que em princípio se apresentava como ilegal por obstruir vagas de estacionamento, passa a ser legalmente permitida e incentivada pelo Poder Público a partir da ação dos ativistas.

### 2.3 FESTIVAL DE VAGAS VIVAS

Depois dos eventos de março de 2015, a coordenação do grupo #vagavivacuritiba se descentralizou com a entrada de novas pessoas no grupo, em especial arquitetos, escritórios de arquitetura e estudantes de arquitetura e design. A coordenação das ações que antes era realizada pela Ciclolguaçu passou a ser exercida por outros integrantes. No início de agosto de 2015, o arquiteto Rafael Fusco publicou uma chamada na página do grupo com o convite para uma reunião de organização do 1º Festival de Vagas Vivas de Curitiba que tinha por objetivo montar 21 Vagas Vivas de forma simultânea. Para o arquiteto, um dos organizadores do

Festival, “o uso do espaço público aumenta cada vez mais. Curitiba não saía para a rua, mas isso está mudando. As Vagas Vivas são uma maneira alternativa de lazer”<sup>98</sup>.

Estiveram presentes à reunião de organização do Festival Goura Nataraj (representante da SETRAN), Yasmin Reck (representante da Ciclolguaçu), Karla Keiko (organizadora de outras Vagas Vivas), Gihad Abdalla El Khouri (arquiteto e participante dos debates do Bike Dia), além de diversos outros arquitetos e escritórios de arquitetura.

FIGURA 35 - REUNIÃO DE ORGANIZAÇÃO 1º FESTIVAL DE VAGAS VIVAS



Fonte: M4Mais Arquitetura e Urbanismo (Imagem).

O Festival de Vagas Vivas foi realizado na Avenida Vicente Machado (local onde o arquiteto e empreendedor é proprietário de uma pizzaria) e integrou a programação da Vicentina, um evento cultural realizado naquele local e promovido por comerciantes dali. A Vicentina tem a duração de um final de semana e, durante a sua realização, os comerciantes abrem seus estabelecimentos e ocupam as calçadas com shows musicais, venda de comidas e bebidas, realização de bazares e exposições.

Cada um dos profissionais, escritórios, coletivos ou empresas ligadas à organização do evento (em geral pessoas ligadas às áreas da economia criativa – arquitetura, design, artes, entre outros) ficou responsável pela concepção e criação de uma Vaga Viva. O Festival foi organizado de forma colaborativa e, como cada projeto foi desenvolvido por um grupo de pessoas, cada uma das Vagas Vivas tinha

---

<sup>98</sup> Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/vagas-de-estacionamento-darao-lugar-a-intervencoes-neste-fim-de-semana/37429>>. Acesso em: 29 ago. 2015.

características diferentes: uma era uma minipista de skate, outra tinha um bicicletário acoplado, outra abrigava uma exposição de fotografias, outra era decorada com catracas de ônibus antigas.

O Festival Vaga Viva Curitiba pretende disseminar o pensamento e a cultura da “cidade para pessoas”, demonstrando através de instalações temporárias os benefícios que a adoção da prática pode trazer, principalmente em longo prazo, para o seu entorno imediato e para a cidade.<sup>99</sup>

O Festival contou com o apoio da Prefeitura de Curitiba e da Secretaria Municipal de Trânsito (SETRAN) por meio da liberação das vagas de estacionamento rotativo existentes no local.

Estão sendo realizados alguns eventos de Vagas Vivas na cidade, com apoio da Prefeitura na liberação das vagas de estacionamento. São iniciativas interessantes para a discussão do espaço público e de uma futura regulamentação de *parklets* em Curitiba, informa Jorge Brand, o Goura, assessor da Coordenação de Mobilidade Urbana da Setran<sup>100</sup>.

Esse evento aconteceu na Avenida Vicente Machado, no bairro Batel, bairro nobre da cidade, repleto de bares, boates e butikues de moda. A maior parte do público que compareceu ao evento era composto pelo público usual do local ou da Vicentina, na maior parte jovens de 20 a 30 anos. Quando cheguei ao evento, no final da tarde de sábado, já havia bastante movimento na rua.

As Vagas Vivas ocupavam uma quadra inteira de vagas destinadas aos carros do lado esquerdo da rua, mas do lado direito muitas pessoas se acumulavam na calçada em frente aos bares, como normalmente ocorre aos sábados à tarde. Em um deles, o Pizza – de propriedade do Rafael Fusco, um dos organizadores do evento – alguns DJs discotecavam, o que acabou por transformar o evento numa grande festa.

Mais abaixo, no final da quadra, em frente a uma das butikues de roupa que participava da Vicentina, bandas locais se revezaram ao longo do dia tocando rock, blues e jazz. Das Vagas Vivas era possível assistir aos shows. Caminhei pelas Vagas Vivas passando por cada uma delas. Em algumas eram os próprios idealizadores que estavam lá e alguns me explicaram a concepção dos projetos e a forma como haviam sido construídas, como por exemplo, no caso da Vaga Viva que foi construída com

---

<sup>99</sup> Disponível em: <[facebook.com/groups/vagavivacuritiba](https://facebook.com/groups/vagavivacuritiba)>. Acesso em: 25 ago. 2015.

<sup>100</sup> Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/vagas-de-estacionamento-darao-lugar-a-intervencoes-neste-fim-de-semana/37429>>. Acesso em: 29 ago. 2015.

cordas e colchonetes emprestados de uma escola de escalada, os quais formavam bancos para o público.

Uma das Vagas Vivas construídas era uma instalação artística na qual diversos monóculos foram pendurados em barbantes a partir do teto. Assim quem entrava na vaga poderia apreciar a exposição de fotografias nos monóculos. Mais acima experimentei a Vaga Viva construída com bancos de bambu e conversei com um dos participantes, um frequentador habitual do local e do evento da Vicentina.

FIGURA 36 - 1º FESTIVAL DE VAGAS VIVAS



FONTE: Yasmin Reck.

Quase em frente ao Pizza está a Vaga Viva da Cicolguaçu, em parceria com a empresa Bike Fácil. A vaga foi construída em madeira e possui uma mureta de proteção em toda a extensão que é voltada para a rua, além de dois bancos, floreira e paraciclos para cerca de seis vagas. Ali encontrei os colegas cicloativistas e ex-praceiros Lourenço Duarte e Cristiano Pedro. Conversamos sobre o sucesso do evento e sobre as Vagas Vivas construídas e eles me contaram que aquela Vaga Viva, após o encerramento do Festival, seria instalada na Avenida Cândido de Abreu pelo período de um mês como um teste para avaliar a recepção da população.

Quando fui embora no início da noite o público na rua era ainda maior, as vagas estavam bem cheias e movimentadas, e o clima já era de festa e balada. Os participantes ficavam transitando entre um lado da avenida, onde estavam instaladas as Vagas Vivas, e o outro, onde ficavam os bares e um DJ discotecava.

Em meados de novembro de 2015, foram iniciados os preparativos para a realização do 2º Festival de Vagas Vivas, que aconteceu entre os dias 4 e 6 de dezembro, durante mais uma edição do evento “Vicentina”. Da mesma forma que na edição anterior, quem liderou a organização do evento foi o arquiteto Rafael Fusco que fez a convocação para a participação dos interessados por meio do grupo #vagavivacuritiba no Facebook, juntamente com outros jovens arquitetos da cidade.

FIGURA 37 - DIVULGAÇÃO 2º FESTIVAL VAGA VIVA



FONTE: Vaga Viva Curitiba.

O 2º Festival contou com a realização de conversas sobre a Vaga Viva e ocupação de espaços públicos, participação democrática, acessibilidade urbana, espaços de colaboração em Curitiba, alimentação saudável, agricultura urbana e troca de sementes, *hackers* cívicos, lixo, educação e inovação, além de outras atividades culturais como oficinas artísticas e palco aberto para apresentações.

O evento teve o apoio da Prefeitura de Curitiba, por meio da Secretaria Municipal de Trânsito, e também de organizações não governamentais e empresas privadas da cidade como: Juventude Lixo Zero, iS Arquitetura, Capivara Vegetarian, Pizza, Bike Fácil, Estúdio Ecoa, 2M Bikes & Ciclismo Corporativo, Gabrielle Mahamud Arquitetura, Andressa Cobucci Estúdio, Graziella Chemin, CasaCinco, Studio 802, Minha Curitiba, Sociedade Global e Nex Coworking.

Há cada vez mais um alinhamento de visões sobre a Vaga Viva entre os ativistas, comerciantes e Poder Público, agora parceiros na instalação de Vagas Vivas na cidade. Ao mesmo tempo em que as ações contribuem para a realização de eventos promovidos pelos comerciantes também contribuem para a visibilidade das ações do movimento, diversificando os objetivos das Vagas Vivas.

Em especial no caso dos Festivais acima narrados, na medida em que se transforma de prática política, de demanda, em atividade cultural, a Vaga Viva atinge algumas de suas finalidades sociais como lazer, sociabilidade e convivência social, mas descaracteriza-se o seu caráter de ação de protesto, enfraquecendo em certa medida o caráter político da ação.

#### 2.4 VAGAS VIVAS PERMANENTES OU *PARKLETS*

No final de agosto de 2015, após a realização do 1º Festival de Vagas Vivas, o mobiliário urbano construído pela Cicloguaçu e pela Bike Fácil foi transportado e instalado na Avenida Cândido de Abreu, no mesmo local onde, cerca de um ano antes, havia sido realizada uma ação da Vaga Viva. O protagonismo da Cicloguaçu é ressaltado com o lançamento da primeira Vaga Viva permanente da cidade de Curitiba:

A Cicloguaçu lança sua primeira vaga viva como mobiliário urbano. A ideia é instalar e observar o equipamento durante o mês da bicicleta, com objetivo de fomentar o discurso e avaliar o impacto da intervenção. Acreditamos que o resultado pode ser de grande valia para o estudo e prática da vaga viva tanto para a continuidade dos trabalhos da Cicloguaçu como para o Poder Público, que prevê o lançamento de Decreto que viabilize a implantação de Vagas Vivas no meio urbano.<sup>101</sup>

Instalada na Avenida Cândido de Abreu, em frente à ciclovia, ela ocupou a vaga de um carro e era composta por dois bancos de madeira, proteção, floreiras e paraciclos para seis bicicletas. O objetivo da instalação era fomentar o conceito e a utilização da Vaga Viva como mobiliário urbano na cidade, avaliar a interação das pessoas com o mobiliário urbano (por meio da captação de imagens e registro fotográfico e a aplicação de questionários) e observar o impacto do mobiliário em relação aos pedestres, ciclistas e veículos.

O local para instalação da Vaga Viva, de acordo com os cicloativistas, foi escolhido por diversos motivos: multimodalidade (fluxo constante de pedestres, ciclistas e veículos), ponto de conflito (o espaço foi diagnosticado como um ponto de conflito devido ao fato dos veículos, ao entrarem e saírem da vaga, invadirem a ciclovia e a faixa de pedestres, obstruírem a passagem e dificultarem a visibilidade do

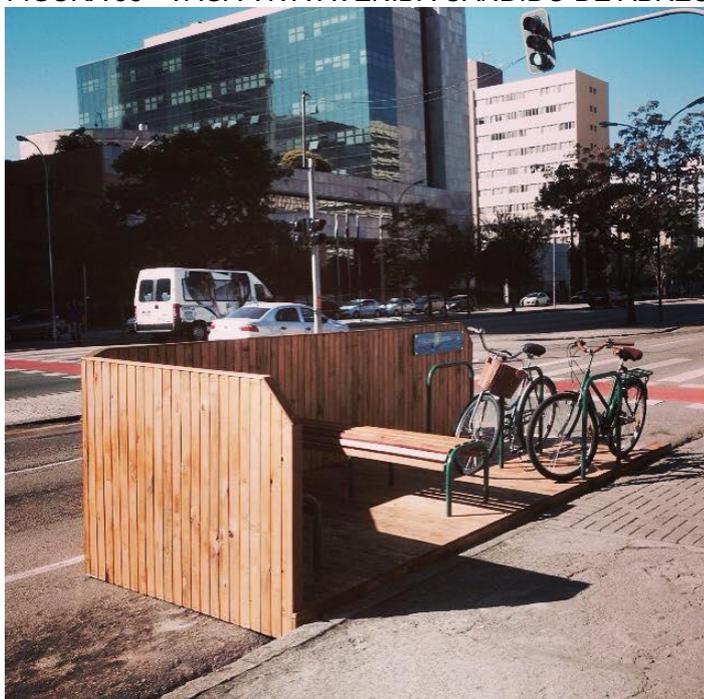
---

<sup>101</sup> Disponível em: <<http://cicloiguacu.org.br/2015/08/acao-no-mes-da-bicicleta-instalacao-da-primeira-vaga-viva-permanente-em-curitiba/>>. Acesso em: 20 out. 2015.

cruzamento), continuidade (a vaga já foi palco de intervenção da Cicloguaçu no ano de 2014 e teve grande aceitação do público e divulgação pela mídia local)<sup>102</sup>.

A escolha dos locais para a realização das ações, também foi orientada pela ideia da “acupuntura urbana”, defendida por alguns dos meus interlocutores, que consiste na identificação de pontos de tensão da cidade e, a partir dela, a promoção de ações pontuais que promovam o “relaxamento” desse grande “corpo” que é a cidade, ou seja, os ativistas acreditam que essas ações podem diluir parte das tensões (trânsito, poluição, violência) da cidade.

FIGURA 38 - VAGA VIVA AVENIDA CÂNDIDO DE ABREU



FONTE: Cicloguaçu.

Para Yasmin Reck, organizadora das Vagas Vivas e proprietária da Bike Fácil, a vaga viva enquanto evento “é uma ação de empoderamento, é você descer do meio fio e (dizer) esse espaço pode ser meu. E quando você pega uma Vaga Viva e instala, é uma imposição física. É uma evolução do pensamento da gestão em relação ao espaço”.

A ação já havia sido incorporada pela Administração Municipal que passava a incentivar o debate sobre o uso do espaço público, agindo cada vez mais como

---

<sup>102</sup> Disponível em: [cicloiguacu.org.br/2015/08/acaonomesdabicicletainstalacaodaprimeiravagavivapermanenteemcuritiba](http://cicloiguacu.org.br/2015/08/acaonomesdabicicletainstalacaodaprimeiravagavivapermanenteemcuritiba). Acesso em: 20 out. 2015.

parceira do movimento ativista local. Nesse sentido, o Prefeito de Curitiba por meio de sua página nas redes sociais comentou a novidade:

Gostaríamos de saber sua opinião sobre este tipo de iniciativa: Quem passar a pé no mês de setembro pela Avenida Cândido de Abreu terá um espaço diferente para descansar e relaxar alguns momentos antes de voltar ao trabalho ou a outra atividade<sup>103</sup>.

No dia 22 de setembro de 2015, em comemoração ao Dia Mundial da Bicicleta, foi programada pelos ativistas uma ação especial para a Vaga Viva, com discotecagem, massagem, venda de comidas e passeio gratuito de Riquixá<sup>104</sup> pelo centro da cidade organizado pelos integrantes da Ciclolguaçu<sup>105</sup>.

Quando cheguei ao local, no meio da tarde, havia umas dez pessoas no entorno. Três rapazes instalavam um som na tenda que havia sido improvisada na frente da Vaga Viva, ao lado do Rio Belém. Ali duas moças vendiam sanduíches naturais e uma terceira vendia sessões de massagem numa cadeira especial (algumas pessoas que não estavam participando do evento, mas que passavam pelo local paravam para fazer a massagem).

Sentei nos bancos da Vaga Viva para observar e comecei a conversar com um dos participantes, um arquiteto que já havia participado de outras ações e que me corrigiu quando em determinado momento da conversa em que falei sobre a ocupação de espaços públicos: “ocupação não, ocupação é feio... é apropriação. A gente vai se apropriar de algo que já é nosso”. Para esse ativista ocupar é tomar algo que não lhe pertence, enquanto apropriar é tomar algo que já é seu.

Quando o cicloativista Cristiano Pedro, recém-eleito coordenador da Ciclolguaçu, chegou com o Riquixá pedi uma carona até o centro da cidade a fim de conhecer a bicicleta adaptada que era novidade para mim. No trajeto até o centro as pessoas nos observavam com risos e curiosidade, assim como recebemos diversas buzinas.

---

<sup>103</sup> Disponível em: <<http://goo.gl/D2GueR>>. Acesso em: 10 set. 2015.

<sup>104</sup> O Riquixá um meio de transporte de tração humana em que uma pessoa puxa uma carroça de duas rodas onde acomodam-se mais uma ou duas pessoas. O vocábulo Riquixá tem origem na Ásia onde eram amplamente utilizados como meios de transporte pela elite. Atualmente, os Riquixás comuns têm sido substituídos pelos ciclo-riquixás, puxados por uma bicicleta. Disponível em: <<http://dicionarioportugues.org/pt/riquixa>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

<sup>105</sup> Os Riquixás existentes na cidade e que são utilizados pela Ciclolguaçu pertencem à empresa Bike Fácil, parceira da associação.

No Paço da Liberdade, prédio histórico localizado na Praça Generoso Marques, acontecia naquele momento um debate sobre saúde e bicicleta, como parte das ações programadas pela Prefeitura Municipal e a Secretaria de Trânsito para o Dia Mundial Sem Carro. Depois do debate ainda parti para outro evento comemorativo do dia, a Marcha das Bicicletas que acontece anualmente reunindo centenas de ciclistas.

Pouco mais de um mês depois do Dia Mundial Sem Carro tive conhecimento do lançamento da segunda Vaga Viva permanente na cidade. Ela foi instalada na rua Riachuelo, em frente ao Paço da Liberdade, e foi projetada pela equipe de professores e alunos da da UTFPR em parceria com a Prefeitura de Curitiba, SETRAN, Escritório Verde e o apoio da iniciativa privada. Novamente, o enfoque dado à ação é o de transformar a vaga de um carro num espaço de convívio, descanso e lazer para os habitantes da cidade.

O pedestre ganhou um espaço especial no coração de Curitiba. Há dez dias foi eliminada uma vaga de estacionamento na Rua Riachuelo, no Centro da cidade, para abrigar um *Parklet* – estrutura propícia para o descanso e convivência, com bancos em forma de escadaria. O projeto, desenvolvido por alunos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) foi batizada de Vaga Viva pela Prefeitura, que pretende regularizar o espaço e implantá-lo em vários pontos da cidade<sup>106</sup>.

Após a Prefeitura Municipal ter “adotado” o projeto das Vagas Vivas, apoiando a sua instalação, passou também a incentivar a sua ampliação para em outros pontos da cidade: “Por enquanto, Curitiba tem a instalação temporária desses espaços, mas a Prefeitura trabalha na regulamentação para possibilitar sua implementação permanente em toda a cidade”<sup>107</sup>.

Há que se diferenciar a linguagem de protesto implicada na performance de vaga viva, caracterizada por Giovanni (2015), e o projeto de se instituir *parklets*, com o apoio do Poder Público, no intuito de estimular sociabilidade no espaço público urbano. Apesar da vaga viva ter sido utilizada inicialmente como prática de protesto pelos ativistas, ao longo dos anos com a adesão de novos atores sociais e o estabelecimento de novas parcerias, essa prática adquire novos contornos. Trata-se de dois momentos e dois usos diferentes.

<sup>106</sup> Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/rua-riachuelo-ganha-vaga-para-convivio-de-pedestres-703ruh5kcigppk6nku4fuowtq>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

<sup>107</sup> Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/rua-riachuelo-ganha-espaco-para-lazer-e-convivencia-de-pedestres/38096>>. Acesso em: 06 nov. 2015.

No início de dezembro de 2015, estive na Vaga Viva recém-instalada na rua Riachuelo com o objetivo de observar o movimento no espaço e o seu uso pelo público. Quando cheguei ao local, no final da manhã, cinco moradores de rua ocupavam toda a extensão da vaga. Dois deles estavam deitados, dormindo (um no chão e outro no banco), enquanto os outros três conversavam entre si. Quando passei pelo local algumas horas mais tarde, três deles ainda ocupavam a vaga.

Nos outros dias em que estive na Vaga vi um movimento menor de pessoas: uma senhora com sacolas que interrompia o período de compras para descansar; um senhor que aguardava o filho que estava no dentista localizado no prédio e frente. Nenhum deles sabia mais informações sobre a vaga viva ou sobre o que se tratava. Apesar de recém-inaugurada, a Vaga estava bastante suja, com lixo e algumas pichações.

FIGURA 39 - VAGA VIVA RUA RIACHUELO



FONTE: A autora.

Na Vaga Viva instalada na Avenida Cândido de Abreu há um fluxo mais intenso de pessoas. O uso mais comum é o dos trabalhadores dos prédios ao redor que utilizam o espaço como local de descanso durante os intervalos de trabalho, mas também de pessoas que utilizam os bancos, prédios comerciais e governamentais localizados na região. Nas vezes em que estive na Vaga, vi algumas pessoas utilizando o celular, conversando, fumando ou então utilizando o paraciclo para o estacionamento de bicicletas.

FIGURA 40 - VAGA VIVA AV. CÂNDIDO DE ABREU



FONTE: Arquivo Vaga Viva<sup>108</sup>

De acordo com a ativista Yasmin Reck, que trabalha no prédio em frente à Vaga Viva, há vários tipos de frequentam o espaço e se identificam com ele:

Todo tipo de pessoa senta ali, desde o executivo aqui do prédio, até uma mulher seminua, drogada, sentadinha ali...é um conceito universal. Demorou uns 6 meses para picharem. A pessoa que faz um vandalismo e por que ela não se vê naquilo, ele não vê a alma dele naquilo (RECK, 2016)<sup>109</sup>.

De maneira geral não há uma previsão dos ativistas em relação ao gerenciamento dos espaços por eles criados. Durante o período de trabalho de campo não tive a oportunidade de ver a discussão sobre o tema, sustentando-se apenas a ideia de que estes espaços serviriam, *per si*, como locais de lazer, convivência e sociabilidade na cidade.

Apesar do uso proposto pelos ativistas, ou seja, que as Vagas Vivas funcionassem como pequenos parques, com fins recreativos, para tomar café, levar as crianças, ler e conversar, aqueles que se apropriaram do espaço após a sua inauguração deram a ele novos sentidos. Assim, de “miniparque”, a Vaga Viva

<sup>108</sup> Página criada em março de 2015 e que passou a reunir informações sobre as Vagas Vivas em Curitiba. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Vaga-Viva>>. Acesso em: 1 jun. 2016.

<sup>109</sup> Entrevista concedida pela designer RECK, Yasmin. [2 jun. 2016]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2016.

permanente passa a ser utilizada como fumódromo, sala de espera, espaço de moradia, dormitório.

Ao contrário dos parques de bairros, onde há crianças brincando e sociabilizando de alguma maneira, as Vagas Vivas permanentes instaladas em pontos centrais, de trânsito intenso e forte poluição, podem não propiciar esse tipo específico de sociabilidade idealizado pelos ativistas, mas se abrem a outros usos dados pelos novos frequentadores.

A instalação de uma “sala de estar” ou uma “praia” em meio a carros estacionados em avenidas de intenso tráfego tem função simbólica de ordem política. Contudo, ao se transformar uma prática de intervenção urbana em estrutura permanente, ela muda de função. A diferença de eficácia do uso da linguagem performática com fins políticos e sua instalação posterior como mobiliário urbano sugere uma dupla apropriação.

Em primeiro lugar a instalação do mobiliário urbano não manteve a diversidade de formas de criação das Vagas Vivas como acima sugerido, criando um modelo fechado de mobiliário urbano. O resultado como se vê nas fotos é a instalação de um mobiliário diferente das ambientações “da casa” ou “da sala de estar” acima descritas. A segunda apropriação diz respeito aos usos que foram dados aos *parklets* pela população: em lugar de sociabilidade, o que se observa na maior parte das vezes são práticas individualizadas como fumar, manter contatos pelo celular, dormir.

A sociabilidade ali ocorre de forma diferenciada, por exemplo, quando alguém se comunica pelo celular e está se relacionando com o outro, ainda que esta pessoa não esteja ali fisicamente presente. Esse tipo de sociabilidade, sem a presença física, é uma das novidades da vida contemporânea propiciadas pela tecnologia e privilegiar relações sociais do tipo face-a-face, como diziam os sociólogos da Escola de Chicago, é parte do modelo “comunidade” e não do modelo “sociedade”. Como diz Magnani (1998), não é possível reeditar as cadeiras nas calçadas, mas práticas de sociabilidade podem ser (re) inventadas.

### 3. O MOVIMENTO DO MOVIMENTO

A apreensão do que são e do que significam as ações desses grupos ativistas pesquisados em Curitiba passa necessariamente pela análise de suas práticas e da trajetória do movimento na cidade. A partir das narrativas e dos registros de ações anteriores busquei fazer uma breve análise das origens de algumas de suas experiências, compreendidas no que defini como “movimento do movimento”.

Trata-se de uma trajetória de mais de dez anos, contudo, esse percurso não é linear nem monolítico, já que se trata de um movimento plural e heterogêneo. A etnografia demonstra que os grupos que participaram dessas ações não são homogêneos, nem mesmo internamente, produzindo assim rupturas que determinarão os rumos dessa trajetória.

Via análise retrospectiva, pretendi investigar as modulações do movimento ao longo dos anos, o desenrolar das formas de atuação, suas relações com o Poder Público, o impacto dessas ações, bem como as visões acerca da cidade e do próprio ativismo expressadas por meio de suas práticas e discursos.

#### 3.1 O MOVIMENTO ARTIVISTA

A Praça [de Bolso do Ciclista] surgiu de uma prática... houve nos [anos] 2000 um grupo de artistas aqui de Curitiba chamado Interlux, muitas pessoas aqui já acompanharam, era um grupo de artistas que faziam intervenção urbana, e que essa intervenção, pela seriedade e pela profundidade das propostas foram para o caminho de intervenção urbanística [...] Um dos métodos que a gente tinha para achar os lugares onde intervir, fazer grafites ou ocupar, plantar hortas em terrenos baldios... (DIMAS, 2015a).

O Coletivo Interlux Arte Livre, mencionado anteriormente, funciona como uma espécie de mito de origem para muitos dos ativistas com quem conversei. Considerado o precursor de muitas das práticas que são realizadas até hoje na cidade, o Coletivo foi fonte de inspiração para ações desenvolvidas posteriormente e no âmbito do Interlux surgiram muitos dos ativistas que vieram a se destacar como lideranças na cidade. Recorro, portanto, inicialmente à trajetória desse Coletivo com o objetivo de investigar as origens e inspirações dos grupos ativistas pesquisados e suas relações com as ações que etnografei ao longo dessa pesquisa.

O Coletivo Interlux Arte Livre foi fundado em 2002 pelos artistas visuais Juan Parada e Orlando Musca com a proposta de realizar ações que pudessem agregar

um número variado de colaboradores e participantes numa “Interlux = inter-relação de pessoas”, de acordo com sua própria definição.

No início, o Coletivo tinha como objetivo associar expressões das artes visuais e da música, realizando festas, exposições e intervenções em bares da cidade, como explica Juan Parada:

[...] Aconteciam performances, acontecia toda quinta-feira um projeto de música, de discotecagem...O Orlando discotecava aí convidava outras pessoas que estavam experimentando música, produzindo música...uma coisa bem de vanguarda na época, bem contracultura...daí se somou as artes visuais e a música se fundiram, e isso foi bem característico nesse momento e isso gerou também muita situação de performance, de *happening*, uma coisa de acontecimento e de corpo, das pessoas estarem presentes e aquele momento se tornava um trabalho, uma ação que a gente propunha, uma construção... (PARADA, 2015)<sup>110</sup>.

Ao longo dos anos novos artistas passaram a integrar o Coletivo. A maior parte deles egressos de cursos da Universidade Federal do Paraná – UFPR, ou da Escola de Música e Belas Artes do Paraná – EMBAP, ligados à área de artes visuais e à arte urbana. Entre os principais integrantes do Coletivo estiveram os artistas: Fernando Rosenbaum, Fernando Franciosi, Bruno Machado, Rimon Guimarães, André Mendes, Claudio Dimas Celestino, Tiê Passos, Orlando Muska, Juan Parada e Olho Wodzynski.

Eles atuavam inspirados pelos movimentos de contracultura ocorridos na Europa, como os Situacionistas, a partir da década de 1950, o Provos, nas décadas de 1960 e 1970, e o Fluxus, na década de 1980. Esses movimentos eram vanguardas antiarte que, influenciados pelo marxismo e anarquismo, negavam os conceitos de uma arte eurocentrista. Esses movimentos tinham em comum o fato de serem movimentos políticos de cunho libertário e anarquista que utilizavam performances e intervenções no espaço urbano com o objetivo de dirigir as criações artísticas à realidade urbana.

A Internacional Situacionista era composta por um grupo de artistas, pensadores e ativistas que lutavam contra a “sociedade do espetáculo”<sup>111</sup>, ou seja, contra a não-participação, alienação e passividade da sociedade. O pensamento situacionista estava baseado na ideia de construção de situações pelos indivíduos, de

<sup>110</sup> Entrevista concedida pelo artista visual PARADA, Juan. [mar. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba 2015.

<sup>111</sup> *A Sociedade do Espetáculo* é também o nome do livro publicado pelo escritor francês Guy Debord, um dos maiores pensadores situacionistas, em 1967.

novos meios de apropriação da cidade, resultando na conformação do território através da participação ativa dos seus habitantes. Daí o interesse desse movimento pelas questões urbanas, já que o meio urbano é considerado como terreno de ação para a produção de novas formas de intervenção (JACQUES, 2003, p. 13).

O manifesto da Internacional Situacionista publicado na década de 60 trazia em seu bojo a busca pela redefinição do papel da arte no século XX, abolindo a noção de arte como uma atividade especializada e separada da vida cotidiana. Para os situacionistas, a arte deveria promover a transformação do meio urbano:

O papel de situacionista, de leigo-profissional, de anti-especialista, é, no entanto, uma especialização até o momento de abundância econômica e mental em que todo o mundo chegará a ser "artista", num sentido que os artistas não alcançaram: a construção de sua própria vida (DEBORD, 1960)<sup>112</sup>.

A ideia dos situacionistas não era a construção de cidades ideais, mas a utilização de ferramentas da arquitetura e do urbanismo, por exemplo, como instrumentos de transformação do cotidiano:

Os situacionistas perceberam então que não seria possível propor uma forma de cidade pré-definida, pois, segundo suas próprias ideias, esta forma dependia da vontade de cada um e de todos, e esta não poderia ser ditada por um planejador. Qualquer construção dependeria da participação ativa dos cidadãos [...] Quando os habitantes passassem de simples espectadores a construtores transformadores e "vivenciadores" de seus próprios espaços, isso sim impediria qualquer tipo de espetacularização urbana (JACQUES, 2003, p. 19).

Das pesquisas realizadas dentro do movimento envolvendo arte e urbanismo, surgiram as noções de *psicogeografia* e *deriva*, que seriam utilizadas como ferramenta de ação pelo Interlux. A *psicogeografia* é um método investigativo que explora as descobertas, encontros e reações produzidas pela *deriva*, que é um vagar sem rumo pela cidade, com a possibilidade de realização de performances em lugares públicos. "Derivar" é a técnica, ou experiência, de passagem rápida por ambientes variados e não deve ser considerada uma atividade propriamente artística, mas sim uma técnica urbana para tentar desenvolver a ideia de construção de situações através da psicogeografia (JACQUES, 2003, p. 22).

---

<sup>112</sup> Disponível em: <<http://guy-debord.blogspot.com.br/2009/06/manifesto-internacional-situacionista.html>>. Acesso em: 6 jul. 2015.

Os participantes da Internacional Situacionista tornam-se grandes críticos do urbanismo e do planejamento urbano, entendendo a deriva como um modo de subversão do urbanismo, assim como das formas de sociabilidade e das paisagens configuradas por ele (JACQUES, 2003, p. 11).

A partir de 2005, inspirados por essas ideias e incentivados pelo boom da arte urbana que acontecia no mundo desde o início dos anos 2000, os artistas do Coletivo passaram a focar as suas atividades em ações de intervenção urbana como a colagem de lambes, grafite, fotografia, performances nas ruas e ocupações de espaços ociosos da cidade (algumas das quais citaremos mais detalhadamente a seguir) com o objetivo de provocar a reflexão sobre a vida na cidade e questões como trânsito, mobilidade, ecologia e sociabilidade no espaço público:

Os artistas do Interlux vêm, há alguns anos, intervindo no espaço urbano, com proposições artísticas e vivenciais que visam provocar a reflexão e a sensibilização dos habitantes sobre a maneira como estão vivendo na cidade, como estão se relacionando com os outros e com a natureza. (BLOOMFIELD, 2012, p. 192).

A entrada de Goura Nataraj no Coletivo intensifica essas práticas que, a partir de sua experiência em outras cidades do mundo, introduz novas pautas de discussão como a reflexão sobre o uso da bicicleta, mobilidade urbana e ecologia.

A partir de então, Goura tornou-se uma das figuras centrais do ativismo de Curitiba e sua trajetória individual está intrinsecamente conectada à trajetória do movimento. Além de liderança do Coletivo Interlux, ele foi um dos fundadores da Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu (Ciclologia) e da Praça de Bolso do Ciclista.

Ele relata que, quando adolescente, era skatista e frequentava a cena punk e hardcore, o que, nas suas palavras, “trazia alguns questionamentos e isso acabou definindo alguns rumos, algumas escolhas”. Suas “incursões” de skate e de bicicleta com os amigos pelos bairros da cidade teriam proporcionado conhecimento e relação mais íntima com espaços públicos urbanos. Formado em filosofia pela Universidade do Paraná Federal, ao terminar o curso ele fez algumas viagens à Índia e também à Europa, onde teve a oportunidade de visitar as cidades de Amsterdã e Paris, mundialmente conhecidas pelo estímulo ao uso das bicicletas como meio de transporte. Quando retornou à Curitiba, reencontrou alguns dos amigos de infância e muitos deles haviam se tornado artistas e estavam realizando ações com o Coletivo Interlux Arte Livre, propondo intervenções artísticas pela cidade.

Com a entrada de Goura, a partir de 2005, o Coletivo Interlux começou a realizar ações de ocupação de espaços públicos com o objetivo de refletir sobre a mobilidade urbana e a sociabilidade nas cidades, conforme descreve a pesquisadora e geógrafa Tânia Bloomfield em sua pesquisa sobre coletivos artísticos atuantes em Curitiba:

As manifestações do grupo foram sendo aglutinadas em torno de uma série de “programas”, que deram uma orientação mais definida e coesa, em torno do principal conteúdo programático do coletivo: a preocupação com o viver e o habitar urbanos, destacadamente, aquilo que se refere à mobilidade dos habitantes das grandes cidades [...] Essa conjunção de saberes e práticas possibilitou uma orientação às reflexões e questionamentos do grupo, sobre o espaço público, e sobre as formas de sociabilidades que existem ou deixaram de existir na metrópole. (BLOOMFIELD, 2012, p. 196).

Descrevo a seguir algumas dessas ações para mostrar um pouco do que foi essa trajetória no Coletivo Interlux, considerado como um dos antecedentes do movimento ativista local. Ainda que a atividade do Interlux tenha sido muito mais ampla, me limitarei aqui às ações mais significativas que mostram, do meu ponto de vista, as concepções dos artistas sobre a cidade e os debates gerados pelas proposições deles<sup>113</sup>.

Uma das primeiras ações do Coletivo foi a ocupação de um posto de gasolina abandonado localizado na Rua Tapajós, em 2005. O “Domingo na urbe – a conquista do espaço” contou com a realização de performances e intervenções urbanas e tinha como objetivo propor um “diálogo entre arte, cidade e política”. Em uma das “incursões” do grupo pela cidade eles encontraram um posto de gasolina abandonado localizado no bairro Mercês, próximo ao centro da cidade. Percebendo as possibilidades do espaço para fins culturais, os integrantes do Interlux ocuparam o local por cerca de um mês, realizando mutirões de limpeza, pintura dos muros e atividades culturais como shows musicais, performances, grafites, entre outros.

A ocupação culminou em uma festa que contou com performances de artistas locais, apresentação de bandas e cerca de duzentos participantes, a maior parte jovens, artistas, moradores de bairros próximos ao centro. Para os organizadores da ação, “o que parecia ser mais uma proposta de entretenimento, se revelou um momento de discussão e reflexão sob vários aspectos”<sup>114</sup> sobre a ocupação do espaço e da cidade.

---

<sup>113</sup> Para maiores detalhes sobre as práticas do Coletivo Interlux ver: BLOOMFIELD, 2012.

<sup>114</sup> Disponível em: <<https://interlux.wordpress.com/tag/domingo-na-urbe/>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

FIGURA 41 - DOMINGO NA URBE



FONTE: Arquivo Coletivo Interlux.

Outro marco na trajetória do Coletivo Interlux foi a organização das primeiras Bicletadas na cidade. A primeira Bicletada de Curitiba (e uma das primeiras do Brasil) foi realizada em 2005, inspirada pelas *Critical Mass*, o movimento de cicloativistas nascido em São Francisco e na China no final dos anos 90/ início dos anos 2000 e que consistia em um grupo formado por muitas pessoas pedalando juntas criando assim uma “massa crítica”. De acordo com Dimas, a ideia foi reproduzir na cidade a ação que já acontecia em outras partes do mundo, diante da constatação de que Curitiba possuía o maior número de carros *per capita* do Brasil:

Vamos fazer isso que tem na China, que tem em Los Angeles, e tem em vários lugares do mundo? Vamos fazer em Curitiba, em “carrotiba”, uma cidade “carrológica”. É a cidade que mais tem carros no Brasil, em média, *per capita*. (DIMAS, 2015c).<sup>115</sup>

As Bicletadas consistem na realização de um trajeto aleatório por um grupo de ciclistas pela região central da cidade com o objetivo de provocar reflexões sobre mobilidade urbana. Para os artistas, “a Bicletada utilizada como estratégia de intervenção urbana servia como um meio de conquista da cidade, e, também, como plataforma política, estética e ambiental” a partir da qual seriam realizadas discussões políticas, estéticas e ambientais.

<sup>115</sup> Entrevista concedida pelo artista visual DIMAS, Claudio Celestino. [24 mar. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015c.

Para Bloomfield, as Bicletadas, assim como outras ações semelhantes promovidas pelo Interlux, funcionariam como “zonas de interferências” que espalhariam as “marcas” do movimento pela cidade:

Os artistas do Interlux e dezenas de participantes do movimento *Bicicletada Curitiba* reivindicam, para a cidade, espaços em que os pedestres e modalidades de veículos menos poluentes, como as bicicletas, sejam entendidos como prioridade da municipalidade. Ao estabelecerem essa reivindicação, reiteradamente, eles criam situações tais, que é impossível não perceber suas zonas de interferências. Assim, em seus trajetos, geram marcas que são espalhadas pela cidade. Arte e ativismo imbricam-se e se transformam em uma única e só coisa, para o Interlux. Com esse intuito, utilizam-se da mistura de diferentes linguagens, materiais, instrumentos e situações. (BLOOMFIELD, 2012, p. 202).

Nos primeiros anos, as Bicletadas aconteciam mensalmente aos sábados pela manhã e percorriam um trajeto pelo centro que normalmente começava no prédio da Reitoria da UFPR e terminava no centro cívico. A adesão de novos integrantes ao movimento da Bicletada fez com que os integrantes do Coletivo Interlux deixassem a tarefa de organização dessas ações que passaram a ser organizadas por pessoas outras sem necessariamente ligação com o Coletivo.

FIGURA 42 - BICICLETADA



FONTE: Hugo Harada.

Nos últimos anos, as Bicletadas, ou Marchas, como também são chamadas, passaram a ser realizadas especialmente durante o Dia Mundial Sem Carro, no dia 22 de setembro. As marchas são convocadas por meio das redes sociais e quem normalmente centraliza a divulgação do evento é a Bicletaria Cultural, empresa de

propriedade de Fernando Rosenbaum, enquanto o material gráfico é elaborado por Tiê Passos, ambos ex-integrantes do Coletivo Interlux.

As Marchas possuem um público bastante diversificado, composto em sua maioria por jovens de 20 a 30 anos de idade, mas também abriga famílias e crianças. Participam desse evento tanto ciclistas de passeio (com bicicletas de passeio, trajando roupas normais, muitas vezes sem capacete) como ciclistas esportivos (com bicicletas mais esportivas, equipadas e com roupas especiais para ciclismo). Algumas vezes, contam com um carro acompanhando o grupo e que funciona como “batedor”, mas nos cruzamentos são os próprios ciclistas que organizam a Marcha interrompendo o tráfego temporariamente para a passagem dos ciclistas. Isso nem sempre ocorre de forma pacífica: em várias ocasiões houve/há conflitos com os motoristas que buzina ou tentam furar o bloqueio dos ciclistas.

Em 2007, uma das ações do Coletivo que obteve bastante repercussão e chamou a atenção das autoridades foi a pintura da “Ciclofaixa Pirata” realizada na Rua Augusto Stresser onde, na época, era localizado o ateliê do Coletivo. O objetivo da ação, realizada durante o Dia Mundial Sem Carro, era chamar a atenção do Poder Público para a necessidade de mais espaços para as bicicletas e construção de faixas exclusivas para bicicletas nas ruas da cidade. A ação consistiu no fechamento de uma quadra da rua por algumas horas para a pintura de uma ciclofaixa pelos próprios cicloativistas.

Por causa da pintura, alguns moradores da vizinhança acionaram a Guarda Municipal que efetuou a prisão de Goura, Juan Parada e Fernando Rosenbaum. Os ativistas, além de presos, foram autuados e condenados ao pagamento de multa por crime de pichação e crime ambiental de acordo com lei municipal. Essa sucessão de ações obteve repercussão na mídia local:

A intervenção urbana promovida pelos integrantes da Bicletada de Curitiba teve como objetivo chamar a atenção do Poder Público para a necessidade de implantação de políticas de mobilidade focadas no uso da bicicleta na cidade. Segundo os cicloativistas que participaram da ação, o ato fez apenas o que a própria Prefeitura devia ter feito por iniciativa própria para fazer cumprir o Código de Trânsito Brasileiro.<sup>116</sup>

---

<sup>116</sup> Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/ir-e-vir-de-bike/justica-anula-multa-por-crime-ambiental-aos-ciclistas-que-pintaram-ciclofaixa-autonoma/>>. Acesso em: 5 out. 2015.

Apesar da remoção da ciclofaixa, da ação judicial decorrente e da penalização dos integrantes, as ações do Coletivo se tornaram cada vez mais frequentes.

FIGURA 43 - CICLOFAIXA APAGADA



FONTE: Rodolfo Buhner.

Motivado pela repercussão da ação, o Coletivo solicitou uma audiência que foi realizada com a presença do Prefeito, do Procurador Geral do Município, membros do IPPUC e advogados, com o objetivo de solicitar a anistia da multa já que, segundo o Interlux, a pintura da ciclofaixa não se tratava de um ato de vandalismo ou pichação, mas sim de uma ação política e simbólica.

A dimensão política das ações do Coletivo começou a ganhar contornos mais claros a partir desse episódio. O enfrentamento com o Poder Público e a repercussão do ato fizeram com que os ativistas comessem a adotar um novo discurso:

Por que a gente não era pichador, a gente estava lidando com questões maiores, tanto que a gente chegou a sentar com o Prefeito, então eles já sabiam com quem eles estavam lidando, que não era uma galerinha que estava pichando tag, a gente estava lidando com questões que geravam mídia, que atingiam outras esferas, que discutiam política. (PARADA, 2015).

Retomo as indagações dos autores Barbosa e Renoldi sobre as fronteiras entre o “legal” e o “ilegal” e sobre as práticas e valores compartilhados pelos agentes que redefinem essas fronteiras (2003). Nesse sentido, apesar de os integrantes do Coletivo atuarem “fora da lei” eles reivindicam uma posição social que, na sua visão, os exclui da ilegalidade. De acordo com os autores acima, trata-se de “fazer da lei um

instrumento que pode ser acionado ou não, dependendo do momento ou da distribuição das forças em jogo” (2003, p. 16).

A repercussão dessas ações levou o Coletivo a ser convidado com maior frequência para atuar no campo das artes visuais por meio de exposições em espaços de arte e galerias da cidade. Em 2007, os artistas do Interlux foram convidados a participar da Bienal de Curitiba e montaram sua primeira exposição coletiva no Museu de Arte Contemporânea do Paraná.

FIGURA 44 - INSTALAÇÃO MULTIMÍDIA MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA



FONTE: Arquivo Coletivo Interlux.

Em 2009, o Coletivo foi novamente convidado a participar da Bienal, na qual apresentou o projeto “Grade sobre grade” que consistia em uma instalação *indoor*, dentro no espaço do Memorial de Curitiba, e outra *outdoor*, em frente ao Passeio Público. Simultaneamente o Coletivo realizou uma ação independente, não-institucional, chamada “Bolas vermelhas” e apelidada pelo público como “Sarampo social”. Durante essa ação, que segue os princípios da *psicogeografia* e da *deriva*, foram coladas bolas vermelhas pelo centro da cidade e bairros vizinhos com o objetivo de “identificar pontos de tensão” da cidade como cruzamentos movimentados, lugares sujos, barulhentos, locais de pouso para moradores de rua ou outros locais importantes para a cidade, como universidades, espaços culturais, etc. Os integrantes dividiram-se em grupos e, após uma noite executando a ação, a cidade acordou

repleta de bolas vermelhas, o que gerou grande repercussão nas redes sociais e na mídia, além de questionamentos sobre sua autoria e significado.

FIGURA 45 - GRADE SOBRE GRADE



FONTE: Arquivo Coletivo Interlux.

FIGURA 46 - BOLAS VERMELHAS



FONTE: Arquivo Coletivo Interlux.

Posteriormente o grupo também foi convidado para expor no Museu Oscar Niemayer, um dos principais espaços expositivos da cidade, na Mostra de arte contemporânea paranaense “O estado da arte”. Na ocasião, apresentaram registros de trabalhos realizados anteriormente pelo grupo e o jogo “Mercadão da arte”, um *detournement* criado a partir de um jogo de tabuleiro: “um *detournement* é essa reconfiguração: se apropriar de algo que já existia, reconfigurar, mudar as informações e dar outro sentido” (PARADA, 2015). O jogo tinha como objetivo satirizar e questionar os espaços e o mundo da arte em relação a fatores que os afetam enquanto artistas: as galerias e espaços expositivos, os editais, as curadorias, entre outros.

Ao mesmo tempo em que o Coletivo tinha como princípio utilizar as performances e intervenções no espaço urbano com o objetivo de dirigir suas criações artísticas à realidade urbana, também mantinha parte de suas atividades voltadas aos espaços institucionais de arte.

Outras ações do grupo, sem caráter artístico, foram inauguradas por Goura, sendo praticadas pelo Coletivo Interlux em diferentes espaços da cidade e de diferentes formas. A primeira delas foi a Jardinagem Libertária, inspirada pela chamada “*Guerrilha gardening*” que já acontecia em outras cidades do mundo e que consistia no plantio de mudas de árvores em pontos espalhados pela cidade. Quem participava dessas ações pegava mudas de plantas (adquiridas por meio de doações, cultivo ou coletadas na rua) e saía pela cidade em busca de um local para o plantio, com o objetivo de promover intervenção botânica na cidade. De acordo com a definição do Coletivo:

Apropriação do espaço, reflorestamento urbano, intervenção botânica, crítica do asfalto, soberania alimentar, psicogeografia, poesia, reconexão com a natureza íntima das coisas. A jardinagem é mais um conceito do que um movimento. É libertária porque parte do ato de autorizar-se, de sentir-se parte de um mundo criado por nós. É também a crítica do urbanismo seco e concreto, que não prevê o bem-estar das pessoas, dos animais e das plantas que coexistem no ambiente urbano. A Jardinagem instiga a autonomia e a cidade como espaço convivial.<sup>117</sup>

A ação da Jardinagem Libertária tinha efeito simbólico para os artistas. O objetivo era servir como exemplo para que os moradores da cidade tomassem responsabilidade pelo espaço urbano, assumindo a iniciativa de se apropriar da cidade aos moldes do “*do it yourself*”. Esse tipo de ação consiste numa forma de

<sup>117</sup> Disponível em: < <https://interlux.wordpress.com/2010/07/27/jardinagem-libertaria/>>. Acesso em: 5 maio 2015.

ocupação do espaço público urbano por meio da participação direta da população, contrapondo-se à atitude usual de espera ação do Estado e suas instituições.

FIGURA 47 - JARDINAGEM LIBERTÁRIA



FONTE: Arquivo Coletivo Interlux.

Como desdobramento dessas ideias e práticas, a criação de “Praças Piratas” consistia na apropriação de terrenos abandonados próximos ao centro da cidade e a sua transformação, mesmo que temporária, em espaços de convivência. Os integrantes do Interlux promoviam a limpeza desses espaços, pintavam paredes, reorganizavam-no, promoviam shows musicais, exposição de arte e ali permaneciam por determinado período de tempo (que poderia ser desde algumas horas até alguns dias ou semanas).

Uma das primeiras Praças Piratas aconteceu num terreno baldio próximo ao ateliê do Coletivo, no bairro Alto da Glória, escolhido justamente por estar nas imediações do ateliê e que reuniu cerca de 50 pessoas. O objetivo dessas ações eram, segundo o Coletivo, a “revitalização da experiência cotidiana”:

Ocupação de espaços ociosos tendo em vista uma revitalização da experiência cotidiana, partindo de dinâmicas já utilizadas em outras ações: observação afetiva e minuciosa da rua e visualidade em geral, Psicogeografia, conquista do espaço, inserção de estímulos criativos, elogio da bicicleta, jardinagem, convivência, música e arte.<sup>118</sup>

<sup>118</sup> Disponível em: <interlux.wordpress.com/2010/07/27/acoes-no-bairro-alto-da-gloria-curitiba>. Acesso em: 10 ago. 2015.

FIGURA 48 - PRAÇA PIRATA



FONTE: Arquivo Coletivo Interlux.

A “pirataria” surge como uma categoria nativa (que vai aparecer em outros momentos da trajetória do Coletivo, como no caso da ciclofaixa pirata e do candidato pirata descrito a seguir) e revela a falta de preocupação com a legalidade, ou até mesmo, a ideia de subversão da legalidade. É o caso das Praças Piratas produzidas e caracterizadas como contravenções, desafiando criticamente políticas públicas.

De forma semelhante, durante a realização do projeto “Música para Sair da Bolha”, o Coletivo realizou performances artísticas enquanto músicos locais tocavam em cruzamentos próximos ao centro da cidade, em pleno horário de *rush*, convidando motoristas a deixarem suas “bolhas”. Para os idealizadores da ação, o carro funcionaria como uma “bolha” que impediria o contato do motorista com o espaço externo, com a cidade e as pessoas, impedindo assim o convívio social. Por oposição, a rua seria esse espaço em que o convívio entre as pessoas poderia acontecer.

Bloomfield observa a importância da temática da sociabilidade no espaço público para o Coletivo:

O intuito dos artistas não é provocar o confronto, a beligerância, mas retomar a vocação do espaço público que é a do encontro, promovendo o resgate das formas históricas de sociabilidade que estão sendo perdidas, e mostrando aos habitantes que há outras maneiras de usar a cidade, que não aquelas determinadas pelos automatismos e imposições do mercado e da hierarquia urbanística. (BLOOMFIELD, 2012, p. 214).

Em 2010, o Coletivo adotou um novo tipo de estratégia de ação por meio do que foi chamado Pacto de Sangue. Os ativistas chamaram os candidatos às eleições federais, para assinatura de uma declaração de compromisso “sanguínea” que estabelecia a responsabilidade e o compromisso ético dos políticos:

Caros candidatos, [...] estão todos vós convidados a afirmarem vossas piedosas intenções através de um gesto simbólico: um pacto de sangue com o momento presente e tudo o que nele está inserido. Sangue porque as palavras não pertencem a ninguém, os nomes são transitórios, os cargos impermanentes. Todos os que desejam ser presidente, governadores, senadores, deputados, vices e suplentes, podem firmar este nobre compromisso nos dias 02 e 03 de setembro no Bicicletário Livre do Centro Cívico, de Curitiba onde muitos de vocês desejam trabalhar (?) no ano que vem. Não tenham medo! [...] Declaração sanguínea de compromisso com a verdade, a transparência, os bons modos, a ousadia do pensamento, a pátria livre, a pureza dos reservatórios aquíferos, a profundidade das matas nativas, a preservação dos recursos presentes para as gerações futuras, a expansão da cultura, da filosofia e da arte<sup>119</sup>.

Apesar dos termos deste pacto pouco se alinharem às plataformas políticas “tradicionais”, e de ter sido feito de uma forma quase jocosa, essa ação representa uma aproximação dos ativistas em relação ao pleito eleitoral e à discussão político-partidária. Pela primeira vez, os ativistas se posicionaram politicamente de forma institucional, cobrando o compromisso dos políticos em relação a temas caros ao grupo, por entenderem a importância e influência da atuação dos políticos nas áreas que militam.

Apesar da ação direta ser a via de atuação escolhida e propagada pelo grupo, ele não deixa de dialogar e reconhecer a importância da política representativa, processo que será cada vez mais evidente na trajetória do grupo.

No mesmo período (2010) o Coletivo Interlux realizou a intervenção do *Fuck Andor*<sup>120</sup>. Nesta ação, os seus integrantes carregaram a carcaça de um fusca pelas ruas da cidade numa espécie de “procissão”, do bairro Juvevê até a sede do Governo Estadual, no Centro Cívico, onde o fusca foi deixado. Apesar de sua ilegalidade a ação não foi impedida pelas autoridades e o fusca permaneceu no local por cerca de um mês quando foi então removido.

---

<sup>119</sup> Disponível em: <<https://interlux.wordpress.com/tag/pacto-de-sangue/>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

<sup>120</sup> *Fuck* em referência ao veículo Volkswagen Fusca e *Andor* em referência aos objetos utilizados durante procissões e comemorações religiosas.

FIGURA 49 - FUCK ANDOR



FONTE: Gus Benke.

Apesar da remoção, a intervenção marcou o início da ocupação do local que passou a ser utilizado para a realização de outras intervenções pelo Coletivo como o plantio de árvores por meio da Jardinagem Libertária e também por outras pessoas e grupos que passaram a realizar atividades como shows, performances e eventos culturais. Esse movimento no local fez com que, em 2012, o local fosse oficialmente reconhecido pela Prefeitura Municipal como “Bosque de Sofia” (nome dado pelos integrantes do Coletivo em homenagem a Sofia, filha recém-nascida de Goura Nataraj). O espaço passou a abrigar um bicicletário que, entre outros, oferecia o serviço de locação de bicicletas. A reportagem local registrou assim a oficialização do espaço:

Jardinagem Libertária resulta na oficialização do Bosque de Sofia: No último sábado [18 ago. 2012], foi oficializado o espaço Bosque de Sofia, no Centro Cívico, que nasceu como uma ação de jardinagem libertária às margens do Rio Belém, sendo reconhecido pelo município de Curitiba passando a integrar a área de parques e jardins da cidade.<sup>121</sup>

Como se pode observar, o Coletivo Interlux passou, ao longo de sua trajetória, de uma atividade mais “marginal” a um envolvimento institucional, tanto no que se refere ao trabalho artístico, como no que se refere às suas práticas de intervenção,

<sup>121</sup> Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/ir-e-vir-de-bike/jardinagem-libertaria-resulta-na-oficializacao-do-bosque-de-sofia/>>. Acesso em: 15 set. 2015.

resultando num maior diálogo com o Poder Público Municipal e numa relação mais próxima com a política partidária. Suas pautas antes difusas, voltadas para a experimentação artística, evoluíram para pautas políticas mais definidas, focando questões como mobilidade urbana, uso dos espaços públicos urbanos e qualidade de vida nas cidades.

Sobre esse processo de transformação do movimento e sua aproximação com a política partidária e o Poder Público, um dos integrantes do Coletivo relata a sua surpresa com a rapidez com que, em sua opinião, se deu esse processo:

[...] mil projetos, mil ideias, a cidade em nossas mãos, nós pedalando por aí, cada esquina era uma possibilidade... e quando a gente viu a gente já estava sentado na mesa do Prefeito discutindo espaço público, foi muito rápido. (MENDES, 2015).<sup>122</sup>

No período compreendido entre os anos de 2007 a 2010 os temas da bicicleta e da mobilidade urbana foram aos poucos ganhando visibilidade na cidade e o grupo, em grande medida liderado por Goura, alargou o espaço de diálogo com o Poder Público, apresentando propostas, sugestões e ideias para a ciclomobilidade.

Para Bloomfield, o Coletivo Interlux buscava criar novas espacialidades no espaço público urbano:

O coletivo de artistas visuais Interlux ArteLivre tenta provocar uma mudança de comportamento do habitante acerca do espaço urbano, permeado pelas determinações capitalistas e suas consequências ambientais. A sua prática ultrapassa as questões meramente estéticas do campo das artes visuais e parece buscar a reflexão, a conscientização e, conseqüentemente, a instauração de novas espacialidades no espaço urbano, especialmente, o que diz respeito à mobilidade urbana e à utilização de espaços interditados à esfera pública. (BLOOMFIELD, 2012, p. 247).

De acordo com Bloomfield, o grupo implementava seus objetivos por meio de diferentes frentes e estratégias, lúdicas e políticas, com um objetivo comum: provocar a reflexão dos habitantes da cidade sobre questões urbanísticas, arquitetônicas, econômicas, sociais, políticas e estéticas, estimulando-os a pensar sobre suas possibilidades de ação e reação na cidade. Há uma provocação, no sentido de que os habitantes reflitam sobre as formas de apropriação da cidade, como, por exemplo, os meios de transporte utilizados (por meio das Bicletadas e do Música para Sair da

---

<sup>122</sup> Entrevista concedida pelo artista visual MENDES, André. [30 abr.2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015.

Bolha) e o convívio e uso do espaço público (por meio das Praças Piratas, por exemplo).

O Coletivo buscava, a partir de suas práticas e da discussão sobre mobilidade urbana e usos dos espaços públicos urbanos, a instauração de novas espacialidades. Contudo, a autora ressalta que o espaço público é constituído por conflitos e que nesses embates confrontaram-se com a necessidade de negociar com as instituições que tem por finalidade o ordenamento da cidade. Neste sentido:

O Coletivo Interlux, por exemplo, ao promover e praticar as ações do Jardinagem Libertária tem sido confrontado com os questionamentos sobre a ética envolvida no uso do solo para o cultivo de espécies inadequadas e sem autorização do poder público, em determinados espaços, ao mesmo tempo em que sabem que, por ferirem a lei que regulamenta o que pode e o que não pode ser plantado na cidade, mesmo assim, continuam praticando as ações e sugerindo a outros que também as façam. (BLOOMFIELD, 2012, p. 272).

O Coletivo Interlux foi dissolvido em 2010 quando, segundo seus integrantes, cada um teria seguido um rumo distinto: enquanto alguns tiveram filhos e passaram a dedicar maior tempo a questões pessoais, outros decidiram investir em sua carreira artística de forma individual, outros ainda mudaram de área de atuação. Assim, enquanto alguns se afastaram do movimento ativista, outros permaneceram atuando de outras formas, em outros grupos. Esse é o caso de Goura, que passou a se dedicar à organização e criação de uma associação de ciclistas, a Ciclolguaçu e de Fernando Rosenbaum que criou a Bicletaria Cultural, empreendimento comercial e cultural ligado à bicicleta. Já os artistas Rimon Guimarães, André Mendes e Juan Parada, por exemplo, passaram a se dedicar integralmente à carreira artística.

A visão corrente entre os ex-integrantes é a de que o Coletivo não acabou, pois, a essência de suas práticas e ideias ainda se mantém como inspiração para as ações e ocupações que se sucederam depois da dissolução do Coletivo. O Interlux, segundo seus ex-integrantes, sobrevive por meio do legado das ideias e ações do grupo que “foram exercícios de liberdade, autonomia e ocupação da cidade” para as ações que seriam realizadas posteriormente, como mostra a fala de um dos ex-integrantes do Coletivo:

Com as Praças Pirata, com as intervenções da Jardinagem, com as intervenções da mobilidade, através da Bicletada...foram a semente para a Praça de Bolso do Ciclista. Ali está a questão conceitual, a experimentação. (PARADA, 2015).

Contudo, a fala do artista e ex-integrante André Mendes pode sugerir outros motivos para o desgaste do Coletivo, como a participação em eventos de arte:

A gente começou a dar um gás assim, começou a participar muito de eventos do circuito de arte contemporânea e isso ao mesmo tempo que era bom era ruim. Ao mesmo tempo dava um 'putz, olha onde o coletivo de arte está chegando', tinha gente que não estava curtindo sabe... engessava um pouco... (MENDES, 2015).

A dimensão da marginalidade, como princípio de atuação, *versus* institucionalidade das ações (que também trariam vantagens ao grupo), tanto artísticas quanto ativistas, parece antever algumas questões posteriores na trajetória do movimento e que seriam alvo de debate.

A atuação do Coletivo fomentando o debate sobre mobilidade urbana e o uso do espaço público teria influenciado, segundo seus integrantes, as ações ativistas realizadas posteriormente, funcionando como um modo de agir, um "legado" para os grupos que, com diferentes formas de organização e objetivos, passaram a realizar ações de ocupação e criação de espaços de convivência na cidade:

E o Interlux possibilitou que as pessoas, a qualquer pessoa se apropriar disso, do movimento, de um ato, de um gesto, uma semente que você planta... jogou essa possibilidade para qualquer um...a gente percebeu que a gente conseguia passar para qualquer pessoa essa apropriação da cidade, essa cidade...você é a sua cidade, qualquer coisa relacionado a esse empoderamento, se empodere, isso é seu, saia na rua... (MENDES, 2015).

O movimento ativista, em grande parte composto pelos integrantes do Coletivo Interlux, sofreu uma guinada a partir da entrada de Goura, um dos poucos não-artistas do grupo. Por meio de sua liderança, Goura introduziu temas e formas de ação de cunho político, sem vínculo direto com a arte, que era o foco de atuação deste. Quando o Coletivo foi dissolvido, alguns ex-integrantes partiram para o mercado da arte e passaram a se dedicar integralmente a carreira artística, enquanto outros seguiram com Goura tornando-se ativistas.

Goura parece ter tido um papel importante no redirecionamento do Coletivo artístico para o ativismo urbano e esse processo teve impacto, muito provavelmente maior do que as razões mencionadas pelos seus integrantes para a dissolução do Interlux. Processo que se fez acompanhar do surgimento de outras organizações e lideranças.

### 3.2 O MOVIMENTO INSTITUCIONAL

Em 2011, o processo de mudança do caráter das ações do movimento artista para uma ação mais institucional se consolidou com a fundação da Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu, a Ciclolguaçu, pelos ex-integrantes do Coletivo Interlux Goura Nataraj e Fernando Rosenbaum, em conjunto com outros cicloativistas locais.

Em sua pesquisa o cicloativismo em Curitiba, o sociólogo David Couto descreve como foi o processo de criação dessa Associação:

[...] membros do Interlux, da Bicicletada, de outros grupos de pedalada, esportistas, empresários e ativistas se uniram para fundar a Ciclolguaçu, um nome institucional, com representação jurídica e cargos, onde o principal articulador da Bicicletada desde o Interlux assumiu sua Coordenação Geral. A Ciclolguaçu nunca buscou representar os ciclistas de Curitiba e Região, mas simplesmente percebeu que seu poder de influência e participação nas políticas públicas em favor da ciclomobilidade estava limitado ao fato de não possuírem uma representação jurídica. (COUTO, 2015, p. 164).

Aglutinados na Ciclolguaçu, os ativistas locais colocaram como pauta de discussão, entre outros temas, a mobilidade urbana, a promoção do diálogo com o Poder Público, o auxílio no desenvolvimento de políticas de ciclomobilidade e a realização de campanhas educativas para motoristas, pedestres e ciclistas. Para Goura Nataraj, fundador e primeiro coordenador da entidade, a fundação da associação é parte do processo de amadurecimento das ações dos ativistas na cidade e de ampliação das pautas do movimento.

O que a gente tem, a gente Ciclolguaçu ou movimento artista da bicicleta, é um pensamento maior sobre a cidade e a necessidade de a gente acalmar as ruas, da gente priorizar os pedestres, ruas de pedestres, estruturas para bicicletas...o que a gente pode fazer nessa outra rua para transformar ela mais amistosa aos pedestres, às pessoas. (NATARAJ, 2015d)<sup>123</sup>.

A não representação jurídica, que antes era uma bandeira do movimento artista organizado sob a forma de coletivo, passa a ser vista como limitação para a atuação do grupo. Sobre esse processo de “institucionalização” do movimento ele descreve:

---

<sup>123</sup> Entrevista concedida pelo ativista NATARAJ, Goura. [24 mar. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015d.

Desde o começo da Bicletada as pessoas falavam “você têm que ter uma associação constituída”, e a gente “não, a gente é anarquista, a gente não quer uma associação que vai nos engessar” e de fato não era o momento. Seis anos depois, em 2011, a gente coloca essa questão, para a galera, acho que uma associação ia ser bem-vinda... Nasce a Ciclolguaçu nesse processo (NATARAJ, 2015d).

Em 2012 a bicicleta e o movimento cicloativista já haviam ganhado bastante visibilidade na cidade. Razão pela qual, na campanha eleitoral para a Prefeitura de Curitiba, a grande maioria dos candidatos ao Executivo Municipal das Prefeituras da “região do Alto do Rio Iguaçu” se dispôs a assinar uma nova carta compromisso proposta pela Ciclolguaçu. Na carta, constava a indicação de dez pontos considerados necessários para a construção de “cidades cicláveis”:

Educar para o respeito no trânsito; Reduzir acidentes e mortes de ciclistas; Implantar um Departamento de Transporte Não-Motorizado; Assegurar orçamento específico e progressivo; Rotas do transporte coletivo e não-motorizado; Integração com o transporte coletivo; Distribuir paraciclos por toda a cidade; Espaços viários acalmados; Planejamento integrado da região metropolitana; Fiscalizar efetivamente o comportamento no trânsito.<sup>124</sup>

Após a vitória nas eleições municipais, o candidato simpático à causa da mobilidade urbana compareceu de bicicleta ao ato de posse ao lado de outros cicloativistas, sinalizando um novo passo de aproximação política do movimento com o Poder Executivo Municipal. Pouco tempo depois do pleito eleitoral, como parte dos compromissos assumidos durante a sua campanha, o prefeito recém-eleito nomeou cicloativistas para cargos técnicos da Prefeitura, como o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) e a Secretaria de Trânsito (SETRAN), onde foi concedido a um cicloativista o cargo de Coordenador de Mobilidade Urbana.

Com a fundação da Ciclolguaçu, várias novas situações passaram a permear o cicloativismo na cidade. O fato dos cicloativistas serem de classe média e alta permitiu a alguns deles conhecimentos técnicos em áreas como urbanismo, engenharia ambiental, gestão urbana e design. Agora, pessoalmente ou através de suas empresas, passaram a atuar em projetos e iniciativas, até em cargos técnicos, aglutinando em si diversos papéis sociais através da bicicleta. (COUTO, 2015, p. 167).

A criação da Bicicletaria Cultural, localizada no centro da cidade e sede da Ciclolguaçu, pelo ex-Interlux Fernando Rosenbaum, também é representativa desse processo de visibilidade da bicicleta na cidade. O objeto do ativismo passou a ser

---

<sup>124</sup> Disponível em: <<http://www.cicloiguacu.org.br/2012/08/06/carta-compromisso-da-cicloiguacu-aos-candidatos-a-prefeitura-de-curitiba-eleicoes-2012/>>. Acesso em: 20 set. 2015.

também objeto das empresas e trabalhos dos ativistas, o que fez com que eles tivessem de se ajustar a esse novo momento em que passaram a assumir novas responsabilidades, seja em relação a trabalho quanto em relação ao ativismo.

De acordo com o cicloativista Chris Carlsson, mentor da Massa Crítica nos Estados Unidos, essa dupla atividade pode modificar as características do movimento, retirando o potencial contestador dele: “Na medida em que o compromisso criativo com a cultura do ciclismo se torna um trabalho regular, os impulsos radicais que encontramos em sua cultura são amortecidos” (CARLSSON, 2014, p. 152).

Além da relação profissional, a influência do movimento ativista alcança também outras esferas, como o meio acadêmico e a mídia local. Um exemplo de alcance midiático foi o espaço “Ir e Vir de Bike”, criado pelo jornalista e cicloativista Alexandre Costa Nascimento, num dos principais jornais do Paraná, a Gazeta do Povo, e que publicava periodicamente reportagens relacionadas à bicicleta.

Outra iniciativa de cunho institucional foi a criação do projeto Ciclo Vida, um projeto de extensão do Núcleo de Psicologia do Trânsito da Universidade Federal do PR, sob a coordenação do cicloativista José Carlos Belotto, que desenvolve projetos e ações para promover o uso da bicicleta dentro da Universidade e também fora dela, em parceria com iniciativas privadas e o Poder Público.

A chegada da bicicleta ao debate público tem se dado de forma semelhante em várias partes do mundo, apesar das especificidades locais, o que se explica pelo caráter global do fenômeno, assim como do perfil dos atores envolvidos. Neste contexto, proporcionado pelo sucesso de manifestações subculturais ligadas à bicicleta, a chegada desta ao *mainstream* e às políticas públicas tem obrigado os movimentos sociais a atuar a partir de diferentes formas de ação política, em especial àquelas ligadas ao Estado. (COUTO, 2015, p. 194).

As ações praticadas pelo movimento ativista nesse período se caracterizam por ações diretas, que geram visibilidade na mídia, conquista de parcerias com a iniciativa privada e os espaços políticos e institucional, o que coloca o movimento numa situação complexa em relação à continuidade e independência das suas ações, como alerta Couto em sua análise sobre o movimento cicloativista:

É um tipo de ativismo que equilibra ações diretas independentes, a participação da grande mídia, da política tradicional e do empresariado, por um viés que mescla discursos ambientais, sobre cidadania, empresariado e autonomia graças ao avanço promovido pelo movimento na exposição da situação do ciclista, tornando ainda mais complexo e flexível seu

posicionamento entre os extremos do cooptação e da independência enquanto movimento social. (COUTO, 2015, p. 193).

A atuação da Ciclolguaçu marca esse processo de formalização do ativismo via aproximação do Poder Público, o que é avaliado de forma positiva pelos fundadores da Associação. Como pessoa jurídica institucionalizada, os ativistas teriam passado a exercer maior poder de influência e conquistado novos espaços de participação política em Curitiba.

Contudo, a avaliação sobre esse processo não é ponto pacífico entre os ativistas. O alinhamento do movimento ao Poder Público gerou divergências e até mesmo rompimentos com alguns ativistas que acusavam o movimento de ter sido cooptado, perdendo seu caráter reivindicatório e contestador, substituindo sua esfera de atuação pelas vias institucionais apenas:

Com a intensificação da relação entre Prefeitura e Ciclolguaçu, as ações e vitórias da causa dos ciclistas em Curitiba passaram a ocorrer principalmente através da via institucional. Tal função, por ser exercida pelas mesmas pessoas que articulavam as ações diretas relacionadas à bicicleta, influenciou diretamente sua vitalidade. Devido à concentração do movimento nas demandas por políticas públicas, a conquista desta parceria trouxe, também, a sensação de que as soluções estavam encaminhadas e, por isso, as ações diretas não eram mais tão necessárias, pois, a priori, não havia mais motivo para protestar, visto que o movimento já havia conseguido, enfim, chamar atenção das autoridades políticas (COUTO, 2015, p. 171).

No mesmo sentido, a fala de outro ex-integrante do Coletivo:

Porque antigamente essas ações eram bem arbitrarias, era uma coisa que causava um ruído na cidade, hoje são os amiguinhos e tal, uma coisa bem mais bem vista, mas na época não era bem visto, era uma coisa meio rebelde. Então era bem necessário mesmo aquilo acontecer, para hoje em dia estar essa tranquilidade. Então, talvez hoje em dia nem precise tanto dessas ações. Na época foi necessário [...] Hoje em dia eu vejo esse movimento indo mais fácil. A Prefeitura, o governo, vendo não como rebeldes, mas como parceiros. E a gente também, vendo a Prefeitura não como os malvados e sim convergindo junto com o negócio. (GUIMARÃES, 2015).<sup>125</sup>

A aproximação com o Poder Público, é uma das características do movimento ativista de Curitiba, tendência que começa a ganhar contornos mais claros com a criação da Ciclolguaçu. Sob “nova direção” o ativismo urbano de Curitiba passa a se

---

<sup>125</sup> Entrevista concedida pelo artista GUIMARÃES, Rimon. [26 mar. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015.

caracterizar por atuar em diferentes esferas de ação política, inclusive na esfera da política eleitoral, como se verá no próximo item.

Goura esteve à frente da Ciclolguaçu entre os anos de 2011 e 2014 período em que, entre outras ações, liderou a organização do III Fórum Mundial da Bicicleta e os trabalhos para a construção da Praça de Bolso, descritos anteriormente. É durante esse período que a pauta do movimento cicloativista local, que até então estava mais centrada na questão da ciclomobilidade, é expandida para a discussão sobre o uso dos espaços públicos urbanos e a criação de espaços de sociabilidade nas cidades.

Quando deixou a coordenação da entidade, quem assumiu a Associação foi a designer Yasmin Reck, permanecendo como coordenadora geral da Ciclolguaçu durante a maior parte do período de realização dessa pesquisa. É ela quem lidera as ações das Vagas Vivas na cidade e, por essas razões, uma das minhas interlocutoras preferenciais e a quem recorro por diversas vezes ao longo da pesquisa. Antes de ser coordenadora da entidade, Yasmin era empreendedora e trabalhava em suas duas empresas: uma agência de design e uma empresa chamada Bike Fácil que desenvolvia, entre outros, projetos de bicicletários e consultoria em mobilidade urbana. Ela também foi fundadora do Instituto Energia Humana, juntamente com o seu irmão Ivo Reck, criado em 2011 com o objetivo desenvolver e apoiar projetos sustentáveis de mobilidade urbana, com ênfase em ciclomobilidade. Em algumas dessas ações o Instituto passou a ser parceiro da Ciclolguaçu, por meio da divulgação das ações da Associação e por meio do Instituto Energia Humana.

Yasmin foi convidada por Goura a integrar os quadros da Associação como Coordenadora de Comunicação. Dentro da Associação, passou da criação de cartazes de divulgação dos eventos, à criação e organização de atividades, reuniões, audiências e acabou envolvida com todos os demais projetos da Ciclolguaçu. A partir do início de 2015, como coordenadora da Ciclolguaçu, Yasmin passou a concentrar as suas ações na realização das Vagas Vivas na cidade, descritas anteriormente. Ela ficou na organização até dezembro de 2015, quando foi realizada a eleição da nova coordenação da associação, e depois retornou ao trabalho de escritório, assessorando a empresa do pai, onde trabalha na área de engenharia de transportes e planejamento de transportes urbanos.

A princípio, ela exerceria apenas uma coordenação provisória até a realização de novas eleições, mas elas ocorreram apenas em dezembro de 2015, fazendo com que a designer permanecesse por mais tempo no cargo da associação. Durante o

período de coordenação, Yasmin tornou-se uma das principais lideranças no processo de construção da Praça de Bolso do Ciclista, ao lado de Goura e outros praceiros, e na realização das Vagas Vivas na cidade.

### 3.3 O MOVIMENTO POLÍTICO

Em razão de sua atuação na Ciclolguaçu e dada a repercussão da construção da Praça de Bolso do Ciclista, Goura começou a se destacar como uma das principais, senão a principal liderança cicloativista na cidade. Atuando como um porta-voz dos ativistas tornaram-se comuns os convites para que participasse de debates, palestras e eventos relacionados à mobilidade urbana e apropriação do espaço público urbano.

Estive presente em alguns desses momentos como no evento “Interações – encontros sobre produção, cultura e desenvolvimento” promovido por artistas e produtores culturais da cidade em setembro de 2014, onde Goura participou da mesa redonda “Arte, cultura e cidade: compartilhando experiências ou É possível fazer uma revolução?”. Outra ocasião em que Goura participou como convidado foi durante a mesa redonda “Arte na cidade”, parte do projeto “Arquitetura para Curitiba” promovido por arquitetos e professores de arquitetura na Universidade Federal do Paraná.

Esses eventos serviam para o compartilhamento das experiências do movimento ativista (desde o movimento artivista, com o relato de ações do Interlux até as ações promovidas pela Ciclolguaçu, como o processo de construção da Praça de Bolso do Ciclista) com o objetivo de ampliar o debate das pautas do movimento com outros públicos.

Ele também começou a ter mais visibilidade na mídia local por meio da concessão de entrevistas, participação em reportagens e produção de artigos jornalísticos sobre a construção da Praça de Bolso e o ativismo urbano. Em março de 2015, a Gazeta do Povo publicou uma longa reportagem com o perfil do ativista, fotos e depoimentos. A matéria relatava um pouco de sua trajetória, desde quando era um iogue<sup>126</sup>, passando pelo ativismo urbano, sua passagem pela Ciclolguaçu e sua aproximação com a política, processo que será descrito a seguir.

---

<sup>126</sup> Goura foi por muitos anos praticante de yoga e foi iniciado na filosofia hare krishna, onde recebeu o nome espiritual Goura Nataraj que utiliza.

FIGURA 50 - PERFIL GOURA



FONTE: Gazeta do Povo

Em decorrência da visibilidade do processo de construção da Praça de Bolso do Ciclista e de sua própria liderança, Goura foi convidado pelo Partido Verde para concorrer às eleições federais que aconteceriam em outubro do mesmo ano. Para tal, em meados de 2015 ele se licenciou da Coordenação da Ciclolguaçu e passou a organizar a sua campanha eleitoral.

Essa minha posição agora, como um ator político, dentro da Prefeitura, nesse momento, foi pela minha candidatura [...] A gente – o grupo todo que votou em mim – não elegeu um deputado federal mas elegeu um cargo no executivo. Se eu tivesse feito 1.000 votos eu não teria sido chamado, então eu acho que essa ação vem da candidatura. A candidatura vem sim do movimento da construção da Praça, do Fórum Mundial, de um coletivo que fez aquilo acontecer. E o núcleo duro do Fórum e da Praça e da campanha a deputado federal se manteve coeso. E antes disso teve a Ciclolguaçu, teve os processos. Antes da Ciclolguaçu teve a Bicletada, o Artebicimob, o Interlux em 2005. (NATARAJ, 2016).

A campanha começou oficialmente em meados de junho/julho de 2014 e se estendeu até outubro, período do pleito eleitoral. Envolveu muitos amigos, cicloativistas e pranceiros, os quais se dividiam entre a campanha e a finalização da construção da Praça de Bolso do Ciclista. No processo final de construção da Praça, muitos pranceiros “migraram” para a campanha de Goura, a fim de eleger o candidato que, embalado pelas experiências na Praça de Bolso e nas Vagas Vivas, carregava

como pautas principais a mobilidade urbana e a ocupação de espaços públicos urbanos.

A campanha foi realizada integralmente por voluntários que se dividiam entre as funções de organização, arrecadação de verbas, criação de eventos, produção de conteúdo e estruturação das propostas do candidato. Para os cicloativistas, apesar de Goura ser uma das principais lideranças cicloativistas, o foco não era a pessoa de Goura, mas sim a causa que ele representava. Dessa forma, algumas vezes ouvi frases como: “o Goura está concorrendo, mas poderia ser qualquer outra pessoa” ou, nas palavras de Yasmin Reck, “nosso objetivo era eleger ele, mas o nosso objetivo era aumentar o impacto da nossa pauta. E tendo alguém eleito, é uma forma de ampliar o impacto”. Goura passa a personificar as pautas do movimento.

Uma das estratégias que foram adotadas para divulgar as propostas de Goura foi a promoção de Vagas Vivas como plataforma de campanha. Elas eram organizadas e, enquanto alguns ativistas faziam uso da Vaga, outros abordavam os pedestres que passavam pelo local e distribuíam materiais de campanha (panfletos, jornais, adesivos). Assim, de instrumento de intervenção urbana, a Vaga Viva é transformada em plataforma eleitoral, perdendo – pelo menos em parte – seu caráter contestatório.

Para os envolvidos na campanha, a utilização das Vagas Vivas na campanha de Goura foi uma estratégia bem-sucedida, como demonstra o relato de Yasmin:

[...] a gente viu que [a vaga viva] tinha um impacto bom e era uma pauta nossa: o espaço público, a cidade mais humana...A gente usou [a vaga viva] como estratégia de campanha. Daí eu acho que foram feitas mais umas quatro durante a campanha do Goura, talvez mais, talvez umas cinco. E vendo pelo lado político era uma fábrica de voto, por que você mostra para a pessoa: olha a gente já faz isso, a gente fez uma praça...esse é o nosso coletivo. (RECK, 2015b).

O financiamento da campanha foi realizado por meio da doação de pessoas físicas, que também eram estimuladas a contribuir de outras formas, como por exemplo, por meio da criação e confecção de materiais de campanha, como camisetas, adesivos, placas, entre outros. E apesar de toda a campanha ter sido realizada com baixo orçamento e apenas pequenas doações, Goura conseguiu obter 13.265 votos ao final do pleito eleitoral. O resultado não foi suficiente para elegê-lo, mas foi considerado um resultado vitorioso por seus colaboradores que destacaram a forma que foi realizada: com a participação voluntárias dos cicloativistas, sem “cabos

eleitorais” pagos, sem financiamento de empresas ou “apadrinhamento” político, fazendo de Goura um candidato “diferenciado” dentro do contexto da política eleitoral.

FIGURA 51 - MATERIAL DE CAMPANHA



FONTE: Arquivo Campanha Goura.

Para Goura, o processo da campanha remeteu ao início da trajetória do movimento ativista do Coletivo Interlux e funcionou como outra forma de intervenção na cidade, seguindo os princípios do “*do it yourself*”:

Eu encarei a campanha como uma intervenção, algo que não se tinha controle absoluto do que resultaria. Conseguimos intervir no meio político de uma forma criativa, relevante e sem ficar nos jargões”, avalia. Com um orçamento que mal chegava aos R\$ 20 mil, a estratégia de divulgação de sua candidatura guarda semelhanças com o método *punk* de realizar as coisas: *do it yourself*, no muque.<sup>127</sup>

Desde o período de atividade do Interlux, seus integrantes já especulavam em tom de brincadeira sobre a possibilidade de lançamento de um “candidato pirata para se contrapor aos candidatos oficiais e à política partidária tradicional. É o ex-integrante Jaime Vasconcelos quem relaciona o “candidato pirata” ao Goura candidato: “a gente falou: vamos lançar um candidato da Interlux, um candidato pirata... daí recentemente o Goura se candidatou... olha cara, demorou, mas rolou”.

<sup>127</sup> Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/e-pra-frente-que-se-pedala-7ycscdk6szados1r9x757dv9w>>. Acesso em: 20 maio 2015.

FIGURA 52 - MATERIAL DE CAMPANHA



FONTE: Arquivo Campanha Goura.

No entanto, Goura assegura que a atuação político-partidária nunca havia sido algo desejado por ele, pelo contrário, era uma aversão para alguém que se autodeclara ideologicamente como anarquista. Revendo sua posição e ressignificando sua ideologia, ele defende que o anarquismo não seria o total antagonismo da sociedade ao poder exercido pelo Estado, mas sim o compartilhamento desse poder com os cidadãos:

[...] uma forma de jogar a responsabilidade com a coisa pública, compartilhar essa responsabilidade com os cidadãos, seja com o cuidado com a cidade, com a manutenção da cidade, da coisa não ser só uma decisão autocrática, de técnicos e políticos... ser uma coisa como a Praça [de Bolso do Ciclista] foi. O Estado vai dar o apoio para isso acontecer. Então eu acho que essa visão de anarquismo é uma forma de melhor Estado. O melhor Estado é aquele que menos governa, no sentido de favorecer o “empoderamento” do cidadão, esse fortalecimento da autonomia. (NATARAJ, 2016).

Com a campanha, Goura passou a ser uma “pessoa pública” na cidade, símbolo do movimento ativista, da bicicleta e da ocupação dos espaços públicos:

Goura concorreu ao cargo durante as eleições do ano passado pelo Partido Verde. Conquistou simpatizantes pelas ruas e pelas redes sociais, mas não chegou a Brasília. Foi o candidato das pautas ditas alternativas: era “o cara das bicicletas”, do parto humanizado, da reocupação do espaço público pelas pessoas; representava, enfim, um discurso que destoava do politiquês corriqueiro<sup>128</sup>.

A quantidade expressiva de votos é considerada por Goura uma das razões pelas quais ele teria sido convidado, ao fim do pleito eleitoral, para trabalhar na

<sup>128</sup> Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/e-pra-frente-que-se-pedala-7ycscdk6szados1r9x757dv9w>>. Acesso em: 20 maio 2015.

Secretaria de Trânsito da Prefeitura Municipal de Curitiba e integrar a equipe da Coordenadoria de mobilidade urbana. A coordenadoria, que tem como função principal cuidar de políticas públicas municipais para a bicicleta, havia sido uma demanda levantada pelos cicloativistas na carta compromisso assinada pelo Prefeito Gustavo Fruet quando este ainda era candidato às eleições municipais de 2012. Desde a sua criação, outros cicloativistas já haviam precedido Goura no cargo.

A gente sempre quis mexer na cidade, inserir novos símbolos, mexer com dinâmicas, então eu acho o espaço de decisões políticas ele é um espaço onde você tem um poder de mexer com a cidade. Então se você tem coisas, não quero fazer juízo de bom ou mau, coisas boas, construtivas, eu acho que você não pode se furtar de querer ocupar esse espaço... eu ainda vejo como intervenção, essa entrada política, ainda vejo e trato como uma forma da gente agir numa outra esfera. O artista não quer mudar a cidade, a realidade? (NATARAJ, 2015c)<sup>129</sup>.

Na SETRAN, Goura organiza a colocação de paraciclos em pontos diversos do centro da cidade, alterando algumas vagas destinadas ao estacionamento rotativo de carros. Também atua como mediador entre ativistas e Poder Público Municipal como, por exemplo, durante a Semana do 322, quando entrou em contato com a Ciclolguaçu para a realização das Vagas Vivas ou convidando a entidade para participar de campanhas e eventos promovidos pela SETRAN.

Segundo Gilberto Velho (2001), mediador é o sujeito que participa de “dois mundos”, condição que implica trânsito e familiaridade com “universos sociais” distintos e que permite a determinados indivíduos ocupar a função de mediação. É o caso, por exemplo, de empregadas domésticas que transitam entre o seu universo social e aquele dos patrões. Por meio do trabalho, elas adquirem habilidades, conhecimentos, hábitos que “levam” para suas casas, bairros, etc. Por outro lado, também ensinam e/ou aplicam conhecimentos de seu universo de origem no universo de seu trabalho (conhecimento de remédios caseiros, benzeduras, por exemplo).

Os indivíduos, especialmente em meio metropolitano, estão potencialmente expostos a experiências muito diferenciadas, na medida em que se deslocam e tem contato com universos sociológicos, estilos de vida e modos de percepção da realidade distintos e mesmo contrastantes. Ora, certos indivíduos mais do que outros não só fazem esse trânsito, mas desempenham o papel de mediadores entre diferentes mundos, estilos de vida e experiências (VELHO, 2001, p. 20).

---

<sup>129</sup> Entrevista concedida por NATARAJ, Goura. [27 mar. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015c.

Também as relações sociais fluem entre estes dois “mundos” por meio da mediação: o marido da empregada (ou algum outro membro de sua rede de parentesco ou vizinhança, da igreja, etc.) pode vir a ser contratado, por exemplo, como motorista, encanador, pedreiro, jardineiro de seus patrões (ou de seus familiares, amigos, etc.). Os patrões, por sua vez, podem usar suas relações pessoais para resolver problemas da empregada e/ou seus familiares indicando/pagando médicos, advogados, etc.

Dessa forma, empresto o conceito proposto por Velho para iluminar a posição que Goura passa a ocupar enquanto ciclotivista e agente do Poder Público: sua atuação e liderança no grupo de ativistas lhe garantiram posição de destaque que acabou levando-o a candidatar-se a um cargo político e, embora não tenha sido eleito, ele foi engajado como agente do Poder Público tornando-se um mediador entre este os ativistas. Circulando entre esses “dois mundos”, produziram-se novas relações e formas de fazer, tanto na esfera governamental como no movimento ativista.

Um exemplo disso é a “institucionalização” ou “regulamentação” das Vagas Vivas que passaram a ser realizadas mediante autorização da SETRAN e preenchimento de formulário elaborado pela Ciclotguaçu. Da mesma forma, a Semana do 322 foi realizada por meio de sugestão da SETRAN, convocando-se os ativistas para a realização de Vagas Vivas em comemoração ao aniversário de Curitiba e como incentivo à instalação de Vagas Vivas permanentes na cidade.

Goura se desloca entre o universo das agências públicas e o universo ativista, mediando muitas vezes conflitos existentes entre ambos. Por um lado, ele leva para o universo ativista, por meio de seu exemplo e atuação, o conhecimento e habilidades adquiridos no cargo público, mas também impõe ao ativismo uma série de procedimentos e burocracias a serem seguidos.

Segundo a antropóloga Karina Kuschnir (2007), nas grandes metrópoles é frequente a atuação da figura do “político-mediador” que transita pela cidade, física e simbolicamente, “gerando novos valores e condutas”. Este possui inserção social privilegiada e seu papel é estratégico, já que suas ações podem influenciar a vida dos seus contemporâneos. Nesse sentido, ele estabelece pontes de comunicação entre os universos pelos quais transita e suas ações podem ser entendidas como um projeto a partir do qual ele organiza sua vida e interesses (KUSCHNIR, 2007, p. 50).

Além da instalação de paraciclos e das ações da vaga viva realizadas em parceria com a Ciclotguaçu, como membro da gestão pública Goura realizou ações

educativas nas ruas, em escolas públicas e bairros da periferia, firmou um convênio com o governo da Holanda para o desenvolvimento de projetos de ciclomobilidade e participou do lançamento da Área Calma, um projeto da Prefeitura Municipal de Curitiba que cria uma zona de velocidade reduzida no centro da cidade com velocidade máxima permitida de 40 km/h, entre outras iniciativas que vem realizando a frente da Coordenadoria de Mobilidade Urbana da SETRAN.

Apesar das realizações, Goura reconhece que há limites impostos pelo exercício do cargo público à sua atuação enquanto ativista. Ele define como “outra forma de ativismo” sua atuação nos espaços e limites da máquina pública. Atuação que, de acordo com ele, seria tão efetiva quanto o antigo ativismo praticado junto com o Interlux ou a Ciclolguaçu,

Agora é outra forma de ativismo. Vai fazer um ano e quatro meses que eu estou dentro da Prefeitura, eu me dispus a isso... eu acho que é uma questão assim, eu estou no setor público, tem uma de responsabilidade com a coisa pública, de levar com seriedade aquilo, vestir a camisa, com as críticas todas que tem. (NATARAJ, 2016).

A entrada do Goura na administração municipal foi bem recebida por parte dos ativistas, como demonstra a fala do ex-integrante do Interlux, Tiê Passos:

É difícil ter alguém dentro da Prefeitura que tenha visão real dos ciclistas então o pessoal da Ciclolguaçu tem uma visão real, do dia a dia, de como é andar de bicicleta, de como é a ciclovia, é legal ter uma posição de uma pessoa que tem uma vivência, não é um cara que anda de carro todo dia mas quer fazer uma ciclovia, é um cara que anda de bicicleta todo dia e que sabe qual o andamento que seria bom. (PASSOS, 2015)<sup>130</sup>.

Porém, ele também sofreu duras críticas por ter aceitado o cargo na Prefeitura entre outros argumentos, porque isso representa “cooptação” do movimento pelo Poder Público, alinhamento político com o partido do Prefeito em exercício e consequente perda da força contestatória do movimento:

Teve um vereador que falou assim: “Pô, que legal que você aceitou. Não sei se isso é bom eleitoralmente para você”. Ele quis dizer que de certa forma estou me restringindo, como se estivesse me comprometendo por trabalhar na gestão do PDT. (NATARAJ, 2015b).<sup>131</sup>

<sup>130</sup> Entrevista concedida pela designer PASSOS, Tiê. [24 abr. 2015]. Entrevistador: Analice Ohashi. Curitiba, 2015.

<sup>131</sup> Entrevista concedida por NATARAJ, Goura. [9 maio 2015]. Entrevistador: Gazeta do Povo. Curitiba, 2015b. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/e-pra-frente-que-se-pedala-7ycscdk6szados1r9x757dv9w>>. Acesso em: 20 maio 2015.

O caminho eleitoral e a aproximação com o Poder Público, portanto, não é consenso entre os ativistas. A ideia de parceria pode chocar-se com a de cooptação. Alguns ativistas defendem a parceria com Poder Público, outros criticam a cooptação do movimento, como por exemplo no momento da inauguração da Praça de Bolso do Ciclista, quando a ativista Yasmin se recusou a participar do evento e deixou o local por causa da presença de políticos que, na sua opinião, estavam se apropriando da realização para fins eleitorais. Não se trata de conflito explícito, declarado, mas existe tensão interna em torno destes temas.

Goura responde a essas críticas salientando o potencial de realização de seus projetos via Prefeitura, ao mesmo tempo que tem procurado dissociar sua imagem como única liderança do movimento:

Não me vendi, não fui cooptado, não estou ali coçando o saco sem fazer nada... eu ajudo em tentativas de diálogos, articulações, ponte com os secretários. Me acusaram de ter vendido o movimento por eu ter aceito um cargo na Prefeitura. Como se eu fosse o movimento. E eu não quero isso, eu nunca quis isso. Até eu me afastei um pouco da Ciclo e da Bicicletada para as coisas ganharem pernas próprias, é um perigo personalizar numa figura e eu acho que por muito, eu puxei muitas coisas. (NATARAJ, 2016).

Ele enfatiza agora sua experiência como gestor público, valoriza o fazer por meio das ações do órgão público municipal e a construção de políticas públicas.

Assim como na Praça (de Bolso do Ciclista), a gente pode mudar a cidade, ocupando os espaços de decisão e isso é um aprendizado político por que você tem as vezes somente um embate, dos movimentos, dos indivíduos, com os políticos, mas não uma persistência de construção. E só um xingamento, e só a crítica [...] E acho que a gente tem que ocupar os espaços de decisão com pessoas que tem coisas a contribuir. A minha visão só está ganhando em escala. Eu ainda acredito que as pessoas têm que ocupar os espaços públicos, que elas têm que intervir criativamente. Quando a gente pintou a ciclofaixa, foi o *big bang* do que está acontecendo agora. Agora eu estou na Prefeitura ajudando a fazer ciclofaixas oficialmente (NATARAJ, 2016).

Esse movimento de uma de suas principais lideranças sugere que a ação direta sobre o espaço público (acompanhada pelo embate político) foi substituída pela ocupação dos espaços de decisão. O perfil de transgressão que antes caracterizava as ações ativistas acabou sendo substituído por ações legais, de origem governamental como demonstra a fala a seguir:

Por anos e anos a gente ficou fazendo a vaga viva sem autorização, ocupando a rua, ocupando o espaço e criando essa discussão. O objetivo era que houvesse uma política pública de Vagas Vivas e vai sair esse mês o decreto de vaga viva que vai possibilitar que você ponha uma vaga viva na frente da tua casa, na frente do teu comércio e que a gente comece a ter essas Vagas Vivas permanentes na cidade. De novo, é uma forma, olha a ação cidadã, anárquica, ela pode ser sim propositiva, ela pode sim ser construtiva, ela pode ajudar o Poder Público ao invés de ser só uma ação, de gozo individual, do artista, do ativista, do vândalo ou ela também pode ser. (NATARAJ, 2016).

As relações entre ação direta e política representativa não são de exclusão, mas a força da ação direta diminui ao longo da trajetória do movimento, dando lugar à política representativa e à atuação nos espaços decisórios. A trajetória política de Goura evidencia a transição de uma postura centrada no ativismo artístico voltado ao protesto contra certas práticas do planejamento urbano, para ações institucionalizadas, politicamente negociadas no interior da máquina pública.

A partir do descrito acima é possível acompanhar em parte o que foi a trajetória do movimento ativista em Curitiba. De uma relação de criminalização das ações ao convite para compor uma Secretaria de governo há tensões, ressignificações e reconhecimentos mútuos. Ainda que não se possa estabelecer contornos fixos para esses coletivos urbanos, inegavelmente há um reconhecimento crescente por parte do Poder Público da legitimidade de suas reivindicações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tomar as práticas e experiências de grupos ativistas (e artistas) de Curitiba como tema de pesquisa busquei descrever a trajetória desse movimento e seus protagonistas, traçando os caminhos percorridos, as estratégias adotadas, as ações praticadas e os processos pelos quais esses atores vão gradualmente se estabelecendo como ativistas e coletivos, categorias que vem crescendo significativamente nos últimos anos e ganhando visibilidade na mídia local. A mobilização de suas demandas aciona também uma rede extensa e complexa que envolve diversos setores da sociedade como o Poder Público, a iniciativa privada, universidades públicas e outras organizações.

Como procurei descrever, a Praça de Bolso do Ciclista e a Vaga Viva são lugares-eventos vividos que permitem apreender práticas e trajetórias dos ativismos em Curitiba. Esses dois lugares-eventos revelam como são concebidas certas práticas contemporâneas de apropriação do espaço urbano e, também, como seus autores pensam as relações entre ativismo e cidade, como constroem seus projetos e desenvolvem estratégias de ação.

Goura – um dos principais interlocutores desta pesquisa – sintetiza um pouco da trajetória do próprio movimento uma vez que, por um lado, sua história pessoal enquanto artista e posteriormente como gestor público, acompanha o próprio “movimento do movimento” que começa por meio de um coletivo artístico e transforma-se em parceria com o Poder Público no desenvolvimento de políticas voltadas à mobilidade e planejamento urbanos, numa espécie de “profissionalização” do movimento.

A aproximação institucional propiciou na sua avaliação conquistas de reivindicações do movimento, como a criação da Praça de Bolso do Ciclista e a instalação de Vagas Vivas permanentes. Assim, parceria e autonomia aproximam-se e afastam-se dependendo do momento dessa trajetória e influenciam diretamente na atuação do grupo.

Com o trabalho de campo, novas questões surgiram, tais como os conflitos com outros grupos sociais e a questão da gentrificação dos espaços públicos urbanos. Apesar de não fazerem parte do recorte deste trabalho, essas questões permearam toda a pesquisa e surgiram em algumas ocasiões em falas e debates. Assim, procurei

retratar por meio da fala de alguns dos meus interlocutores essas tensões e a própria reflexão deles acerca dessas questões.

Desde as primeiras ações artivistas na cidade, por volta de 2005 até a construção das Praças e a instalação das Vagas Vivas permanentes, os ativistas mudaram suas estratégias de ação, fortalecendo a participação nas redes institucionais e estreitando laços com o Poder Público e seus agentes, além de participarem mais ativamente na construção de políticas públicas.

Como demonstrado, um ideal de cidade e convivência no espaço público perpassa a ação desses movimentos, assim como a ideia de ação coletiva nos espaços públicos urbanos. E é por meio destes fatores (ação, coletivo, convivência, espaço público) que essa dinâmica com a cidade é construída por esse movimento. Assim, o “pôr a mão na massa”, na “cidade que é nossa” é algo valorizado pelos ativistas e visto como exercício de cidadania.

Na prática, contudo, essas concepções se chocam com outros grupos sociais, de classes sociais distintas e outras concepções sobre a cidade. Como vimos no primeiro capítulo, no novo contexto provocado pela construção da Praça de Bolso Ciclista e revitalização da região da Rua São Francisco, a tão desejada convivência no espaço público só pode existir com uma série de entendimentos entre os diversos grupos que fazem uso dele. Da mesma forma, a ação direta na cidade também exige a negociação com o Poder Público e parcerias que a garantam.

Assim como a atuação do Coletivo Interlux marca a passagem da militância para a aproximação com o Poder Público, as Vagas Vivas também são um ponto de passagem de ações artivistas para a formalização de um equipamento de mobiliário urbano. Enquanto nas práticas do Coletivo Interlux e das Vagas Vivas, o espaço é tomado à revelia como prática de cidadania, na Praça de Bolso do Ciclista e nas Vagas Vivas permanentes, o espaço é construído por meio da parceria com o Poder Público, ou seja, a institucionalização da ação é um meio para o exercício de cidadania. São duas nuances distintas da prática da cidadania.

A “pirataria” do Coletivo Interlux opõe-se ao *pôr a mão na massa* do movimento parceiro do Poder Público. A ilegalidade característica da “pirataria” é substituída pela legalidade constantemente negociada por Goura.

A Vaga Viva pode ser vista como um misto entre “pirataria” e “pôr a mão na massa”, ela começa com algo mais parecido com a pirataria, ou seja, com a apropriação inesperada e espontânea, mas quando vira um projeto governamental de

mobiliário urbano, dependente de autorização e seguindo regras para a sua realização, perde seu potencial “pirata” tornando-se algo negociado junto à esfera pública.

Assim, desde a Praça até as Vagas Vivas, é na relação entre as práticas desses grupos e parcerias institucionais do ativismo em Curitiba que se configura um modo particular de ação, que não é mais aquele praticado nos primórdios do ativismo local, o qual ganha contornos formais e implica em ganhos e perdas para o movimento. Não se trata de pensar sobre a efetividade de práticas simbólicas de protesto, mas o que acontece quando estas são apropriadas com outros fins. Para pensar a relação do movimento com o Poder Público é necessário pensar como essas experiências realizadas na cidade são apropriadas pelo poder em sua forma institucional.

O discurso universalizante da ocupação por vezes entra em conflito com práticas restritivas (seja por parte do movimento, comerciantes, seja pelo Poder Público) e ficam dúvidas sobre quem são as pessoas que efetivamente se apropriam desses espaços ou para quem seriam essas ocupações e por que alguns de seus realizadores se retiram desses espaços após a sua inauguração.

Há pontos de tensão presentes em relação ao uso desses espaços, à finalidade dessas ações e ao papel do Poder Público. Não são questões que se resolvem aqui, muito menos na prática e cotidiano desses movimentos soluções rápidas e simples, o que reforça a multiplicidade e pluralidade de discursos e práticas existentes. Assim, analisar o “movimento do movimento” implica captar elementos de algo que segue em construção.

Gostaria de ressaltar ainda que, apesar dos recentes esforços de reflexão sobre o ativismo urbano no Brasil e suas estratégias de atuação e mobilização, este campo de estudos demanda continuidade de pesquisa, numa interface entre diversas áreas de conhecimento como arte, geografia, urbanismo e comunicação, apenas para citar algumas. A continuidade desses estudos poderá acompanhar o desenvolvimento dessas ações e movimentos que surgem a cada dia, em uma cidade diferente, com reivindicações e formas de agir específicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Erminia (org). **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2002.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 3ª edição. Campinas, SP: Papirus, 2003.

BARBOSA, Antônio Rafael; RENOLDI, Brígida. Introdução. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_; Marcos Verissimo (org). **(I)Legal**: etnografias em uma fronteira difusa. 1ª ed. Niterói: Editora da UFF, 2014, p.11-22.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmacha no ar**: a aventura da modernidade. 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara**: estudo sobre a circulação de objeto rituais nas folias de reis. Rio de Janeiro: UFRJ, IFCS, 2008.

BLOOMFIELD, Tânia Bittencourt. **O espaço urbano vivido, percorrido e produzido por práticas artísticas contemporâneas, na cidade de Curitiba**. 2012. 303 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

BORGES, Antonádia Monteiro. **Tempo de Brasília**: etnografando lugares-eventos da política. Rio de Janeiro: Relime Dumará. UFRJ, 2003.

BUENO, Chris. **Ocupe Estelita**: movimento social e cultural defende marco histórico de Recife. Ciência e Cultura, v. 66 n. 4. São Paulo, out/dez, 2014.

CARLSSON, Chris. **Nowtopia**: iniciativas que estão construindo o futuro hoje. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014.

CARVALHO, André de Souza. **Urbanismo em Curitiba**: mudanças e transformações no pensar a cidade. Anais: Encontros Nacionais da Anpur, v. 15, 2013. Disponível em: <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/4591>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **O Urbanismo e discursos modelares da Curitiba Contemporânea**. Revista Vernáculo, n. 26, 2º sem./2010. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/20741>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

CHAIA, Miguel (org). **Arte e política**. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2007.

COUTO, David. **Da galera da bike ao cicloativismo**: bicicleta e política na cidade de Curitiba/PR. Florianópolis: UFSC, 2015.

DA MATTA, Roberto. **A casa & a rua**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBORD, Guy. **Manifesto Internacional Situacionista**. Internacional Situacionista 4,

1960. Disponível em: <<http://guy-debord.blogspot.com.br/2009/06/manifesto-internacional-situacionista.html>>. Acesso em: 6 jul. 2015.

EDWARDS, Jeanette; STRATHERN, Marilyn. Including our own. In: CARSTEN, Janet. **Culture of relatedness**. New approaches to the study of kinship. Cambridge University Press, 2000.

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GIOVANNI, Julia Ruiz di. **Artes de abrir espaço**: apontamentos para a análise de práticas em trânsito entre arte e ativismo. Cadernos de Arte e Antropologia, v. 4, n. 2, 2015, p. 13-27.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. v. 16, n. 47, maio-ago, 2011, p.333-513.

GOMES, Edlaine de Campos; MENEZES, Rachel Aisengart. **Etnografias possíveis**: “estar” ou “ser” de dentro. São Paulo: Revista Ponto Urbe, n. 3, 2008. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/1748>>. Acesso: 2 jul. 2016.

JACQUES, Paola Berestein. **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Internacional Situacionista. Rio de Janeiro: Casa da Plavra, 2003.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de grandes cidades**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

KUSCHNIR, Karina. **Antropologia da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

MAGNANI, José Guilherme. Transformações na Cultura Urbana das grandes metrópoles: As cadeiras na calçada. **Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/USP)**. 1998. Disponível em: <[http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/transformacoes\\_cultura\\_urbana.pdf](http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/transformacoes_cultura_urbana.pdf)>. Acesso em: 8 out. 2014.

\_\_\_\_\_. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, jun./2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749>>. Acesso em: 8 out. 2014.

\_\_\_\_\_. **Da periferia ao centro**: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

MARTUCCELLI, Danilo. **O coletivo não me parece mais a chave da inteligência da sociedade**. 2013. Entrevista ao Portal UFMG. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/online/arquivos/030511.shtml>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

MITCHELL, W. J. T. Image, Space, Revolution: The Arts of Occupatio. **Critical Inquiry**. v. 39, n. 1, outono/2012. p. 8-32.

MORRIS, Rosalind. Legacies of Derrida: Anthropology. In: GIOVANNI, Julia Ruiz di. **Artes de abrir espaço**: apontamentos para a análise de práticas em trânsito entre arte e ativismo. Cadernos de Arte e Antropologia, v. 4, n. 2, 2015, p. 13-27.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otavio Guilherme (org). **O fenômeno urbano**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

ROLNIK, Raquel. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In: MARICATO, Erminia [et al]. **Cidades Rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomara as ruas do Brasil. 1ª edição. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 7-12.

SILVA, Vagner Gonçalves. Esquinas Sagradas: O candomblé e o uso religioso da cidade. In: MAGNANI, José Guilherme. **Na Metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo: Editora da USP; Fapesp, 2000.

STRATHERN, Marilyn. Os limites da autoantropologia. In: \_\_\_\_\_. STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TAYLOR, Diana. Cidadania em performance: os artistas vão às ruas. In: RAPOSO, Paulo et al (org). **A terra do não-lugar**: diálogos entre antropologia e performance. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013. p. 211-222.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: \_\_\_\_\_. KUSCHNIR, Karin (org). **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

\_\_\_\_\_. Biografia, trajetória e mediação. In: \_\_\_\_\_. KUSCHNIR, Karina (org). **Mediação, Cultura e Política**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001. p. 15-28.

WISNIK, Guilherme. **O ativismo urbano e o valor de uso do espaço público**. 2015. Entrevista ao jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/11/1705535-o-ativismo-urbano-e-o-valor-de-uso-do-espaco-publico.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2015.